

KARINA ZANDONADI NUNES

**INTOLERÂNCIA VERBAL NA INTERNET: UMA ANÁLISE DAS RESPOSTAS A
UM TUÍTE DO PAPA FRANCISCO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

Nunes, Karina Zandonadi, 1996-
N972i Intolerância verbal na internet [recurso eletrônico]: uma
2021 análise das respostas a um tuíte do Papa Francisco / Karina
Zandonadi Nunes. – Viçosa, MG, 2021.
1 dissertação eletrônica (138 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Orientador: Mônica Santos de Souza Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 124-127.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2021.013>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Análise do discurso. 2. Insulto. 3. Internet. 4. Twitter
(Rede social on-line). 5. Liberdade de expressão. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de
Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 401.41


KARINA ZANDONADI NUNES

**INTOLERÂNCIA VERBAL NA INTERNET: UMA ANÁLISE DAS RESPOSTAS A
UM TUÍTE DO PAPA FRANCISCO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

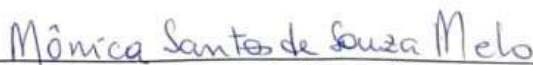
APROVADA: 22 de julho de 2021.

Assentimento:



Karina Zandonadi Nunes

Autora



Mônica Santos de Souza Melo

Orientadora

Para Emanuelle.

Que você encontre o mundo mais tolerante
e amigável do que eu encontrei.

AGRADECIMENTOS

Nenhum caminho se percorre sozinho. Por isso agradeço a todos que me acompanharam e me permitiram, hoje, estar onde estou e ser quem sou.

Ao Verbo. Por me capacitar física e psicologicamente, pela sabedoria da Palavra e por me manter sob Sua Destra.

Aos meus pais, César e Maria José, por me incentivarem a trilhar o caminho dos estudos e por me darem o suporte que sempre precisei.

Aos meus irmãos, Tathiana e Caio, e à minha sobrinha, Manu, por deixarem meus dias mais leves.

Ao meu companheiro dos últimos anos, Pedro, por ter acreditado em mim quando eu mesma não o fiz.

À minha orientadora, Mônica, por toda paciência e por partilhar tanto conhecimento com clareza e serenidade.

À Viçosa e à UFV, que me acolheram tão bem nesses sete anos, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), cujo apoio financeiro foi imprescindível para a realização deste trabalho.

Ao DLA, ao PPG e aos amigos que dividiram comigo as preocupações e também os dias de felicidade desde a graduação. Irmã Brenda, mãe Jéssica e bebê Sofia, minha dupla Isac, Lucas adm do QB, Lívia Cullen, Luísa, Yaghor, Nara, Gustavo, Daniel, Wesley, Capita, ... Tanta gente! Aos amigos de Vila Velha que, embora longe, se fizeram presentes: Igor, Vitor, Isabela, Amanda e Zion, Bárbara e Mariana.

Meu muitíssimo obrigada. Serei eternamente grata por ter cada um de vocês em minha vida.

RESUMO

NUNES, Karina Zandonadi, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2021. **Intolerância verbal na internet: uma análise das respostas a um tuíte do Papa Francisco.** Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo.

As pesquisas realizadas na área da linguagem contribuem para que fenômenos sociais se tornem cada vez mais evidentes. Na contemporaneidade, aprofundar os conhecimentos sobre as estruturas e relações na internet é aprofundar também os estudos sobre a sociedade em si. E como o anonimato e a liberdade de expressão se tornaram bases constituintes deste espaço, muitos usuários acreditam poder dizer tudo aquilo que desejam sem que sejam punidos por seus atos. O ciberespaço deu superpoderes à violência simbólica, mas isso não significa que a intolerância verbal tenha sido originada na internet. Neste estudo, a intolerância se mostra como consequência de uma polêmica causada a partir da publicação de um vídeo no Twitter do Papa Francisco que pede pela imparcialidade dos juízes. Em decorrência de acontecimentos políticos, da progressiva midiaticização do discurso religioso e da popularização dos sites de redes sociais, diversos comentários intolerantes foram realizados em tal postagem. No discurso intolerante é possível notar, então, que há um sentimento exacerbado de repulsa em relação ao *eles* porque este rompe os pactos sociais aceitos e partilhados pelo *nós*. Dentre os 5639 comentários coletados, encontramos 289 respostas contendo intolerância verbal, classificados a partir de Barros (2011, 2016, 2014), e Amossy (2017a). Para analisar o conteúdo linguístico-discursivo e os imaginários sociodiscursivos dos comentários, nos apoiamos em Charaudeau (2001, 2005, 2007a, 2007b, 2008, 2009, 2014, 2015, 2017), além de Barros (2011) e Melo (2020) para investigar as temáticas mais recorrentes presentes nos discursos intolerantes. Diante de nossas investigações, notamos que a intolerância verbal presente nas respostas é apenas um dos indicadores de que estamos vivendo em uma sociedade intolerante que usa da linguagem para se manifestar em momentos de crises.

Palavras-chave: Intolerância verbal. Internet. Twitter. Liberdade de expressão. Análise do Discurso.

ABSTRACT

NUNES, Karina Zandonadi, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2021. **Verbal intolerance on the internet: an analysis of responses to a Pope Francis' tweet.** Advisor: Mônica Santos de Souza Melo.

Researches produced in the language area contributes to social phenomena becoming each time more apparent. Nowadays, deepening knowledge about the structures and relationships on the internet is also deepening studies about society itself. And as anonymity and freedom of expression have become part of the constituent bases of the cyberspace, many users believe they can say whatever they want without being blamed for their actions. Cyberspace has given superpowers to symbolic violence, but that doesn't mean that verbal intolerance was originated on the internet. In this study, intolerance is shown as a consequence of a polemic caused by a video on Pope Francis' Twitter that requires the impartiality of judges around the world. As a result of historical events, the progressive mediatization of religious discourse and the popularization of social networking websites, several intolerant comments were posted in this post. It is possible to notice, in intolerant discourse, that there is an intensified feeling of repulsion towards *them* because they violate social pacts accepted and shared by *us*. Among the 5639 comments collected, we found 289 replies containing verbal intolerance, classified from Barros (2011, 2016, 2014), and Amossy (2017a). To analyze the linguistic-discursive content and the socio-discursive imaginaries of the comments, we relied on Charaudeau (2001, 2005, 2007a, 2007b, 2008, 2009, 2014, 2015, 2017), in addition to Barros (2011) and Melo (2020) to investigate the most recurrent themes in intolerant speeches. Owing to our investigations, we noticed that the verbal intolerance within the responses is just one of the indicators that we are living in an intolerant society that uses language to manifest it in times of crisis.

Keywords: Verbal intolerance. Internet. Twitter. Freedom of expression. Discourse analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Situação de comunicação	40
Figura 2: Captura de tela da publicação	52
Figura 3: Captura de tela do vídeo.....	54
Gráfico 1:	56
Gráfico 2:	57
Gráfico 3:	112

LISTA DE SIGLAS

Partido dos Trabalhadores (PT)

Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)

Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

Partido Social Liberal (PSL)

Unidade de terapia intensiva (UTI)

Estados Unidos da América (EUA)

Análise do Discurso (AD)

Interface de Programação de Aplicativos (API - do inglês Application Programming Interface)

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Produto interno bruto (PIB)

Estatuto da Criança e Adolescente (ECA)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO	15
2.1 Um resumo do cenário político brasileiro.....	15
2.2. Miatização do discurso religioso	19
2.3 A identidade do Papa Francisco.....	21
CAPÍTULO 3. DO DISCURSO POLÊMICO ÀS MANIFESTAÇÕES INTOLERANTES NOS SITES DE REDES SOCIAIS	26
3.1 Discurso polêmico	26
3.2 Discurso de intolerância verbal.....	29
3.3 Intolerância versus liberdade de expressão.....	31
CAPÍTULO 4. REFERENCIAL TEÓRICO	36
4.1. Sites de redes sociais e o Twitter	36
4.2 O discurso e a Análise do Discurso	39
4.2.1. A Teoria Semiológica.....	40
4.2.2. Os Modos de organização do discurso	43
4.2.3. Imaginários sociodiscursivos	46
CAPÍTULO 5. METODOLOGIA	49
5.1. Identificação e seleção do corpus	49
5.2. Estratégias de ação e categorias de análise	51
CAPÍTULO 6. ANÁLISES	52
6.1 Da postagem do Papa Francisco	52
6.2 Dos comentários.....	55
6.2.1 Modo Enunciativo	60
6.2.2 Modo Descritivo.....	79
6.2.3 Modo Argumentativo	90
6.3 Dos imaginários sociodiscursivos.....	98
CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	124
ANEXOS	128

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

Estudar a internet nos dias de hoje é, conseqüentemente, estudar também a sociedade. Desde sua criação em 1962, como instrumento militar, até sua privatização na década de 90 (CASTELLS, 2003), e a popularização entre os cidadãos de todo o mundo, as tecnologias mudaram muito e trouxeram mudanças também nos diferentes grupos sociais.

Características como a interatividade, a liberdade de expressão, além das múltiplas possibilidades de uso tornam a internet uma ferramenta indissociável do modo de vida pós-moderno. É possível inclusive dizer, talvez, que todas as instâncias sociais fazem uso dela: da educação à política, da justiça à religião, não há um só âmbito que não esteja, de alguma forma, envolvido com a internet.

A influência desses diferentes domínios foi fortalecida pela disseminação de ideais por meio do ambiente virtual, mas algumas instituições já exerciam um controle sobre a população muito antes disso. A Igreja Católica, por exemplo, tem grande influência nas sociedades de todo o mundo desde sua fundação, sendo uma das organizações com maior visibilidade social, tanto pela posição de prestígio por um lado, quanto pelas críticas de que é alvo por outro, ocupando um papel de centralidade no contexto de modernidade.

Ainda que, tradicionalmente, a Igreja Católica mantenha um posicionamento mais conservador, recentemente os posicionamentos do Papa Francisco têm demonstrado uma aproximação com diferentes grupos de fiéis. Como primeiro papa latino-americano, argentino, jesuíta e o primeiro a adotar o nome de Francisco¹, ele logo cativou grande parte dos católicos. Foi eleito aos 76 anos, sucedendo o Papa Bento XVI, e em seu primeiro discurso na sacada da Basílica de São Pedro já apareceu sem os adornos normalmente utilizados pelos papas, vestindo apenas a batina branca.

Sempre muito acessível, o Papa Francisco fala abertamente dos mais variados assuntos e tem feito uso dos sites de redes sociais para alcançar ainda mais fiéis. Ele criou uma Secretaria de Comunicação no ano de 2015, responsável por cuidar de seus perfis no Twitter e no Instagram, totalizando mais de 60 milhões² de seguidores nos dois sites. As postagens no

¹ Em referência a Francisco de Assis, que viveu em voto de pobreza e acreditava em um cristianismo que pregava para alcançar a população, como fez o próprio Cristo. Declaração do Papa sobre o nome disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html Acesso em: 19 set. 2019

² Dados coletados em 26 de maio de 2021.

Twitter são feitas em nove contas, cada uma em uma língua: português, inglês, francês, espanhol, italiano, latim, alemão, árabe e polonês. Já seu Instagram é dedicado à postagem de fotos e vídeos de suas viagens e de aparições públicas em geral. De acordo com monsenhor Dario Viganó, antigo prefeito do dicastério em questão, “o Papa cuida muito de seus perfis nas redes sociais. Controla minuciosamente todos os tuítes que são publicados. Francisco se define ‘um vovô’ que é bem distante das novas tecnologias, mas ele intui que existe um mundo, das novas mídias, que é feito de pessoas”³.

No entanto, essa “abertura” papal para com os meios de comunicação digitais não se deu apenas porque o Papa deseja estar mais a par das modernidades. De acordo com Melo (2015, p.71), “o desenvolvimento e a diversificação dos dispositivos midiáticos têm permitido a inserção da igreja nos lares, promovendo a interação entre a instância de produção do discurso religioso e a instância de recepção e favorecendo a captação dos fiéis”. A Igreja Católica passou a reconhecer a importância dos meios de comunicação para um contato mais direto com os seguidores da religião. Diferentemente do cenário que se destacava nos séculos passados, de uma igreja afastada e superior, esta crescente aproximação tem contribuído para a mudança da imagem do catolicismo e resgate da credibilidade da Igreja, comprometida pelos inúmeros escândalos de pedofilia que começaram a vir à tona em 2010⁴.

Com a aproximação por meio das redes sociais, outra porta que se abre também é a da instância de recepção. Por meio de comentários, compartilhamentos, reações, dentre outros recursos presentes nos sites de redes sociais, os fiéis passam a ter a possibilidade de responder e reagir mais diretamente às publicações realizadas. E, da mesma forma como em todos os âmbitos da internet, a garantia do anonimato também se apresenta como uma possibilidade do indivíduo se expressar livremente, sem os filtros morais e sociais amplamente difundidos pela Igreja.

Assim como em qualquer outro tipo de discurso, o discurso religioso também não é capaz de agradar a todos. Ainda que o Papa Francisco seja, atualmente, o representante mais importante da Igreja Católica, considerado pelos seguidores da religião como alguém que é escolhido pelo próprio Espírito Santo, alguns de seus posicionamentos geram descontentamento e frustração em parte dos católicos. Fernandes (2017) observa que:

³ Declaração disponível em <https://noticias.cancaonova.com/mundo/chega-40-milhoes-seguidores-papa-francisco-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 19 set. 2019

⁴ Ver em: <https://bityli.com/wOJg1>. Acesso em: 26 maio 2021

O que podemos dizer é que o Sumo Pontífice usa de seu poder social para disseminar as crenças da instituição que lhe concedeu seu maior cargo. Em contrapartida, um grupo dessa própria instituição aparenta realizar seu contrapoder para continuar falando e praticando uma ideologia contrária à do grupo de Francisco. O fato é que, com certeza, as atitudes do Papa latino-americano estão batendo de frente com aqueles que se dizem os “conservadores” da Igreja Católica. (FERNANDES, 2017, p. 130-131)

Isso acontece principalmente devido ao caráter mais humanizado de seus pronunciamentos e também de suas atitudes.

Recentemente, alguns tuítes do Papa Francisco repercutiram além do habitual na conta em português. Em 29 de maio de 2019, com divulgação feita pelo site oficial do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a troca de cartas⁵ entre Francisco e Lula gerou enorme consternação entre políticos, mídia e sociedade como um todo. Neste dia, os comentários no Twitter do sumo Pontífice saltaram de uma média de 150 (conforme levantamento feito entre agosto de 2018 e julho de 2019) para 655.

Este número de reações só foi maior em duas outras ocasiões: 1) uma no dia 26 de setembro de 2018, época da eleição presidencial de 2018, em que a postagem se referia a um mundo com bons projetos e sem armamento⁶, quando os comentários chegaram a 1800; 2) outra no dia 04 de julho de 2019, em que um vídeo foi postado sobre a necessidade daqueles que administram a justiça operarem com integridade⁷, quando os comentários atingiram um total de 4300 respostas.

A alteração no número de comentários dos usuários da rede se deve, possivelmente, a motivos políticos. Entretanto, para que seja possível fazer esta afirmação, faremos uma contextualização do cenário político brasileiro na seção seguinte.

Percebendo a repercussão na publicação sobre a integridade dos juízes e notando que até mesmo usuários que afirmaram partilhar da fé católica enunciaram respostas que vão desde “o Papa está acabando com a Igreja” até “satanista” ou “anticristo”, constatamos a importância de pesquisar mais a fundo sobre a intolerância verbal na internet.

O crescimento do acesso à internet não só no Brasil, mas também ao redor do mundo é incontestável. A quantidade de usuários das mais diversas formas tecnológicas tem mostrado

⁵ Disponível em: <https://lula.com.br/o-bem-vencera-o-mal-a-integra-da-troca-de-cartas-entre-o-papa-e-lula/> Acesso em: 31 ago. 2019

⁶ Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt/status/1044881764676759554 Acesso em: 18 ago. 2019

⁷ Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt/status/1146776928197795841 Acesso em: 18 ago. 2019

como a vida online se confunde com a vida off-line. Entender a internet como uma prática da “vida real” já não é mais suficiente para explicar a vida conectada que a população tem levado. Ela não é apenas uma forma de comunicação ou tecnologia, mas tornou-se, de acordo com Castells (2003, p. 287), constituinte da base material das mais diversas formas de relação, trabalho e comunicação das sociedades. Isto significa dizer que a internet se encontra em todos os âmbitos sociais, e que, conseqüentemente, ao se estudarem fenômenos cibernéticos, estamos estudando também a própria sociedade.

Como é próprio das redes sociais, essa interação se caracteriza também pelas problemáticas de um ambiente em que as pessoas têm a liberdade de expressão sem filtros, que se deve à ideia comum de que não há uma vigilância sobre este domínio.

Analisar e estudar de que forma a internet vem transformando as maneiras de se relacionar abre caminho também para entender como a polarização político-partidária da sociedade brasileira está tão acentuada a ponto da figura de um papa ser questionada. É importante lembrar que a Igreja Católica, ainda nos dias de hoje, é uma das instituições mais consolidadas mundialmente. Ver seu maior representante sendo contestado pode ser sinal de que as organizações e relações sociais estão em um alto grau de instabilidade, como aponta Bauman (2001), entendendo que nem mesmo o discurso religioso é inquestionável nos tempos atuais.

Entendemos ainda a necessidade de contribuir com os estudos do discurso da intolerância verbal, compreendendo-o como uma consequência do discurso polêmico, no âmbito da Análise do Discurso (AD). Em uma busca pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, foi notado um volume baixo de trabalhos realizados com a busca dos termos “intolerância verbal”. Foram 14 resultados, mas o que surpreende é ver que apenas 5 deles estão inseridos dentro da área das Ciências Sociais e Aplicadas e não há nenhum que utilize a Semiologia como abordagem teórico-metodológica. Nossa proposta representa ainda uma tentativa de avançar no estudo da recepção, entendendo de que maneira os usuários reagem a determinadas publicações, sob a perspectiva dos estudos discursivos.

Nosso principal objetivo é identificar e analisar como a intolerância verbal se tornou uma resposta possível ante a polêmica de um tuíte do Papa Francisco, postado em 4 de julho de 2019, sobre a necessidade da imparcialidade dos juízes pelo mundo. Para isso, iremos: analisar discursivamente o vídeo do pronunciamento do Papa Francisco; identificar e analisar os comentários em que há intolerância verbal; distinguir a tipologia dos comentários, sendo

eles de engajamento ou de não engajamento; identificar quais imaginários sociodiscursivos são acionados nos comentários; investigar a relação entre intolerância verbal e o atual contexto sócio-político brasileiro.

CAPÍTULO 2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Um resumo do cenário político brasileiro

Como dissemos anteriormente, acreditamos que a intolerância verbal se materializou nos discursos por causa do atual cenário sócio-político brasileiro. Um vídeo em que o Papa Francisco pede para os católicos do mundo rezarem por aqueles que administram a justiça não deveria se tornar polêmico, uma vez que este posicionamento apenas reflete os dogmas da Igreja Católica.

Entretanto, depois da divulgação⁸ de mensagens entre o ex-juiz federal e então Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, e procuradores da Operação Lava-Jato, a publicação do Pontífice passou a ser interpretada como uma crítica direcionada às atitudes de Moro e, conseqüentemente, como uma forma de oposição ao governo de Jair Bolsonaro. Para compreender como a atual situação política e social brasileira polarizou os internautas que interagiram na publicação a ser analisada, faremos um apanhado dos acontecimentos das duas últimas décadas.

A partir da eleição de Luís Inácio Lula da Silva em 2002, houve uma queda substancial da pobreza e também certa diminuição na desigualdade social, com um crescimento de 46,57% da classe C, chegando a totalizar 55,05% da população, constituindo a maior parcela da sociedade brasileira (COUTO, 2014). Além do crescimento das classes mais baixas e da classe média, outra camada social que também se alongou foi a mais abastada: as classes A e B tiveram um crescimento de 54,71%, totalizando 11,76% dos brasileiros. Apesar do início dos escândalos de corrupção, a exemplo do Mensalão em 2005, Lula se reelege em 2006 conseguindo conciliar pautas da direita e da esquerda, consolidando o lulismo como uma forma de governar que agradava as grandes massas sociais (SINGER, 2009).

Em 2010, com a eleição de Dilma Rousseff, sucessora de Lula, as dificuldades encontradas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) começavam a surgir, acumulando denúncias de corrupção⁹ em vários ministérios, além da dificuldade da presidente em manter diálogo com a Câmara e o Senado. Ainda no primeiro mandato, em 2013, Dilma enfrentou a maior onda de

⁸ Disponível em: <https://theintercept.com/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/> Acesso em: 09 fev. 2021.

⁹ Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-escandalos-que-marcaram-o-governo-dilma-em-2011/> Acesso em: 09 fev. 2021

protestos contra o governo da história recente. Iniciada pelo aumento de R\$0,20¹⁰ no transporte público de São Paulo e tendo se espalhado por todo o país, as Jornadas de Junho, também conhecidas como Revolta do Vinagre, em alusão às garrafas de vinagre que os manifestantes usavam para amenizar as reações das bombas de efeito moral usadas pela Polícia Militar, somaram a maior expressão já vista no país do uso de ativismo social (ESPÍRITO SANTO, DINIZ, RIBEIRO, 2016), reunindo em algumas localidades mais de um milhão de cidadãos em protesto. Em 2014, em meio a todo este cenário problemático, Dilma se reelege, mas não sem enfrentar percalços. Em uma eleição extremamente acirrada, a vitória petista é contestada pelo adversário Aécio Neves¹¹, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sob a acusação de fraude. Ainda no ano de sua reeleição, a presidenta enfrentou o início do escândalo da Petrobrás¹², estatal petrolífera, que daria origem à Operação Lava Jato, importante divisor de águas para a polarização entre esquerda e direita que consideramos aqui como fator crucial para as reações aumentadas aos tuítes citados do Papa Francisco. Mesmo em um novo mandato, a dificuldade de relação entre poder Executivo e Legislativo permanece e se agrava ainda mais, causando, a partir de uma manobra parlamentar constitucional, a deposição de Dilma do cargo de presidente da República no ano de 2016¹³, que ainda divide opiniões no embate discursivo e ideológico entre impeachment versus golpe.

Com a descredibilização do PT, estendendo este imaginário aos partidos de esquerda no geral, com importantes representantes partidários como Lula e Dilma sendo acusados por diferentes instâncias judiciais, com a crescente demanda da população por justiça e erradicação da corrupção, os partidos de direita e extrema direita se fortaleceram e ganharam espaço nas eleições de 2018. De acordo com o Datafolha¹⁴, o número de eleitores de Bolsonaro que escolheram o candidato por aversão ao PT chegou a 38% na parcela da população com mais de 10 salários mínimos. O sentimento de necessidade de punição dos inúmeros investigados pela Lava Jato começou a se tornar sinônimo de antipetismo.

¹⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/por-20-centavos-muito-mais-manifestacoes-completam-um-ano-12763238> Acesso em: 09 fev. 2021

¹¹ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,psdb-de-aecio-neves-pede-auditoria-na-votacao,1585755> Acesso em: 09 fev. 2021.

¹² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/23/politica/1416770529_247157.html Acesso em: 09 fev. 2021.

¹³ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html> Acesso em: 09 fev. 2021.

¹⁴ Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/10/1983550-desejo-de-mudanca-e-rejeicao-ao-pt-alavancam-candidatura-de-bolsonaro.shtml> Acesso em: 12 fev. 2020.

A eleição foi marcada por episódios notáveis em vários sentidos. Em abril de 2018, Lula é preso¹⁵ após ser condenado na segunda instância por corrupção e lavagem de dinheiro no caso do sítio de Atibaia, e mesmo preso continuou sua campanha como candidato à presidência. A candidatura é vetada pelo TSE em setembro¹⁶, desarticulando o PT, que acaba perdendo a eleição para o Partido Social Liberal (PSL) com o nome de Jair Messias Bolsonaro como presidente. Entre outros extremos que devem ser lembrados é possível citar os atentados de 27 de março de 2018, em que a caravana de Lula foi alvo de tiros¹⁷ no Paraná, e o de 6 de setembro de 2018, em que Bolsonaro levou uma facada¹⁸ em Juiz de Fora, tendo que ficar internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Este episódio impossibilitou, pela primeira vez desde a redemocratização, que houvesse um debate entre os candidatos do segundo turno.

O período eleitoral foi marcado por um fortalecimento do papel das redes sociais, mas sem que os veículos tradicionais de propaganda política, como a televisão e o rádio, perdessem a importância. Em conjunto com este fortalecimento das mídias digitais, veio também a propagação de notícias falsas sobre alguns candidatos. Para Raquel de Almeida, “a polarização partidária registrada nas eleições brasileiras de 2014 vai ceder lugar, no pleito de 2018, a uma forte batalha de narrativas envolvendo um potente ator: a engrenagem de produção e distribuição de notícias falsas ou, em inglês, fake news” (ALMEIDA, 2018).

Terminado o período de eleição, no início do governo de Bolsonaro, em 2019, o presidente nomeia como Ministro da Justiça e Segurança Pública o então juiz federal Sérgio Moro¹⁹, responsável por comandar o julgamento em primeira instância da Operação Lava Jato. Isto fez com que muitos apoiadores do PT e de Lula começassem a questionar a imparcialidade de Moro na condução do processo contra o ex-presidente. A situação se agravou no dia 9 de junho de 2019, quando uma série de reportagens foi publicada pelo portal The Intercept contendo vazamentos de conversas pessoais envolvendo Sérgio Moro, procuradores e advogados ligados à Lava-Jato. O site postou, no mesmo dia 9, quatro reportagens iniciais acerca do conteúdo recebido por meio de fonte anônima com conversas em que Moro sugere

¹⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/lula-e-presos.shtml> Acesso em: 09 fev. 2021.

¹⁶ Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica> Acesso em: 09 fev. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/onibus-da-caravana-de-lula-sao-atingidos-por-tiros-no-oeste-do-parana-diz-assessoria.ghtml> Acesso em: 09 fev. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml> Acesso em: 09 fev. 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/11/01/sergio-moro-aceita-convite-de-bolsonaro-para-ser-ministro-da-justica.ghtml> Acesso em: 09 fev. 2021.

ações a serem tomadas por parte da acusação, ferindo o princípio de imparcialidade presente na Constituição Federal Brasileira de 1988. Atualmente, a série já conta com trinta e quatro reportagens²⁰ destinadas a tornar públicos os excessos e manobras jurídicas cometidas pela Operação Lava-Jato. Naquele momento, em 2019, não apenas os apoiadores de Lula estavam questionando a legitimidade do processo que condenou o ex-presidente, mas a sociedade como um todo voltou os olhares ao caso com cobertura da mídia brasileira e internacional.

É, então, em decorrência de todos estes fatos que apontamos a motivação política como provável responsável pelas alterações nas respostas aos tuítes do Papa Francisco. No caso da publicação em que o Papa diz rezar para prevalecerem os programas que priorizem o desenvolvimento ao invés do armamento, feito em setembro de 2018, antes do segundo turno das eleições brasileiras, o entendimento generalizado foi o de que o sumo Pontífice estava fazendo uma referência ao então candidato Jair Bolsonaro, que defendeu a ampliação da posse de armas para o cidadão brasileiro como uma das principais propostas de sua campanha. Então, quando o maior representante da Igreja Católica se posiciona contra governantes que apoiam o armamento da população, os internautas entendem isto como uma ofensa pessoal ao projeto do então candidato. Já no segundo caso em que houve alteração nas respostas, os usuários interpretaram o apelo por uma justiça imparcial como uma crítica a Moro, tendo em vista que o vídeo foi divulgado 25 dias depois do vazamento das conversas do então Ministro.

Entretanto, em ambos os casos, o que a grande maioria dos internautas pareceu desconhecer ou desconsiderar é que as nove contas oficiais do bispo de Roma são alimentadas simultaneamente, com as postagens sendo feitas exatamente no mesmo momento e com a mesma mensagem em todas as línguas. Ou seja, as mensagens divulgadas são palavras do Papa para o mundo inteiro, e não uma insinuação explícita para determinado contexto. Outro ponto é que as intenções de oração do Papa para todos os meses que irão se suceder são definidas com antecedência e publicadas sempre em janeiro, para que os fiéis estejam cientes desde o início do ano sobre as temáticas abordadas. Já havia, então, desde o começo de 2019 a intenção de se propor uma oração sobre a integridade daqueles que administram a justiça²¹. Ainda assim, é necessário levar em consideração que os fatos ocorridos ao redor do mundo podem e devem influenciar tais postagens, ou seja, mesmo que as intenções já estivessem estabelecidas antes da divulgação das mensagens, não podemos descartar a possibilidade de

²⁰ Disponível em: <https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/> Acesso em: 31 maio 2021.

²¹ Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/estas-sao-as-intencoes-de-oracao-do-papa-francisco-para-os-12-meses-de-2019-77276>. Acesso em 20 set 2020

que o envolvimento direto de um juiz pertencente a um país de maioria católica tenha tido repercussão suficiente a ponto de chegar ao conhecimento do Papa, influenciando na produção da mensagem divulgada.

Todos esses episódios envolvendo a atuação da Operação Lava Jato e suas consequências sobre o processo eleitoral brasileiro suscitaram e ainda suscitam diversas reações no Brasil e no exterior. O engajamento político nas redes ganhou espaço e se manteve ainda após as eleições. Mesmo com o fim do período eleitoral, a população se manteve dividida, apoiando seus candidatos e atacando seus adversários. E na defesa de determinados pontos de vista, tudo o que for dito contra as convicções do outro grupo pode se tornar motivo para manifestações nas redes sociais que, algumas vezes, extrapolam os limites da boa convivência online.

É a esse contexto que a publicação do Papa Francisco abordada em nosso estudo se refere. As duas manifestações com cunho político e social que citamos não se tratam, porém, de episódios isolados. A possibilidade de agentes religiosos, das mais diferentes crenças, transmitirem mensagens aos fiéis do Brasil e do mundo pelos meios de comunicação permitiu que tais representantes começassem a usar desse ambiente cibernético para se manifestarem não mais apenas sobre questões espirituais, mas também sobre a realidade política e social das sociedades. Essa abertura se insere no fenômeno contemporâneo da midiatização do discurso religioso, o qual será descrito, resumidamente, a seguir.

2.2. Midiatização do discurso religioso

Antes de abordar como a intolerância verbal pode se materializar como resposta a um discurso religioso, neste caso o pronunciamento do Papa Francisco, consideramos necessário discorrer acerca do processo de midiatização deste tipo de discurso.

Perceber que o discurso religioso é proferido em uma realidade de assimetria entre as instâncias de produção e recepção, sendo a primeira privilegiada por tratar da voz de Deus (ORLANDI, 1987), é notar que o enunciado emitido visa a um efeito de dominação para com os fiéis. Para Orlandi (1987), ainda que o espaço de locução seja de Deus, ele é ocupado por representantes de tal entidade, como o padre ou o pastor. No caso deste trabalho, o Papa Francisco fala em nome de Deus para um extenso grupo de fiéis, que deve se submeter aos ensinamentos e preceitos da religião.

Este tipo de discurso, apesar do forte apelo de agir sobre o outro, não visa modificar a fé dos cristãos ou alcançar amplamente os não adeptos à religião, ainda que ambas as situações possam ocorrer. Para Emediato e Franco (2017), o discurso religioso

não se trataria, portanto, de convencer o fiel, nem modificar as suas crenças, nem de convertê-lo a uma fé, já que ele já a possui, mas de amplificá-la, alimentá-la, reforçá-la, não deixá-la esvaír-se, tampouco desviar-se, mas manter as ovelhas coesas junto ao pastor e ao rebanho. A finalidade do culto é, portanto, propagandística (*propagare*) e pedagógica (*docere*) (EMEDIATO, FRANCO, 2017, p. 206)

Isto significa dizer que o discurso religioso visa à manutenção de uma fé já existente e os desdobramentos para além disso são, em suma, consequência desta primeira finalidade, potencializada com o uso dos meios de comunicação.

Como mencionado na introdução desta pesquisa, o atual Pontífice tem tido um contato maior e mais direto com a população católica ao redor do mundo e muito disso se deve à proximidade que os sites de redes sociais oferecem. A possibilidade de uma comunicação aberta entre Pontificado e comunidade se tornou viável a partir do uso da Internet como ferramenta de manutenção da fé e isso reforça o que já propusemos sobre todos os âmbitos sociais estarem em contato com diferentes formas de mídia na atualidade. Este entrecruzamento pode ser entendido como o processo de midiatização.

O processo de midiatização se trata, de acordo com Braga (2012), de um atravessamento entre os mais diversos campos sociais com a mídia. Quando esta instância começa a se sobrepor a outras, seja por meio da televisão, do rádio, da internet, seja por meio de sites de redes sociais e afins, os limites de cada domínio social se tornam difusos. Para o autor, as zonas de afetação na organização e dinâmica da própria sociedade passam a ser o fator central deste fenômeno: é a capacidade de interferência mútua entre mídia e demais instâncias sociais que define o processo de midiatização.

Muito disso se deve ao avanço tecnológico, que permite maior interação entre os sujeitos sociais e não deve ser visto com maus olhos. Com a viabilidade de uma interação maior entre esses sujeitos agentes, é possível haver tensões oriundas exatamente do processo de midiatização. A mídia pode influenciar os cidadãos a se voltarem contra o governo, por exemplo, e em contrapartida o governo faz uso da própria mídia para discursar contra as ideias propagadas. Há um entrecruzamento mútuo entre âmbitos sociais que, além de se influenciarem, passam a influenciar também o cidadão que não estaria, inicialmente, ligado a nenhuma das partes.

Além da política, um domínio que vem sendo submetido ao processo de midiaticização é o religioso. Diferentes religiões têm percebido um espaço fecundo para se aproximar dos fiéis por meio da mídia, haja vista os diferentes veículos em que há presença das mesmas: canais de televisão, rádio, sites de redes sociais como YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, etc. Para Assis e Melo “essa articulação dá forma ao que conhecemos como ‘midiaticização do discurso religioso’, um processo relativamente recente, que proporciona à religião novos modos de expressão, já que esta não ficará restrita apenas ao espaço dos templos” (ASSIS, MELO, 2017, p. 86).

Este processo não significa, porém, que o discurso religioso esteja suscetível a transformações ou que a proximidade da Igreja Católica ou de qualquer outra igreja vise ao debate com o fiel. Melo (2017) aponta que

A princípio, esse tipo de comunicação é monologal, pois, além de o destinatário não estar presente no lugar e no momento da produção da mensagem, não há possibilidade de reversibilidade, ou seja, os leitores, ouvintes ou telespectadores não são verdadeiros interlocutores. Lochard e Boyer (1998) mencionam, no entanto, a tentativa, por parte da instância de produção desse tipo de discurso, de estabelecer um “pseudodialogo” com a instância de recepção. É o que eles chamam de “dialogismo midiático”. (MELO, M., 2017, p. 193)

Ou seja, apesar de o processo de midiaticização do discurso religioso visar à aproximação da igreja com os fiéis, ele não pretende causar mudanças na instância de produção. O objetivo desta modalidade de comunicação recai sobre a finalidade primeira do discurso religioso: de comunicar para manutenção da fé.

Com o crescimento da midiaticização do discurso religioso católico por parte das contas em diversos sites de redes sociais do Papa Francisco, a instância de recepção passa a ter um papel importante para os analistas do discurso. Agora não mais apenas o discurso religioso é passível de análise, mas também as reações dos internautas a este discurso se tornam material de estudo. É neste ponto que este trabalho se insere: iremos analisar as respostas dos usuários a um discurso religioso e isso só é possível por causa do processo de midiaticização.

2.3 A identidade do Papa Francisco

Para compreender de que maneira a identidade do Papa Francisco pode ter sido um fator que possivelmente estimulou a intolerância verbal por parte de um determinado grupo, é necessário entender também como se deu a construção da identidade do atual papa e os efeitos de sua governança sobre os grupos sociais hegemônicos dentro da Igreja Católica.

Apesar de não haver consenso sobre a forma como os primeiros papas chegaram a tal posição, estes representantes passaram a ter, com a decadência do império romano, responsabilidades civis além das religiosas, preenchendo as lacunas que o governo deixava. De acordo com Woods (2008), “quando a divisão do Império Romano do Ocidente em uma colcha de retalhos de reinos bárbaros passou a ser um fato consumado e a ordem política quase desapareceu, bispos, sacerdotes e religiosos lançaram-se a restabelecer sobre as ruínas os alicerces da civilização.” (WOODS, 2008, p. 13). Isso fez com que a influência exercida pelos sacerdotes sobre a população aumentasse de maneira substancial. A historiografia aponta que a escolha desses bispos passou a ser realizada pelo próprio clero e não mais pelas comunidades, como acontecia quando as igrejas correspondiam apenas ao povo local. Esta mudança representa o início de uma organização interna que permitiu, em meio à desordem do império romano, que um novo poder começasse a se formar.

O aumento do poder do clero veio em congruência com a Idade Média, quando a igreja se expandiu devido às doações recebidas. A fé, propagada como principal valor do cristianismo, fazia com que os cristãos, desde os mais pobres até os mais abastados, doassem boa parte de suas posses e riquezas para o bem da igreja. Na época em que a monarquia absolutista dava aos reis poder total sobre os cidadãos, a Igreja Católica era ainda mais soberana. Era dela que vinham os padrões de comportamento social que deveriam ser seguidos, já que era a “força dominante na vida moral e espiritual das pessoas na Idade Média” (RICHARDS, 1993, p. 33), além de influenciar também nas decisões de leis e políticas dos reinos.

Mesmo com toda a organização interna instaurada, a Igreja Católica não deixou de apresentar problemáticas específicas. Com o período do Cisma do Oriente²², a importância do cargo do papa ficou ainda mais clara. Ser o representante máximo desta instituição é reconhecer a capacidade de um ser humano em pastorear, na atualidade, mais de um bilhão de fiéis, dando as diretrizes de como ser e estar no mundo para os católicos. Independentemente da quantidade de homens que já ocuparam a posição, há de se reconhecer que sempre houve uma manutenção nos discursos dos papas em sustentar os ideais da Igreja.

Esta realidade começa a ser modificada a partir do Concílio Vaticano II²³, convocado em 1961 e finalizado em 1965, que visou, em um contexto pós-guerra repleto de mudanças

²² Período em que a Igreja foi dividida entre Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa

²³ Documentos disponíveis em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm
Acesso em: 19 abr. 2021.

políticas, sociais, tecno-científicas etc., refletir sobre a Igreja Católica e suas relações com o mundo. Ou seja, o Concílio pretendeu estabelecer novas orientações à Igreja sobre como apresentar e explicar os dogmas católicos à população de maneira acessível, e não propriamente mudá-los ou transformar a Igreja. As mudanças postuladas são em relação a alguns hábitos da Igreja, como, dentre diversas outras, as missas que passaram a ser celebradas na língua vernácula de cada país, ao invés da antiga posição oficial para que fossem em latim; passam a aceitar a ideia de que também é possível conhecer Deus por meio de outras religiões, ao invés de condená-las, tornando a Igreja Católica mais plural; o uso da batina deixa de ser obrigatório em todos os momentos para os sacerdotes, que passam a poder usar roupas sociais; a Igreja passa a ter uma maior participação de leigos na ação eclesial, se tornando mais presente também em ações sociais; é concedida uma maior liberdade política aos clérigos que, mesmo devendo condenar tanto o capitalismo selvagem quanto o comunismo, podem expressar suas interpretações pessoais.

Ainda assim, a Igreja se mantém conservadora e tradicionalista. Em 2013, porém, com a eleição de Jorge Mario Bergoglio como Papa Francisco, esta realidade começou a ser modificada. Como dissemos anteriormente, Bergoglio é o primeiro papa latino-americano e também o primeiro jesuíta a ser eleito, e, de acordo com Monteiro e Melo (2015), “a escolha do nome Francisco é bastante significativa, já que evoca São Francisco de Assis, santo que optou pela pobreza, renunciando a seus bens e dedicando-se aos pobres, além de ter sido chamado por Deus para ‘renovar sua igreja’” (MONTEIRO, MELO, 2015, p. 22).

Francisco sempre deixou claro que deseja “uma Igreja pobre e para os pobres”, expressão usada, pela primeira vez, pelo Papa João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II (AQUINO JUNIOR, 2016). Ao retomar as palavras de João XXIII, o Pontífice demonstra que os valores basilares de seu pontificado seriam pautados muito mais no bem estar dos fiéis do que, exclusivamente, na imagem da Igreja. Francisco já se manifestou, inúmeras vezes, sobre a necessidade dos católicos do mundo se preocuparem com refugiados²⁴, com as crianças²⁵,

²⁴ Ver em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-05/papa-francisco-mensagem-dia-mundial-migrante-refugiado-2020.html> Acesso em: 19 abr. 2021.

²⁵ Ver em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-campanha-oracao-um-milhao-criancas-rezam-terco.html> Acesso em: 19 abr. 2021.

com as mulheres²⁶ e diversos outros grupos minoritários que, historicamente, não foram o centro das atenções da Igreja Católica.

Diante de toda essa caracterização, vemos que as atitudes e discursos do Papa, ainda que visem à manutenção do poder da Igreja tal como qualquer outro discurso religioso, são constituídos de forma a aproximar os fiéis da instituição, mostrando o papel acolhedor da Igreja Católica. Fernandes (2017) afirma que as características de Francisco não foram escolhidas aleatoriamente, mas pensadas pelo Conclave de 2013 de forma a “resgatar a imagem maculada da Igreja e a garantia infalível de restaurar o poder hegemônico dessa instituição bimilenar” (FERNANDES, 2017, p. 9). Isso significa dizer que, ainda que Francisco se expresse livremente como o maior representante do catolicismo no mundo, os posicionamentos do atual Papa, mais focados em grupos sociais vulneráveis, representam, sim, a Igreja como um todo.

A preocupação institucional sobre como os fiéis têm compreendido a Igreja reflete em um Pontificado voltado para a abertura ao diferente, ao outro. Essa forma de pensar e gerir a Igreja, mesmo tendo sido escolhida propositalmente, tem ocasionado um descontentamento nos segmentos mais conservadores dentro da instituição, seja entre os eclesiásticos, seja entre os fiéis. É neste contexto de um discurso papal mais acolhedor e preocupado com uma justiça social que diversos católicos se mostram insatisfeitos por acreditarem que Francisco estaria arruinando a tradição católica, o que pode ter levado esses indivíduos, como usuários de um site de rede social, a demonstrarem tal decepção por meio da intolerância verbal, seja direcionada ao Papa Francisco, seja a outros usuários que demonstram apoio a esses mesmos ideais.

Uma possível explicação para essas reações exacerbadas está justamente na característica unificadora da identidade do atual Papa. Como um dos meios oficiais de comunicação do maior representante da Igreja Católica, o perfil no Twitter de Francisco rompe barreiras do chamado “filtro bolha” (RECUERO, ZAGO, SOARES, 2017) das redes sociais, responsável por limitar os conteúdos veiculados de acordo com os grupos que compõem tal círculo. A tradicionalidade característica dos cristãos com costumes mais conservadores forma um determinado filtro bolha em que conteúdos com esse aspecto costumam ser veiculados. Já a noção de uma justiça que preza por proteger camadas sociais menos favorecidas forma uma

²⁶ Ver em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-mensagem-conselho-mulheres-pontificio-cultura-out.html>. Acesso em: 19 abr. 2021

outra bolha. Sobre a noção de estarmos isolados mesmo em meio a tantos outros conteúdos e usuários, Marques (2014) afirma que

não é o caso de ocultação de informações ou censura, pois as informações podem ser mostradas, mas com ordenação diferente, de acordo com o perfil de utilização da internet pelo usuário. Porém, de modo quase invisível, isso pode modificar muito a maneira como consumimos informações. (MARQUES, 2014, p. 9)

Ao unir, em sua publicação, temas que prestigiam dois diferentes campos ideológicos virtuais, o discurso do Papa Francisco rompe as duas bolhas, causando o encontro entre pensamentos divergentes. É esse choque de alteridades que pode ter fomentado o uso da intolerância verbal por parte dos usuários, uma vez que, como iremos tratar no capítulo a seguir, o diferente é, muitas vezes, visto como alguém que não merece nenhum grau de respeito.

Neste sentido, é importante destacar que o tuíte do Papa Francisco, gerador dos inúmeros comentários a serem analisados neste trabalho, estava disseminando uma mensagem que, a princípio, não visava a uma polêmica, mas à propagação de um valor católico: o da integridade daqueles que fazem a justiça. Para podermos analisar as respostas dos usuários a tal polêmica, é necessário entender o conceito de discurso polêmico e também outros aportes teóricos que são intrínsecos ao discurso intolerante, que será abordado no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3. DO DISCURSO POLÊMICO ÀS MANIFESTAÇÕES INTOLERANTES NOS SITES DE REDES SOCIAIS

Ao teorizar sobre as mídias sociais, Recuero aponta que elas deram “superpoderes” à violência simbólica. Isto significa dizer que o ambiente cibernético tem, sim, facilitado diferentes formas de intolerância e violência, mas não indica que elas só existam por causa dele. Para a autora “as mídias sociais forneceram um espaço fundamental para a reprodução de todos os tipos de discursos, incluindo os violentos” (RECUERO, 2015, p. 1, tradução nossa²⁷). Nesse sentido, a ampliação das interações por meio das mídias sociais faz com que se mostrem cada vez mais relevantes as reflexões sobre a difusão da polêmica e das manifestações de ódio nesses ambientes. Para abordar o meio pelo qual essas manifestações ocorrem nos nossos dados, vamos traçar neste capítulo um breve percurso que visa compreender a relação entre polêmica e discursos de ódio.

3.1 Discurso polêmico

Antes de elaborar um estudo da intolerância verbal, escopo deste trabalho, há de se fazer um apanhado sobre o que é o discurso polêmico, uma vez que a suposição inicial é que as diferentes formas de intolerância verbal geradas nos comentários a serem analisados se constituíram a partir de uma polêmica, inserida em um contexto de polarização social.

Um primeiro preceito necessário de ser pontuado sobre a polêmica é o de sua natureza dialógica. O discurso polêmico fala àqueles que pensam da mesma forma e fala também em oposição aos que pensam diferente. Rodrigues (2008) aponta que “embora etimologicamente associada à guerra, a polêmica é uma actividade discursiva que só existe enquanto troca verbal porque e quando os interlocutores se assumem cooperantes num jogo subordinado a um específico contrato de comunicação. (RODRIGUES, 2008, p. 282)²⁸. A polêmica depende de colaboração entre os opositores.

A autora afirma ainda que

Essa situação interlocutiva (ou diálogo) só se efectiva no momento da produção do texto de abertura da interacção verbal polémica, isto é, no momento em que surge

²⁷ Social media have, in many aspects, given “superpowers” to symbolic violence. Social media have provided a key space for the reproduction of all sorts of discourses, including violent ones. (RECUERO, 2015, p. 1)

²⁸ Texto escrito na variedade do português europeu, apresenta grafia diferente da variedade brasileira.

um texto que reage a um outro anterior, abrindo a partir da sua enunciação o diálogo polêmico. (RODRIGUES, 2008, 274-275)

As respostas ao vídeo do Papa Francisco comprovam tal natureza. Em um primeiro momento, elas dialogam com o discurso do Papa em si, mas depois passam a dialogar com respostas terceiras, quando internautas replicam outros comentários, seja em manifestações de apoio, seja de oposição.

Amossy (2017a) defende que, para ser classificada como tal, é necessário que a polêmica aborde “um assunto de interesse público para que ela não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares” (AMOSSY, 2017a, p. 46). Isso significa que diversos assuntos podem desencadear uma polêmica, desde que aborde os interesses e preocupações de uma sociedade em determinado contexto cultural. Em função deste motivo a polêmica é, de acordo com a autora, efêmera. Uma temática pode ser do interesse público hoje e daqui a alguns meses, ou até mesmo semanas, não ser mais. Para Amossy (2017a, p. 48), “é por isso que seu sentido e seus anseios deixam de ser perceptíveis para além de sua duração”. Só é possível compreender uma polêmica, então, sabendo do contexto em que está inserida.

Outro ponto a ser abordado é como a polêmica e a argumentação se relacionam. Amossy (2017b) relembra que, desde as proposições de Aristóteles, com a Retórica, os seres humanos debatem ideias visando a um consenso. O orador busca convencer seu auditório por meio de argumentos racionais para que possam tomar uma decisão majoritária tendo em vista o bem comum. Mas nem só de argumentação racional se fazem os debates. Amossy afirma que o discurso polêmico se constitui na retórica porque, mesmo que não vise a um acordo, “trata-se de reforçar uma identidade de grupo e uma adesão a um universo de valores comuns, que eventualmente acharão meios de se concretizar na ação” (AMOSSY, 2017b, p. 242).

A autora aponta que os polemistas estão sempre em oposição, buscando argumentos que, ao mesmo tempo, fortaleçam sua tese e enfraqueçam a argumentação de seu adversário. Trata-se, portanto, de convencer, em um nível ainda mais profundo, aqueles que já compartilham de um mesmo pensamento. E é este convencimento que pode gerar a participação de outros indivíduos, concretizando uma ação. Ou seja, o discurso polêmico pode fazer com que cada vez mais pessoas se manifestem sobre um tema porque convence o outro de que aquela forma de pensar atinge sua própria identidade, e não apenas seus ideais e pensamentos, como na retórica clássica.

A principal diferença entre a polêmica e a argumentação comum, então, é a dicotomização de opiniões. Não há um meio termo possível. Os posicionamentos polêmicos são estritamente antagônicos e autoexcludentes porque há um embate ideológico entre *nós* e *eles*. E, quando se polarizam opiniões, polarizam-se também os grupos, “não como operação quase-lógica, mas como agrupamento em dois campos antagonistas que desenvolvem uma hostilidade mútua” (AMOSSY, 2017b, p. 232). Charaudeau (2015) afirma que julgamos o outro de forma negativa sempre que estamos certos de que nosso comportamento, nossas regras e valores são os únicos possíveis.

Enquanto a argumentação sempre visa a um ponto de comum acordo entre os debatedores, a polêmica admite que nem sempre um consenso será possível. Amossy (2017a) aponta a existência dos chamados desacordos profundos, que rejeitam o uso de argumentos e são decorrentes de uma incompatibilidade entre os polemistas. Amossy afirma que “quando dois princípios se opõem e não podem ser reconciliados, um diz que o outro é louco ou herege” (AMOSSY, 2017a, p. 30). Isso significa que o discurso polêmico, diferente da argumentação tradicional, pode, em determinados casos, ser caracterizado pela recusa completa dos argumentos e da identidade do debatedor adversário.

Por isso concordamos quando Amossy assevera que “a polarização tem implicações identitárias. Trata-se de se aliar a um grupo constitutivo de uma identidade, ou suscetível de reforçá-la.” (AMOSSY, 2017b, p. 232). Uma discordância é interpretada como uma ofensa pessoal, desencadeando diferentes formas de intolerância verbal. Ao contradizer o discurso de alguém, é como se a própria identidade pessoal do interlocutor fosse também colocada em cheque, desencadeando processos de tentativa de autodefesa que acabam se materializando por meio da intolerância verbal. Charaudeau aponta também que

geralmente a percepção da diferença vem acompanhada por um julgamento negativo; trata-se da sobrevivência do sujeito. É como se fosse insuportável ter de aceitar que outros valores, outras regras, outros hábitos - que não os seus próprios - sejam melhores, ou que apenas existam (CHARAUDEAU, 2015, p. 15)

Em um discurso polêmico, então, mesmo que a intenção seja convencer seu semelhante, isto é feito por meio de um dialogismo com o discurso do qual se discorda. “A polêmica que visa o discurso do outro é, antes de mais nada, uma palavra de desqualificação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980 apud AMOSSY, 2017b, p. 231).

Compreendendo a polêmica como um tipo de discurso que visa argumentar a favor de um grupo, *nós*, e contra outro, *eles*, é possível afirmar que a intolerância verbal é gerada a partir de uma polêmica.

3.2 Discurso de intolerância verbal

Os discursos em que se manifesta a intolerância verbal apresentam, além de um embate ideológico entre dois grupos polarizados, um sentimento exacerbado de repulsa em relação ao outro. Isto acontece porque “os discursos intolerantes consideram o ‘diferente’ como aquele que rompe pactos e acordos sociais, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido” (BARROS, 2016, p. 9).

Para os enunciadores de discursos intolerantes, não há possibilidade de diálogo com a outra comunidade, uma vez que o grupo alvo desses discursos não é digno de respeito, já que possui crenças tão diferentes. Barros (2016) afirma que

O sujeito do ódio em relação ao estrangeiro, ao diferente, aos “maus” usuários da língua, é também o sujeito do amor à pátria, à sua língua, ao seu grupo étnico, aos de sua cor, à sua religião, ou seja, complementam-se as paixões malevolentes do ódio em relação ao “diferente” e as paixões benevolentes do amor aos “iguais”. Essa é a fase do preconceito, a primeira fase da intolerância e a mais passional. A segunda fase, a da intolerância propriamente dita, é aquela em que o sujeito preconceituoso passa à ação, ou seja, age contra o outro, que ele considera o causador de suas perdas e que odeia. (BARROS, 2016, p. 8)

Ou seja, aqueles que proferem discursos de intolerância o fazem porque acreditam estar defendendo um ideal maior que eles em sua individualidade. Ao depreciarem e caluniarem o *eles*, defendem suas crenças pessoais e acreditam também estarem defendendo o *nós*, que é honrado, nobre e melhor do que o outro. Karlla Melo (2017) corrobora apontando que

Odiar o outro pela sua existência distinta dos seus valores é amar os seus iguais e querer protegê-los dos danos que esse outro pode causar. O sujeito intolerante é, então, um sujeito passional e complexo, pois atua dubiamente como antissujeito das ações dos outros e sujeito-herói sobre os demais sujeitos que acreditam no seu sistema de valores. (MELO, K., 2017, p. 575)

Para Karlla Melo (2017), quem profere um discurso intolerante não tem a percepção de si como alguém preconceituoso, mas pensa que está apenas comunicando uma opinião condizente com uma dada formação social, entendendo que julgar o *eles* de forma negativa seria natural e cotidiano, tendo pouca gravidade independentemente do discurso enunciado. Bueno (2020) confirma esta ideia ao propor que ao fazer uso da intolerância para julgar o

outro, o indivíduo revela seus próprios valores morais. O autor aponta que “essa é uma das características do sujeito intolerante: querer fazer mal ao diferente ao mesmo tempo em que quer fazer bem aos seus semelhantes” (BUENO, 2020, p. 46).

Outra forma ainda mais grave do que a intolerância e derivada dela é a violência verbal. Sobre esta temática, Amossy (2017a, p. 175) afirma que se trata de uma transgressão da civilidade e por isso é considerada como um comportamento prejudicial, mas que, na atualidade, as discussões violentas acabam sendo norma ao invés de exceção. Por este motivo, de acordo com a autora, “isso explica, sem dúvida, por que, embora as explosões de violência verbal sejam infrações manifestas aos códigos de polidez, os participantes as aceitam ou as toleram, mesmo denunciando-as sem, contudo, abandonar o jogo” (AMOSSY, 2017a, p. 175). Ou seja, estamos tão habituados com a intolerância e a violência verbal que acabamos por aceitar tais formas de enunciação, ainda que todos saibam os prejuízos sociais que este tipo de discurso pode acarretar.

Para Amossy (2017a) existem sete parâmetros que possibilitam identificar a violências verbal:

- 1) há uma forte pressão ou uma coerção exercida para impedir o outro de se exprimir e de expor livremente seu ponto de vista, que pode se expressar por meio de interrupções nos turnos de fala ou ainda por meio de asserções e questões retóricas;
- 2) o ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado ou ridicularizado, visando deixar o outro fora do jogo da argumentação;
- 3) o polemista ataca a identidade de seu oponente, e não seu discurso, como o caso do argumento *ad hominem*;
- 4) o ponto de vista ou a pessoa que o defende são associados ao mal absoluto e isso ocorre a partir de uma polarização maniqueísta visando um sujeito terceiro para quem a argumentação estará direcionada;
- 5) há forte ligação com o *pathos* a partir da expressão de sentimentos violentos que se manifestam no discurso;
- 6) o polemista insulta seu adversário, se colocando em uma posição de alguém que tem o direito de desqualificar o outro frente a um auditório que, por vezes, pode multiplicar tais insultos; e, por fim,
- 7) o polemista incita violência contra os outros de forma verbal, mas podendo visar também formas físicas como insulto ou incitação ao assassinato.

Outro ponto que deve ser tratado ao se discutir a intolerância verbal é que ela não tem sido estudada como um gênero ou tipo textual, mas sim como um fenômeno que ocorre a partir dessas categorias já existentes. Ele se materializa a partir de domínios de linguagem já estabelecidos e, por este motivo, pode se apresentar de diversas maneiras diferentes. De acordo com Barros (2014)

Os discursos intolerantes não constituem um gênero textual ou discursivo, pois para definir um gênero é necessário que haja estabilidade de composição, de temática e de estilo, no âmbito de uma dada esfera de ação (religiosa, midiática, escolar, familiar, política, etc.). Os discursos intolerantes participam de várias esferas de ação (política, religiosa, familiar) ou mesmo de todas, e têm composição e estilos também diferentes, só podendo ser classificados tematicamente, ou seja, pela organização do plano do conteúdo. Há, portanto, discursos intolerantes de gêneros diversos (notícias, sermões, bate-papo, etc.) e de tipos diferentes (narrativo, descritivo, etc.). (BARROS, 2014, p. 3665)

Isto significa dizer que para analisar discursos de intolerância verbal é necessário usar de ferramentas já existentes que possibilitem compreender a construção linguística e discursiva deste tipo de produção. Para nossas análises, iremos nos apoiar na Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, que será melhor explicitada no capítulo seguinte.

Bueno (2020) sintetiza, então, que “em suma, a intolerância surge quando a diferença que caracteriza o outro é sempre referente a um distanciamento de um padrão social normativo e hegemônico construído para assentar uma visão de mundo desse sujeito intolerante” (BUENO, 2020, p. 49). E, no atual cenário brasileiro de uma polarização política exacerbada, as mínimas diferenças passam a ser uma ameaça à hegemonia dos grupos dominantes. O discurso intolerante deve, sim, ser estudado e considerado como um problema social. Contudo não é possível fazê-lo sem que haja o entendimento de que a intolerância que se materializa no discurso advém da atual configuração social brasileira. A intolerância verbal é apenas um dos indícios de que a própria sociedade se mostra intolerante.

3.3 Intolerância versus liberdade de expressão

Para entender a relação entre intolerância e violência verbal com a liberdade de expressão nos sites de redes sociais, é preciso, antes, elucidar como este último conceito se tornou base constituinte fundamental da internet em si.

A noção de liberdade de expressão é, de acordo com Fadel (2018), constituída a partir de valores do liberalismo, compreendendo a ideia de liberdade enquanto exercício individual de um direito e uma forma de garantia contra o arbítrio do Estado e dos demais cidadãos. A autora ressalta que as leis podem “servir de instrumento de supressão das opiniões e visões de mundo consideradas divergentes, já que as leis são criadas em consonância com a vontade do maior número” (FADEL, 2018, p. 20). Dessa forma, a preocupação na época em que o liberalismo foi postulado era de que as ações dos governos e, conseqüentemente, suas

políticas seriam formuladas em ordem a silenciar diferenças, homogeneizando uma sociedade de acordo com o pensamento dominante.

De maneira contrária, hoje em dia o problema não é a inexistência do pluralismo de ideias, mas sim uma distorção do uso dessa liberdade de expressão e seu uso excessivo. O exercício da liberdade individual passa a ser potencialmente ofensivo para as demais liberdades. Freitas e Castro (2013) defendem que

quando se trata do esgotamento do paradigma liberal e da afirmação do Estado Social, observa-se o reconhecimento, pelo Estado, das assimetrias sociais e o compromisso que se estabeleceu (pelo menos ao nível da retórica) com a justiça redistributiva, necessária à pacificação social (FREITAS, CASTRO, 2013 p. 328)

Ou seja, para além dos valores puramente liberais, o Estado tem o dever de combater injustiças sociais, dentre as quais o abuso da liberdade de expressão pode estar inserido, uma vez que o discurso pode ser usado para reforçar valores hegemônicos, silenciando as minorias. Araujo (2018) propõe que a ação corretiva do Estado serve para fortalecer grupos sociais desfavorecidos e garantir que estes participem ativamente da sociedade com oportunidades comunicativas equiparadas a dos grupos hegemônicos. Isso porque, para a autora, “o indivíduo que profere discriminações e estigmatizações intencionalmente, tem como objetivo central negar um estatuto de igualdade aos seus destinatários, cerceando, por conseguinte, a igual dignidade da pessoa humana” (ARAUJO, 2018, p. 46).

Por ser pautada na não aceitação do outro, a intolerância verbal se instaura, principalmente, contra determinados grupos sociais (étnico-racial, religião, preferência política, gênero, idade, cultura, etc.) e, justamente por ser fundamentada em uma hegemonia social, não deve ser considerada como uma simples opinião. Freitas e Castro (2013) afirmam ainda que

para além das discriminações de grupos minoritários, o foco central do ódio é a desvalorização do outro. Por outro lado, há que se pontuar o dano difuso provocado. Em verdade, ainda que um indivíduo seja referido nesse discurso haverá violência ao segmento social ao qual ele pertence, na sua integralidade (FREITAS, CASTRO, 2013, p. 345)

Um exemplo de país que segue à risca os princípios de liberdade de expressão são os Estados Unidos da América (EUA). Silva (2015) aponta que o debate estadunidense desta temática é importante

não apenas na sofisticação de uma discussão que desconhece as fronteiras acadêmicas entre o direito constitucional e a teoria política, mas também no aspecto exemplar que a liberalização discursiva assumiu naquele país, inclusive para com aquilo que podemos chamar de expressões de ódio, tratadas pelo direito constitucional estadunidense com uma permissividade sem paralelo em outras experiências democráticas, que costumam excluir da proteção à liberdade de

expressão ao menos certas categorias de expressões abertamente racistas (SILVA, 2015, p. 38)

Em contrapartida, o autor defende também que quando a liberdade de expressão é levada ao seu máximo, como acontece nos EUA, a sobrevivência de grupos racistas, misóginos e ou homofóbicos etc. coloca um desafio à igualdade política. Se, por um lado, reprimir tais grupos seria impedir seu acesso à esfera pública de deliberação, por outro, manter essa permissibilidade poderia causar sérios danos a integrantes de grupos étnico-raciais e sociais minoritários na sociedade (SILVA, 2015).

Isso acontece porque mesmo que a intolerância verbal seja proferida contra um indivíduo em específico, de acordo com Araujo (2018), “afetará o segmento social ao qual ele esteja vinculado, na sua integralidade, traduzindo-se, portanto, em um dano não divisível e difuso em sua extensão” (ARAUJO, 2018, p. 44). Para a autora, quem suporta os danos causados pela violência verbal não é a sociedade como um todo, mas sim aqueles que são menos capazes de suportá-la, causando danos não somente psicológicos, mas também sintomas físicos que vão desde dificuldade de respirar, hipertensão, psicose até o suicídio (ARAUJO, 2018).

Diante de tudo o que foi exposto, seriam, então, a intolerância e a violência verbal um exercício legítimo de liberdade de expressão?

Se levarmos em consideração apenas a visão liberal de democracia, sim. Para Fadel (2018, p. 26), “os tipos de danos que devem ser levados em consideração são os físicos e econômicos, excluindo, assim, os psíquicos e sociais”. Isto porque, no liberalismo, o dano deve ser mensurável e perceptível, sem que as opiniões das partes envolvidas sejam levadas em consideração.

Contudo, um ponto no qual a obra de Fadel e, conseqüentemente, a visão liberal de política não tocam é sobre o prejuízo que discursos extremistas podem trazer para uma democracia. Se a liberdade de expressão é fundamental para sustentar uma democracia como atualmente conhecemos, defender manifestações que ferem esta mesma democracia, a exemplo de discursos pró-nazismo, pró-racismo etc., poderia implicar em defender também a ruína de um regime democrático.

Para Araujo (2018), um dos motivos pelo qual é necessário que este uso inflado da liberdade de expressão seja criticado é o fato de que, ao tratarmos de liberdade de expressão, mesmo na noção puramente liberal do termo, há a primazia de abordar o discurso político em detrimento

de outras formas de expressão. Isso significa que ao discutirmos sobre o direito dos indivíduos de se posicionarem livremente, normalmente argumenta-se que cada um possa se manifestar contra ou a favor de governos e governantes ou de suas políticas, garantindo ampla participação da sociedade nos processos políticos. Sobre isso, a autora afirma que

a liberdade de expressão é essencial em uma sociedade democrática, pois permite ao cidadão emitir juízos críticos no processo político, formar uma opinião pública e participar livremente da eleição de seus representantes, garantido, sobretudo, a proteção do discurso minoritário e garantia do discurso contra-majoritário político, para assegurar uma diversidade de opiniões. (ARAUJO, 2018, p. 37)

Mas não é esse tipo de liberdade de expressão que é mobilizado nos casos de intolerância e violência verbal. Não se trata de defender a participação de minorias nos acontecimentos políticos, mas sim de anular o grupo que pensa de forma contrária, independentemente da questão ser política, partidária, religiosa, sexual etc.. Araujo afirma que nos casos em que a liberdade de expressão é levada a níveis de intolerância “não se trata de uma mera discordância de opiniões antidemocráticas, são atitudes ativas que visam exclusivamente ofender, humilhar, discriminar e estigmatizar outrem” (ARAUJO, 2018, p. 103).

A autora assegura também que

para os defensores da restrição à liberdade de expressão nos casos do discurso de ódio, tal tipo de discurso contradiz fundamentalmente o princípio básico da igualdade, na medida que nega a igualdade entre as pessoas, propagando a inferioridade de alguns e legitimando a discriminação, sacrificando, portanto, este ou outros valores fundamentais. (ARAUJO, 2018, p. 106)

Isso significa dizer que, para garantir que a liberdade de expressão continue sendo usada a fim de garantir um regime democrático ao invés de causar sua ruína, é necessário, em alguns casos, que alguma forma de regulamentação seja implementada. Tal regulamentação, no entanto, ainda se encontra em um campo pouco conhecido no Brasil quando tratamos do ciberespaço.

É certo que a primeira lei brasileira que trata exclusivamente do ambiente cibernético foi implementada apenas em 2012²⁹ e o Marco Civil da Internet³⁰ foi instaurado apenas em 2014. Isso nunca impediu, porém, os usuários de serem responsabilizados por possíveis crimes cometidos por meio da internet. Alguns dos delitos que podem ser cometidos com a justificativa de que o internauta estaria exercendo seu direito de liberdade de expressão e que

²⁹ Lei Nº 12.737, de 30 de novembro de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12737.htm Acesso em: 24 jun. 2021.

³⁰ Lei Nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm Acesso em: 24 jun. 2021.

já são tipificados no Código Penal brasileiro são: crime de calúnia (artigo 138), crime de difamação (artigo 139), crime de injúria (artigo 140) e injúria qualificada, quando os insultos e xingamentos se baseiam em elementos como raça, cor, etnia, religião, origem, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência (também artigo 140), crime de ameaça (artigo 147), dentre outras possibilidades que, por já serem previstas antes mesmo do advento da internet, valem também para este novo ambiente.

Silva (2020), a partir de Bitencourt (2010), afirma que

para que uma prática seja considerada criminosa, ela deve apresentar três características [...] essas características seriam a tipicidade, ou seja, a ação deve ser passível de classificação em um tipo penal; a antijuridicidade, que diz respeito ao fato de essa prática infringir uma lei; e culpabilidade, já que o transgressor será passível de punição (SILVA, 2020, p. 2-3)

Ainda assim, a noção de que a liberdade de expressão, base constituinte da internet, pode ser usada como argumento para que parte dos usuários continue se expressando sem se preocuparem com as consequências impera entre os internautas, ocasionando a possibilidade da manifestação de discursos intolerantes.

É por isso que a liberdade de expressão não deve ser considerada absoluta e ilimitada, uma vez que, embora “seja um valor importante, ele não é o único. A dignidade humana, a igualdade, a liberdade de viver sem assédio e intimidação, a harmonia social, o respeito mútuo, e proteção de seu bom nome e honra também são fundamentais para a boa vida e merecem ser protegidos” (ARAÚJO, 2018, p. 51). Este conceito não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas como uma forma de garantir ampla participação cidadã no debate público, visando encontrar respostas adequadas aos diversos problemas sociais (ARAÚJO, 2018).

CAPÍTULO 4. REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso referencial teórico vai incluir dois eixos: uma teorização sobre as redes sociais, que nos permitirá compreender melhor o seu funcionamento, e uma teoria do discurso (a Teoria Semiollingüística), que nos permitirá interpretar como se dá o processo de semiotização do mundo nos dados analisados.

4.1. Sites de redes sociais e o Twitter

Para além do exposto no capítulo anterior, outros conceitos também deverão ser estudados mais a fundo a fim de amparar esta pesquisa. Entender as estruturas de funcionamento dos sites de redes sociais é importante para que a análise do objeto escolhido esteja embasada também em referenciais específicos, uma vez que as interações no ambiente cibernético têm características próprias.

É importante, para podermos tratar com clareza do ambiente cibernético, elucidar a diferença entre “rede social” e “site de rede social”, conceitos comumente confundidos e usados como sinônimos.

As redes sociais existem e são teorizadas desde antes da origem da internet, podendo ser definidas como os grupos em que nos relacionamos, uma espécie de universo social em que os indivíduos estabelecem conexões entre si. Para Recuero, uma rede social seria “uma forma de representar um grupo, onde os atores podem representar indivíduos e instituições e suas conexões [e] as relações entre esses atores” (RECUERO, 2014b, n. p.). A autora afirma ainda que estudar redes sociais permite que o cientista social foque nas estruturas da sociedade e que pesquisar sobre tais redes “é explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” (RECUERO, 2009, p. 22). Investigar como essas redes têm se manifestado na internet pode, então, dizer muito sobre a sociedade ao levarmos em consideração o que Castells (2003) afirma, propondo que cada vez mais as pessoas se organizam em redes sociais mediadas por computador.

Os sites de rede social, por sua vez, devem ser compreendidos como o suporte para as redes sociais. Eles são, portanto, “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet” (RECUERO, 2009, p. 102) e, para serem definidos dessa forma, devem permitir, de acordo com Recuero (2009, p. 102), 1) a construção de uma persona a partir de um perfil; 2) a

interação por meio dos comentários; 3) a exposição pública da rede social de cada ator. Assim, como propõem Recuero, Bastos e Zago (2015), nem todo site representa uma rede social e nem toda rede social está inserida dentro de um site.

Relembrando o que Recuero (2015) propõe sobre as mídias sociais terem dado “superpoderes” à violência simbólica, facilitando diferentes formas de intolerância e violência verbal, a autora afirma também que, na internet, os usuários se relacionam com muitos grupos e, por isso, pode haver dificuldade na adequação dos discursos. Ela aponta que

a comunicação face a face é organizada também por meio de sinais de *feedback* que informam as pessoas quando elas estão entrando em uma zona "perigosa" ou "tensa" durante a fala, permitindo que elas mudem de assunto ou consertem o que foi dito. Esta informação não existe online. Os usuários estão "falando" com uma tela, não com uma pessoa. Eles podem imaginar seu público como alguém que concorda com eles nessa situação. Mas há muitos outros, muitos que nem sempre são "visíveis" (como argumenta Boyd [2010], "audiências invisíveis"). Assim, o que é publicado para alguns auditórios geralmente pode ofender outros, que podem reagir violentamente. (RECUERO, 2015, p. 1, tradução nossa)³¹

Esta reação violenta, porém, deve ser compreendida como uma expressão legítima, ainda que possivelmente prejudicial a um dos lados do processo comunicativo, e que demonstra reflexos da sociedade como um todo. Recuero (2014a, p. 62) defende ainda que “o mapeamento dessas redes ganha novo potencial, com ares de ‘big data’, no sentido de que, pela primeira vez, é possível mapear gostos, atos, ideias e conexões de milhares de pessoas” e, desta forma, seria possível estabelecer também os padrões de uma sociedade.

Pensar nas possíveis diferenças entre o discurso empregado nas situações face a face e nas situações intermediadas pela internet também é importante para compreender nosso objeto. Para Barros (2014), o discurso da internet é caracterizado pela ruptura da oposição entre privado e público. A autora relembra que enquanto o domínio do público é regulamentado pela lei, o privado é o campo de preferências individuais e “na internet, preferências individuais, próprias da privacidade do sujeito são expostas e submetidas às leis públicas ou se tornam regras públicas” (BARROS, 2014, p. 3665). Ainda de acordo com Barros,

o sujeito do discurso da internet é instalado como um sujeito do poder que a interatividade intensificada, a extensão e propagação alargadas, e o anonimato lhe dão. Dotado de poder, ele se coloca como um homem público, mas anônimo, que

³¹ Person-to-person communication is also organized through feedback signals that inform people when they are entering a “dangerous” or “tense” zone during speech and allow them to change subjects or mend what was said. This information doesn’t exist online. Users are “speaking” to a screen, not a person. They may imagine their audiences as someone who agrees with them in that situation. But there are many others, many who are not always “visible” (as boyd [2010] argues, “invisible audiences”). Thus, what is published to some audience may often offend some others, who may react violently. (RECUERO, 2015, p. 1)

pode, sem riscos, expor suas preferências, sentimentos e emoções privadas e fazer delas regras públicas. (BARROS, 2014, p. 3665)

Nesse espaço em que público e privado se mesclam e se confundem, o discurso intolerante “pode não ser efetivamente intolerante, mas pode fazer os outros agirem de maneira intolerante e preconceituosa, como é o que vemos nas redes sociais, por exemplo, implicando então uma ‘desresponsabilização’ de atos que flertam no mínimo com ações ilegais” (BUENO, 2020, p. 54). Bueno afirma ainda que tal desresponsabilização pode, inclusive, como proposto em seções anteriores, “levar a uma maior desestabilização da democracia já tão precária que possuímos” (BUENO, 2020, p. 54).

Pensando, agora, especificamente na esfera em que se encontra nosso objeto, dentre os diferentes sites de rede social há o Twitter. Como suporte para interação entre usuários, este site tem um formato mais compacto e com maior fluxo de postagens quando em comparação a outros. Os estudos sobre o Twitter são importantes para apontar comportamentos sociais hegemônicos e que podem vir a ser violentos.

Recuero aponta que “a comparação de sites de rede social como o Twitter com a construção de uma esfera pública [...] não é nova e tem sido consistentemente reconstruída por vários trabalhos dedicados a investigar a mídia social e seu papel em debates políticos” (RECUERO, 2016, p. 159). Com a possibilidade de expandir a rede social de contato com os diversos grupos e indivíduos, o usuário se expressa livremente e dentre os assuntos deste ambiente cibernético estão política, religião e muitos outros. Este ambiente público pode ser considerado então, como proposto em seções passadas deste capítulo, um espaço para o exercício da cidadania. Recuero (2016) aponta ainda que os sites de rede social não são apenas uma construção de esfera pública, mas são também responsáveis por ampliar este debate, abrindo a possibilidade de que os discursos dominantes sejam desafiados. É possível dizer que

as redes proporcionam, portanto, maior visibilidade para todos os seus nós, democratizando o acesso e a produção de informações. Assim, quando o usuário publica uma informação, ela atinge outros usuários que, por sua vez, podem replicar a mensagem. Isso caracteriza esse espaço como mais “democrático”, promovendo uma maior aproximação entre os usuários, característica essa que vai repercutir na construção da imagem do sujeito enunciator. (MELO, 2020, p. 1964)

Neste tipo de ambiente a interação é possível entre todos os usuários, permitindo o contato de indivíduos que podem discordar veementemente uns dos outros e, ao enunciarem essa discordância, podem se mostrar como sujeitos intolerantes. Isso não significa, no entanto, que não haja punições possíveis para este tipo de discurso. Há, no Twitter, uma política contra

propagação de ódio³², sob a qual os usuários estão submetidos a partir do momento em que afirmam terem lido e aceitado as condições de uso deste site em específico. O desrespeito das regras impostas pode levar à suspensão ou banimento da conta, como ocorreu recentemente³³ com o ex-presidente dos EUA, Donald Trump.

Entendendo essas contribuições de diferentes áreas para o melhor entendimento de nosso objeto, trataremos a seguir do referencial teórico que será utilizado nesta pesquisa.

4.2 O discurso e a Análise do Discurso

Entendendo a linguagem como própria do homem, como ferramenta essencial para a vida em coletividade e como o primeiro “poder” do ser humano (CHARAUDEAU, 2014, p. 7), os estudos na área de Ciências Humanas e Sociais e, principalmente, na área da linguagem devem ser defendidos como essenciais para a compreensão das sociedades como um todo.

Ainda que estudar e pesquisar a linguagem seja necessário para o melhor entendimento das relações sociais, não significa que essa seja uma tarefa fácil. Isso porque, de acordo com Charaudeau (2014), a linguagem não é transparente, mas opaca. Ou seja, um ato de comunicação não resulta apenas de uma única intenção do sujeito falante, mas de vários fatores que cerceiam o chamado ato languageiro. Por esse motivo é indispensável, nos estudos da linguagem, identificar e compreender como cada contexto social, político, histórico e geográfico pode influenciar a maneira como cada indivíduo pensa e se expressa. É a partir desses preceitos que Charaudeau (2014) afirma que o interessante para o analista do discurso não é *do que fala* a linguagem, mas *como fala* a linguagem.

O discurso, uma das formas pelas quais a linguagem se materializa, “é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2001, p. 17). Orlandi propõe ainda que

a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2001 p. 15)

Há várias formas de se estudar a linguagem e uma delas é a Análise do Discurso. Inicialmente fundamentada por Michel Pêcheux, a AD se ancora na centralidade do papel do sujeito,

³² Ver em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/hateful-conduct-policy> Acesso em: 18 maio 2021.

³³ Ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55597638> Acesso em: 18 maio 2021.

excluído em vertentes anteriores de estudo da linguagem, como o Estruturalismo de Ferdinand de Saussure.

Tendo avançado nos estudos da Análise do Discurso, Patrick Charaudeau concebeu a Teoria Semiollingística por volta de 1980, ressaltando que a construção da significação é feita por meio de uma relação entre forma e sentido (-semio) e necessita de material lingüageiro (-lingüística) para tal.

A partir do entendimento da terminologia da teoria é possível, então, compreender a relação intrínseca entre os fatores lingüísticos e os de ordem semiológica. Por isso Charaudeau propõe que apenas o significado das frases não é suficiente para se interpretar um discurso, mas que todo o contexto em que enunciador, enunciado e destinatário estão inseridos também deve ser levado em consideração. Os enunciados, assim, não significam em si mesmos, devendo ser associados a dados externos ao discurso para que a interpretação seja possível. Este é o trabalho do analista do discurso: buscar pistas que sinalizem significações possíveis a partir de um discurso materializado

4.2.1. A Teoria Semiollingística

Dentre as diferentes abordagens teóricas de Análise do Discurso, optamos por utilizar a Teoria Semiollingística, proposta pelo francês Patrick Charaudeau, por entender que ela é capaz de nos oferecer material tanto teórico quanto metodológico para a presente análise. Nesta abordagem, o autor aponta que o discurso, em um primeiro sentido, está relacionado à encenação do ato de linguagem e, em segundo sentido, ao conjunto de saberes partilhados pelos indivíduos de um grupo de modo inconsciente (CHARAUDEAU, 2001, p. 26). É por meio do discurso que o sujeito pode transformar um mundo a significar em um mundo significado.

O ato de linguagem, por sua vez, deve ser entendido como o produto de um contexto, concebido por um sujeito comunicante, inserido em um ambiente de comunicação, que deverá organizar seu discurso de acordo com esta situação comunicativa.

Toda esta encenação possui quatro sujeitos, representados na figura a seguir do quadro proposto por Patrick Charaudeau.

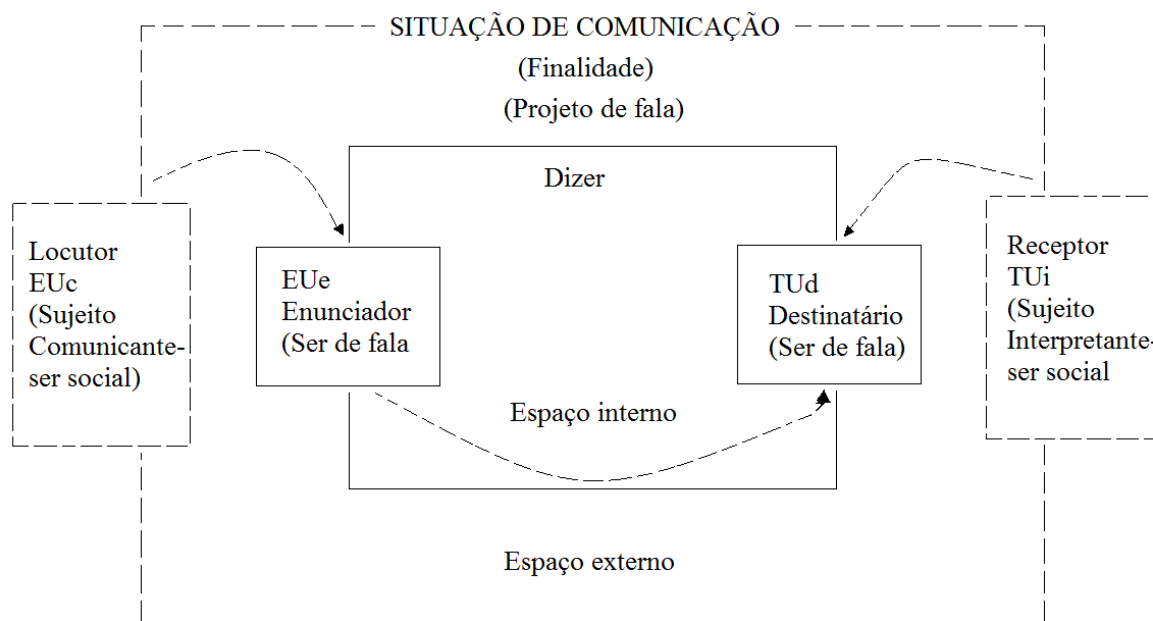


Figura 1: Situação de comunicação
 Fonte: Charaudeau (2014, p. 52)

O espaço externo, espaço do *fazer*, corresponde ao “mundo real” e nele estão os seres empíricos, psicossociais, responsáveis pelo ato de comunicação: Eu-comunicante (EUC) e Tu-interpretante (TUI), chamados de parceiros. O espaço interno da situação de comunicação, espaço do *dizer*, é entendido como o “mundo da palavra”. Nele estão as projeções dos dois primeiros sujeitos: o Eu-enunciador (EUe) e o Tu-destinatário (TUD), chamados de protagonistas, que só existem no ato de linguagem.

O sujeito EUC é o responsável por iniciar a produção comunicativa a partir de uma determinada finalidade e, por isso, é definido por Charaudeau como um sujeito agente. A partir de uma situação de comunicação definida, EUC projeta um ser de fala, EUe, que irá mobilizar determinadas estratégias para que seu discurso tenha adesão do TUD. Este último sujeito, por sua vez, como mencionamos, também é uma projeção: EUe idealiza um destinatário a partir das informações que a instância de produção possui. Tal projeção pode ou não coincidir com o sujeito real, TUI, que irá interpretar o enunciado de EUe, determinando o sucesso ou fracasso da situação de comunicação.

Esses sujeitos se relacionam por meio de um *contrato*, estabelecido a partir das restrições que irão compor as práticas sociolinguageiras. O contrato é, portanto, responsável por fornecer o estatuto sob o qual os locutores e interlocutores de uma situação comunicativa estão

submetidos. Para Charaudeau, o contrato depende do *implícito codificado*: isso significa dizer que as regras e restrições não são explicitamente postuladas, mas ainda assim são conhecidas e compartilhadas pelos sujeitos que interagem. Da mesma forma como a encenação do ato de linguagem, o contrato é composto por uma parcela externa e outra interna a ele. Os dados externos são as condições de identidade dos participantes, a finalidade da troca, o Propósito e o dispositivo, enquanto os dados internos são os comportamentos propriamente linguageiros, discursivos, tais como espaço de locução, de relação e de tematização.

A identidade dos participantes é fator crucial para compreender o contrato, pois evidencia que qualquer ato de linguagem depende de quem são os parceiros envolvidos e se materializa por traços como idade, gênero, sexualidade, etnia etc., ou seja, características que podem indicar o status e as relações preexistentes entre os parceiros. A finalidade diz respeito ao objetivo do ato linguageiro e se constitui por meio das visadas, ou seja, por meio da intencionalidade da instância de produção, que pode ser planejada de forma consciente ou não. É a finalidade que produz expectativas sobre a troca comunicativa por parte do EUE, que idealiza sobre a instância de recepção que, por sua vez, pode ou não corresponder a tal expectativa. Já o Propósito pode ser definido como um macrotema, um domínio de saber necessário a qualquer ato linguageiro e que pode ser perpassado por vários outros. Por fim, o dispositivo diz respeito às circunstâncias materiais na qual a troca acontece, seja um ambiente ou suporte, e auxilia a determinar a forma como a comunicação deve acontecer em um contexto específico.

Como componente dos dados externos do contrato de comunicação, o espaço de locução corresponde ao intervalo em que o sujeito falante deve conquistar o direito de se expressar, justificando o porquê de ter tomado a palavra. Ele precisa, nesse espaço, afirmar seu mérito como sujeito da enunciação e garantir que seu interlocutor consiga constatar tal competência. O espaço da relação diz respeito à construção da identidade tanto do enunciador quanto do destinatário por meio de relações de força ou de aliança, que visam incluir ou excluir, agredir ou ser conivente com o interlocutor. Por fim, o espaço da tematização, como sugerido pela denominação, refere-se à organização dos temas, de domínios do saber nos quais o locutor irá sustentar sua enunciação.

Ainda que todas essas características perpassem os discursos de forma geral, existem ainda as estratégias de individualização, acionadas pelo sujeito enunciador visando que TUD possa aderir ao universo de discurso do EUE. Sobre isso, Charaudeau afirma que

Nenhum ato de comunicação está previamente determinado. Se é verdade que o sujeito falante está sempre sobredeterminado pelo contrato de comunicação que caracteriza cada situação de troca (condição de socialidade do ato de linguagem e da construção do sentido), é apenas em parte que está determinado, pois dispõe de uma margem de manobra que lhe permite manifestar um ato de individuação: na realização do ato de linguagem pode escolher os modos de expressão que correspondam a seu próprio projeto de fala (CHARAUDEAU, 2007a, p. 71).

Tais estratégias são chamadas de estratégias de legitimação porque visam reforçar a posição social do sujeito quando não legitimado ou com legitimidade fraca. Elas se dividem em duas: de credibilidade e de captação.

A primeira se relaciona ao *ethos* e é acionada quando o sujeito visa reforçar sua identidade social por meio de argumentos racionais, contribuindo com a construção da imagem de si, e podem ser estratégias discursivas de neutralidade, de distanciamento ou de engajamento. A estratégia de captação se relaciona ao *pathos* e é caracterizada, geralmente, pela relação de não autoridade do sujeito locutor para com o interlocutor e, por este motivo, serão acionados diferentes recursos patêmicos, como as estratégias discursivas de sedução, da polêmica e da dramatização.

4.2.2. Os Modos de organização do discurso

Todas as características citadas na seção anterior se materializam nos Modos de organização do discurso tratados na obra “Linguagem e discurso: modos de organização” do autor em questão. Charaudeau afirma que “o locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela situação de comunicação, utiliza categorias de língua ordenadas nos Modos de organização do discurso para produzir sentido” (CHARAUDEAU, 2009, p. 25), sendo eles: modo Enunciativo, modo Descritivo, modo Narrativo e modo Argumentativo, responsáveis por oferecer uma ou outra configuração ao texto produzido pelo sujeito enunciativo do discurso.

O primeiro modo, o Enunciativo, se refere aos seres de fala. É por meio deste modo que o sujeito pode se posicionar e agir na situação comunicativa e, por este motivo, se sobrepõe a todos os demais modos. Nele são estabelecidas três funções: uma primeira função de relação da influência entre sujeito locutor e interlocutor; uma segunda, da posição do locutor ao que ele diz; e a terceira, da relação do locutor ao que o outro diz. A partir disso, tem-se três atos: alocutivo, elocutivo e delocutivo.

O ato alocutivo enuncia a posição de influência que se dá entre locutor e interlocutor, passando a estabelecer papéis linguageiros entre si e seu destinatário. É determinado pelo uso de pronomes pessoais e por uma relação instável de superioridade e inferioridade.

O ato elocutivo diz respeito ao locutor em relação a si mesmo: não há implicação de um terceiro, um sujeito destinatário. É neste ato que o sujeito enuncia seu ponto de vista, sua avaliação e emoções. Ele se subdivide em cinco tipos: de avaliação, de engajamento, de motivação, de saber e de decisão.

O ato delocutivo apaga o sujeito do discurso a fim de demonstrar uma aparente objetividade. É como se o dito existisse por si só, eximindo o enunciador de quaisquer responsabilidades. O locutor apenas transmite o enunciado, que está além de seu alcance.

O segundo modo de organização é o Descritivo, pelo qual é possível identificar e qualificar os seres por meio de um olhar sobre o mundo, feito a partir de três domínios: nomear, localizar-situar e qualificar. O Descritivo é um processo enquanto a descrição é seu resultado. Este modo de organização é comumente combinado tanto com o Narrativo quanto com o Argumentativo, uma vez que “um texto é sempre heterogêneo, do ponto de vista de sua organização” (CHARAUDEAU, 2014, p. 109).

Nomear é fazer existir um ser, observando suas semelhanças e diferenças em relação a outros seres. As propriedades notadas são internas a cada um dos nomeados e, por isso, Charaudeau aponta que são constitutivas dos indivíduos.

O ato discursivo de localizar-situar determina a posição de um ser no espaço-tempo e lhe atribui ainda outras configurações, uma vez que seu lugar no espaço-tempo determina sua razão de ser.

Por fim, qualificar complementa a atividade de nomear quando uma característica particular é atribuída ao ser, caracterizando-o e especificando-o em um subgrupo. Charaudeau afirma que “toda qualificação tem origem no olhar que o sujeito falante lança sobre os outros seres e o mundo, testemunhando, então, sua subjetividade” (CHARAUDEAU, 2014, p. 115) e tal subjetividade se mostra não somente a partir da racionalidade do enunciador, mas também de seus sentidos e sentimentos. Para o autor, “qualificar é tomar partido”.

Por isso podemos afirmar que o modo de organização Descritivo é permeado pelas percepções individuais do sujeito enunciador, uma vez que a forma como cada indivíduo nomeia, localiza-situa e qualifica um ser depende de suas vivências e experiências como parte de um

grupo. É possível, por meio da análise do Descritivo, identificar e compreender a formação discursiva (FOUCAULT, 2012) dos sujeitos falantes ao relacionar suas escolhas léxico-discursivas mobilizadas na enunciação.

O terceiro modo de organização, o Narrativo, é bastante problematizado por Charaudeau, que visa desconstruir a noção escolar de narração e narrativa. Para o autor, narrar não é simplesmente descrever um acontecimento, muito menos se relaciona apenas à literatura de ficção. É verdade que o Narrativo necessita de elementos como um contador, um narrador com intencionalidade, um sujeito alvo desta intenção, um contexto no qual a narrativa se insere e desenvolve as ações pelo discurso. Mas, para além disso, a atividade de narrar faz surgir um *universo contado* que pretende *fazer crer no verdadeiro* (CHARAUDEAU, 2014, p. 154).

Diferentemente do Descritivo, que não obedece a nenhum princípio de fechamento, ou seja, não necessita de um fim em si mesmo, o modo de organização Narrativo obedece a uma estrutura lógica sintática do desenvolvimento das ações contadas, que permite sua redução ou amplificação. Há, de acordo com Charaudeau, uma dupla articulação neste modo: a organização da lógica narrativa, que diz respeito à construção da sucessão das ações visando constituir uma “história”; e a organização da encenação narrativa, uma espécie de *mise-en-scène* própria deste modo.

Como elementos da lógica narrativa, os seres passam a exercer 1) papéis actanciais e se relacionam entre si por meio de diferentes 2) processos narrativos, que se integram nas 3) sequências narrativas, compostas por acontecimentos interligados por meio dos princípios de coerência, intencionalidade, encadeamento e de localização.

O quarto e último modo de organização do discurso segundo Charaudeau é o Argumentativo, caracterizado pelo próprio autor como ainda mais difícil de ser tratado do que o Narrativo. Isso porque o Narrativo “confronta-se com uma forma da realidade, visível e tangível. O argumentativo, ao contrário, está em contato apenas com um saber que tenta levar em conta a experiência humana, através de certas operações do pensamento” (CHARAUDEAU, 2014, p. 201). Não se deve pensar, no entanto, apenas em argumentos e justificativas, uma vez que este modo também se caracteriza pelo implícito no discurso. Ao tratar do Argumentativo, então, lidamos com o que está na organização do discurso, e não exclusivamente explícito nele.

Charaudeau propõe que para que haja argumentação é preciso que haver 1) uma Proposta sobre o mundo, que deve transpor a ideia de senso comum para que seja passível de argumentação; 2) um sujeito (locutor) engajado a esta proposição de mundo; e 3) um segundo sujeito (destinatário) a quem o primeiro irá se dirigir a fim de argumentar e convencê-lo de sua proposição.

A partir destes três elementos acima citados, uma dupla busca é desenvolvida pelo sujeito argumentante: uma busca de racionalidade e uma busca de influência. A busca pela racionalidade é, na verdade, uma busca pelo *mais verdadeiro*, pelo *verossímil*, que depende tanto das experiências particulares do sujeito argumentante quanto das representações compartilhadas pelo grupo do qual faz parte. Já a busca da influência é a atividade de compartilhar com o destinatário um universo discursivo para convencê-lo de que aquele *verossímil* seria o mais aceitável. Para isso, é possível que o argumentante faça uso não apenas de processos racionais e lógicos, mas também de argumentos que usem da sedução para persuadir o outro.

4.2.3. Imaginários sociodiscursivos

Além dos Modos de organização do discurso, outro construto teórico muito importante dentro da Semiologia é o conceito de imaginários sociodiscursivos. Esta importância se dá à medida em que, para Charaudeau (2017), o mundo não é dado a priori, mas, sim, construído pelo sujeito falante por meio da linguagem. A realidade, o mundo físico e empírico, é apreciada pelos sujeitos e só então o real, mundo interpretado, se constitui.

Um dos mecanismos utilizados para que esta construção seja possível é o de representações sociais, que podem ser entendidas como percepções do mundo compartilhadas por dadas comunidades. De acordo com o autor,

o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578)

Isto posto, Charaudeau propõe que a noção de representações sociais na AD não são parte integrante dos imaginários, mas, sim, uma mecânica que dá origem aos saberes e aos imaginários.

Em suma, então, podemos dizer que

À medida que esses saberes, enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 203).

Ao tratar especificamente dos imaginários sociodiscursivos, Charaudeau (2017) aponta primeiro o que seria o imaginário. Ele discorre que, em oposição ao uso como adjetivo em que normalmente há uma visão pejorativa (como em doença imaginária, mundo imaginário, etc), o uso deste vocábulo como substantivo recupera uma visão filosófica e psicológica. Passando pela explicação dos gregos clássicos, recorrendo a Freud, Yung e outros, e chegando à Antropologia, o autor afirma que é nesta última vertente que a noção de imaginário na Análise do Discurso será definida. Isto porque tal disciplina leva em consideração que “os rituais sociais, os mitos e as lendas [...] refletem a organização das sociedades humanas” (CHARAUDEAU, 2017, p. 577).

Sabendo que os imaginários sociodiscursivos são formulados nas sociedades e dentro de um domínio específico, de uma prática social específica, podemos compreender porque o autor afirma que um imaginário nunca é verdadeiro ou falso, mas verossímil, compreendido como possivelmente verdadeiro. Um imaginário sociodiscursivo nunca será absoluto, “mas uma proposição de visão do mundo que se baseia nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem se excluir ou se sobrepor uns aos outros” (CHARAUDEAU, 2017, p. 587). Por esse motivo, um mesmo imaginário pode ter um valor diferente, sendo positivo ou negativo, de acordo com o domínio social no qual está inserido.

Além de entender a importância do contexto para sua formação, é essencial também destacar o fator da discursividade nos imaginários, uma vez que, como mencionamos anteriormente, é por meio do discurso que o falante constrói o real significante. Para Charaudeau,

A base dos imaginários sociodiscursivos é o lugar de estruturação das diversas representações sociais. Estas são 'sociodiscursivas' porque são representações construídas pelo dizer, sendo pois perceptíveis e identificáveis nos e pelos discursos que circulam nos grupos sociais. Resultam de diferentes tipos de saberes, que muitas vezes encontram-se ‘misturados’: saberes de crença, de experiência e de erudição. Dentre essas representações, e sem que se possa distinguir com clareza suas diferentes dimensões, algumas são de ordem cultural, outras de ordem societal, outras ainda de ordem comunitária e outras de ordem grupal. Estes imaginários sócio-discursivos exigem do sujeito uma competência semântica. (CHARAUDEAU, 2009, n. p.)

Os diferentes tipos de saberes citados acima serão basilares para nossa análise. Eles são divididos pelo autor em dois tipos: saberes de conhecimento e saberes de crença. A principal diferença entre ambos está na relação estabelecida entre o sujeito e o mundo.

No âmbito dos saberes de conhecimento, o mundo se sobrepõe ao homem. Eles estabelecem uma verdade a partir da percepção do mundo empírico. São chamados de saberes abertos, ou seja, podem ser contestados sem que haja prejuízo para uma comunidade. Existem duas espécies de saberes de conhecimento: científico, que deve ser comprovado, e de experiência, que pode vir da experimentação ou da experiência partilhada.

Já no caso dos saberes de crença, o homem se sobrepõe ao mundo pelos julgamentos subjetivos que faz. São suas apreciações, seus juízos de valor que configuram um saber. Também são subdivididos em dois: saber de revelação e saber de opinião. O primeiro é tido como fechado, inquestionável, e normalmente é fundamentado por uma verdade mais ou menos transcendental: é o caso de doutrinas, dogmas e ideologias. Já os saberes de opinião podem ser constantemente questionados e são subdivididos ainda em três outras categorias: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva. A opinião comum é a mais generalizante e tem sua representação em provérbios, ditados, crenças populares, ou frases como “todo mundo sabe que...”. O segundo tipo, a opinião relativa, é representativa do “eu penso que...” ou “nós pensamos que...” e por isso acaba sempre contra ou a favor de outra opinião, tornando-se espaço intrínseco a discussões e críticas. A terceira, opinião coletiva, é o julgamento de um grupo acerca de outro grupo e tem um forte caráter identitário e indiscutível, como quando se diz “a esquerda é cruel” ou “a direita é burra”.

Os imaginários, então, são sustentados pelos tipos de saberes que, por diversas vezes, podem estar disfarçados sob outra forma de saber: um saber de revelação pode parecer ser um saber de opinião comum ou relativa, dentre outras possibilidades. Cabe, então, ao analista do discurso “ver como aparecem os imaginários, em qual situação comunicativa eles se inscrevem e qual visão de mundo eles testemunham” (CHARAUDEAU, 2009, p. 587). É isto que faremos em nossas análises.

CAPÍTULO 5. METODOLOGIA

A perspectiva adotada para análise discursiva dos textos será uma metodologia qualitativa, pois entendemos que, no âmbito das Ciências Humanas, é necessário levar em conta aspectos que não podem ser mensurados, principalmente ao se trabalhar com a linguagem. Mesmo assim, é preciso notar que, ainda que não mensuráveis, as questões do discurso não são meras abstrações, mas a materialização verbal de elementos como contexto sócio-histórico-geográfico do falante, sua identidade, suas formações ideológicas, etc.

A análise do discurso, do ponto de vista das ciências da linguagem, não é experimental, mas empírico-dedutiva. Isto significa que o analista parte de um material empírico, a linguagem, que já está configurada numa certa substância semiológica (verbal). É esta configuração que o analista percebe, podendo manipulá-la através da observação das compatibilidades e incompatibilidades das infinitas combinações possíveis, para determinar recortes formais, simultaneamente às categorias conceituais que lhes correspondem (CHARAUDEAU, 2005, p. 05).

Conhecendo nosso corpus e também a natureza de nossa pesquisa, é possível então nos debruçarmos sobre as especificações da coleta e da seleção dos dados.

5.1. Identificação e seleção do corpus

Tomamos como objeto de análise os comentários que contêm intolerância verbal postados em resposta à publicação feita na conta @Pontifex_pt, do site de rede social Twitter, veiculada no dia 04 de julho de 2019 às 10h45 no horário de Brasília.

O recorte da coleta se deu a partir da necessidade de estabelecer um limite temporal para a extração dos dados. Como o Twitter é uma rede social marcada pela interatividade, é possível que os usuários estejam sempre respondendo uns aos outros, independentemente de quando a publicação tenha sido feita.

Sabendo disso, foi necessário estabelecer uma data para que pudéssemos iniciar nossas análises e, por isso, a coleta dos dados foi finalizada no dia 22 de maio de 2020. Caso a opção metodológica tivesse sido por uma data posterior, poderíamos causar prejuízos qualitativos em relação à análise dos dados, uma vez que, como explicaremos neste capítulo, a identificação dos comentários intolerantes depende da capacidade interpretativa do pesquisador, demandando tempo e atenção total ao objeto investigado. Por este motivo, comentários feitos após a data supracitada não serão contabilizados nem analisados nesta dissertação.

Outro ponto que deve ser elucidado é que a coleta do corpus demandou a utilização de ferramentas específicas. Isto porque a plataforma não disponibiliza a visualização de todas as interações dentro de uma publicação nos casos em que há um grande fluxo de comentários, nos obrigando a recorrer a procedimentos mais específicos do que a coleta manual dos tuítes.

A partir de uma Interface de Programação de Aplicativos, doravante API (do inglês “Application Programming Interface”), chamada de Twitter Scraping, foi possível coletar 5639 (cinco mil, seiscentos e trinta e nove) respostas ao tuíte do Papa Francisco. Inicialmente, o próprio site do Twitter mostrava que eram 4100 (quatro mil e cem) comentários, entretanto, percebemos que eram contabilizadas somente respostas diretas ao @Pontifex_pt, ignorando as interações entre os usuários, mesmo que desencadeadas pela postagem em questão. A API citada coleta os dados e os salva em *.json*, um formato de arquivo assim como *.png*, *.pdf* ou *.txt*.

Contudo, *.json* não permitiria uma leitura fluída e rápida para que todos os comentários extraídos do Twitter pudessem ser lidos e analisados. Assim, optamos por fazer uso de uma expressão regular que seria responsável por tratar os dados e transformá-los em texto. A expressão regular é uma microlinguagem de programação altamente especializada que pode ser usada para fins específicos definidos pelo programador. No caso desta pesquisa, fizemos uso deste recurso para transformar o arquivo de *.json* para texto, excluindo caracteres próprios dos códigos de computação (como <>, /, %, *, () e afins).

Após a coleta e transformação dos dados em texto, chegamos ao resultado de 5639 comentários acima citado. A partir desse número “bruto”, empreendemos a seleção daqueles dados nos quais consideramos haver manifestações de intolerância verbal. Como não há, até o momento, nenhum tipo de inteligência artificial disponibilizada para uso público que permita a leitura e identificação automática de um discurso intolerante, a única maneira de selecionar as respostas para a análise é manualmente, lendo cada um dos comentários. Mesmo que essa forma de seleção nos impeça de analisar um grande volume de dados em um curto espaço de tempo, como poderiam fazer softwares especializados, caso existissem, consideramos que essa maneira de proceder pode ser mais efetiva, uma vez que serão selecionados os comentários que realmente apresentam discurso intolerante, sem possível ambiguidade ou imprecisão que uma linguagem computacional poderia causar.

Para seleção dos comentários que contêm discursos intolerantes, em nossa classificação levamos em consideração as contribuições de Barros (2011, 2016, 2014), que categorizam

como tal as enunciações que apresentam as seguintes características: 1) discursos que apresentam uma repulsa exacerbada do *nós* em relação ao *eles*; 2) discursos que visam defender e reforçar o *nós*; 3) discursos que consideram que o *eles* rompe pactos e acordos sociais; e também as contribuições de Amossy (2017a), que, ao tratar da violência verbal, afirma que ela se materializa, dentre outras características já discutidas em nossa seção de intolerância verbal, como 4) discursos que desconsideram ou ridicularizam o ponto de vista do *eles*; 5) discursos que visam atacar a identidade do opositor, e não seu discurso; e, por fim, 6) discursos que fazem uso de insultos contra o adversário como uma forma de agressão.

A listagem com todas as respostas identificadas com conteúdo de intolerância verbal estará na seção de Anexos.

A partir da leitura individual de cada um dos comentários, identificamos um total de 289 (duzentos e oitenta e nove) respostas contendo intolerância verbal. Isso representa um total de 5,12% do total de 5639 comentários coletados.

5.2. Estratégias de ação e categorias de análise

Para análise de nossos dados, fizemos uso da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, exposta anteriormente em nossa seção de referencial teórico. De acordo com o autor, o discurso é resultado do contexto em que se insere e da situação de produção. O enunciador faz uso de diferentes estratégias linguístico-discursivas visando produzir um determinado efeito sobre seu interlocutor. É papel do analista do discurso, então, identificar, analisar e interpretar os enunciados produzidos. Foi esse o percurso que procuramos adotar.

Para tanto, empreendemos a descrição e análise dos nossos dados em duas etapas: num primeiro momento, tomamos como objeto a postagem original e, numa segunda etapa, focalizamos os comentários dela decorrentes. Tanto a publicação original quanto os comentários foram descritos em termos do gênero em que se materializam (uma postagem no Twitter) e considerando as restrições situacionais e discursivas que comandam sua produção. Procuramos descrever a organização discursiva dos dados, considerando as categorias pertinentes a cada um dos modos (Enunciativo, Descritivo, Narrativo e Argumentativo), conforme Charaudeau (2014). Após a etapa de descrição, os comentários selecionados foram analisados em termos dos imaginários que veiculam.

CAPÍTULO 6. ANÁLISES

Na visão de Charaudeau, o sujeito interpretante é quem cria hipóteses sobre o sujeito enunciador, sobre seus pontos de vista em relação ao que fala e para quem fala. Neste entendimento, o papel do analista do discurso é tentar compreender a visão de mundo do enunciador, tentando, sempre que possível, se afastar de seus pré-julgamentos para que a análise seja isenta de apreciações pessoais.

6.1 Da postagem do Papa Francisco

Para podermos analisar e fazer interpretações dos comentários intolerantes, é importante que o conteúdo do vídeo publicado pela conta do Papa Francisco no Twitter seja elucidado. Pretendemos, com isso, contextualizar o que poderia ter mobilizado os usuários a produzirem respostas que contêm diferentes níveis de intolerância verbal. A transcrição do conteúdo verbal da publicação nos proporcionou o seguinte texto:

Rezemos para que todos aqueles que administram a justiça operem com integridade e para que a injustiça que atravessa o mundo não tenha a última palavra.
 Dos juízes dependem decisões que influenciam os direitos e os bens das pessoas. Sua independência deve ajudá-los a serem isentos de favoritismos e de pressões que possam contaminar as decisões que devem tomar. Os juízes devem seguir o exemplo de Jesus, que nunca negocia a verdade. Rezemos para que todos aqueles que administram a justiça operem com integridade para que a injustiça que atravessa o mundo não tenha a última palavra.

Antes de tratarmos da análise do texto em si, retomamos alguns dados sobre a publicação. Realizada no dia 4 de julho de 2019, inicialmente a postagem recebeu 5.639 comentários, 15.100 (quinze mil e cem) retuítes³⁴ e 53.400 (cinquenta e três mil e quatrocentas) curtidas³⁵. Fizemos um levantamento ao longo de um ano de todas as publicações no perfil do Twitter do Papa, entre os meses de agosto de 2018 e julho de 2019, e notamos que a média dos comentários se manteve em torno de 150 (cento e cinquenta) respostas por tuíte. Isso demonstra como a publicação específica da qual tratamos teve um alcance notável entre o público, composto não apenas por brasileiros, mas por todos os falantes do português. Recentemente, em maio de 2021, revisando a publicação, vimos que os comentários passaram a um total de 7.384 (sete mil, trezentas e oitenta e quatro) respostas, um aumento significativo. As demais interações, de retuítes e de curtidas, decresceram ao invés de

³⁴ Ferramenta do Twitter que permite a um usuário compartilhar, no seu perfil, uma publicação feita por outrem.

³⁵ Ferramenta representada por um coração, usada para que o usuário possa demonstrar que gostou de um tuíte.

umentar. De 15.100 retuítas para 13.600 (treze mil e seiscentos) e de 53.400 curtidas para 49.100 (quarenta e nove mil e cem).



Figura 2: Captura de tela da publicação

Fonte: Twitter. Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt/status/1146776928197795841. Acesso em: 28 out. 2020.

É complexo tentar inferir o porquê das mudanças no número de comentários, mas um dos fatores que pode ser apontado é que, em julho de 2020, completou um ano que a publicação foi feita. Um dos recursos de sites de redes sociais é relembrar o usuário de interações e publicações anteriores para que a interatividade dentro do site se mantenha alta. É possível, então, que devido a esta marca temporal mais usuários tenham começado a interagir respondendo e, em contrapartida, usuários que já haviam interagido antes possam ter desmarcado as opções de retuíte e de curtida, ou ainda que tenham excluído suas contas.

Sobre a situação de comunicação do texto presente no vídeo, analisando a *mise en scène* do ato de linguagem, temos, na instância de produção, como EU-comunicante, a Igreja Católica e a equipe responsável por redigir o texto, uma vez que o Papa expressa os posicionamentos oficiais de tal instituição e seu discurso é perpassado pelos dogmas da mesma. Como EU-enunciador, o próprio Papa assume a posição de enunciador do discurso, que visa a um efeito sobre o TU-destinatário. Esse seria, por sua vez, representado pelos católicos do mundo, público alvo de uma mensagem que pede por orações da Igreja Católica. Ocupando a posição de TU-interpretante, por fim, temos qualquer um que assista ao vídeo e leia o discurso nele

contido, inclusive os não católicos e pessoas que discordam das propostas defendidas pelo Papa, uma vez que as postagens nesse site são acessíveis a qualquer pessoa.

O contrato de comunicação, como mencionado, é composto pela finalidade da troca, a identidade dos participantes, o Propósito e o dispositivo que permite sua ocorrência. A finalidade do vídeo produzido é a de fazer com que os católicos orem por uma justiça imparcial, explicitamente apresentada pelo pedido do Pontífice em “rezemos para que todos aqueles que administram a justiça operem com integridade e para que a injustiça que atravessa o mundo não tenha a última palavra”. As identidades dos parceiros são ocupadas no espaço externo da situação de comunicação pela Igreja Católica, como EU-comunicante, e pelos internautas que acessarem o vídeo, como TU-interpretante. Já no espaço interno, os protagonistas do ato de linguagem são o Papa Francisco, como EU-enunciador, e os católicos do mundo, como TU-destinatário. Na posição de maior representante da Igreja Católica, Francisco tem sua identidade permeada da autoridade e legitimidade características ao cargo e, por isso, está em condição de fazer um pedido aos fiéis, que, ao se reconhecerem em um status social de submissos à ideologia católica, podem se sentir na obrigação de aderir a tal pedido. O Propósito, por sua vez, apesar de se relacionar com a finalidade, não coincide com ela. Neste caso, o Propósito ao qual o Papa, na posição de enunciador, adere é o de que há injustiças no mundo e que para que tal situação mude é necessário que os juízes sejam imparciais. Já o dispositivo que permite a troca comunicativa é o site de rede social Twitter, no qual o vídeo foi veiculado e em que os comentários intolerantes foram realizados.

Partindo para análise do vídeo, o texto é iniciado por um pedido do Papa para que os católicos rezem por aqueles que administram a justiça. Mobilizando o comportamento elocutivo do modo de organização Enunciativo, ao dizer “rezemos” e não “rezem”, por exemplo, o Papa se aproxima dos fiéis e se coloca em paridade com seu destinatário. O pedido pela integridade dos juízes e o apelo para que a injustiça não prevaleça representam valores que todos os cristãos católicos devem defender.

Ao falar do papel dos juízes, a forma de enunciação muda, colocando em prática o comportamento delocutivo. Com o apagamento do sujeito enunciador, há um efeito de objetividade e ainda de que o que está sendo dito é uma verdade por si só. Dizer, então, que a independência dos juízes “deve ajudá-los a serem isentos de favoritismos” e que eles devem “seguir o exemplo de Jesus, que nunca negocia a verdade” impõe o entendimento de que isso

é uma verdade absoluta para os católicos, e não de que apenas o Papa pensa dessa forma. O texto é finalizado repetindo a frase inicial, o que ajuda a reforçar o conteúdo da mensagem.

Além do texto verbal, o estrato imagético também oferece material para análise. Há, nas imagens, uma narrativa de um processo entre um homem simples, que defende sua residência, e um outro homem que aparenta ser abastado e deseja construir um *resort*.



Figura 3: Captura de tela do vídeo

Fonte: Conta do Twitter do Papa. Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt/status/1146776928197795841. Acesso em: 28 out. 2020.

6.2 Dos comentários

Após essa contextualização sobre a postagem do papa, passamos a focalizar os comentários publicados a partir dessa postagem, que são o objeto da nossa pesquisa. Porém, antes de nos debruçarmos sobre a análise dos textos selecionados, devemos destacar o caráter naturalmente argumentativo do gênero comentário. A argumentação se dá, essencialmente, a partir do posicionamento do enunciador sobre uma temática já evidenciada. Melo (2020, p. 1968), a partir de Charaudeau (2014), aponta que o sujeito “é levado a se posicionar em relação à proposta apresentada e ao sujeito que emite a proposta, adotando algumas atitudes em relação ao ator social emissor da proposta e/ou àquilo que é dito”. Se há uma tese inicial e há espaço para que as pessoas reajam, haverá argumentação, ainda que implícita. No caso do vídeo do Papa, a proposta (tese) é de que os juízes devem operar com integridade; um sujeito pode concordar, discordar ou demonstrar desconhecimento para se posicionar sobre tal proposta, se

colocando no espaço de proposição, definido por Charaudeau como “quadro de questionamento”; por fim, o enunciador irá desenvolver um ato de persuasão visando refutar, justificar ou ponderar a proposta. Entendemos, assim, que os comentários sempre terão a argumentação como característica intrínseca, uma vez que foram realizados como resposta a uma proposta inicial. Sabendo disso, iremos ponderar sobre os comentários selecionados a seguir.

A partir da leitura individual de cada um dos comentários, identificamos um total de 289 respostas contendo intolerância verbal. Isso representa um total de 5,12% do total de 5639 comentários coletados. Dentre esses, há duas expressões principais, sendo comentários de engajamento e de não engajamento.

Definimos como comentários de engajamento aqueles que apoiam a ideia principal da mensagem veiculada na publicação do Papa Francisco. Eles reforçam a noção da necessidade de defender a integridade e imparcialidade dos juízes, mas, para isso, acabam insultando os usuários que pensam de forma diferente. Os comentários de engajamento apoiam tanto o Papa, seja por seu discurso na publicação, seja por sua identidade enquanto sujeito comunicante, quanto os usuários que já se manifestaram em favor dele.

Entendemos os comentários de não engajamento como sendo aqueles que negam ou se contrapõem à ideia principal da mensagem veiculada na publicação do Papa Francisco. Essas respostas reforçam a noção de que os juízes brasileiros são, sim, imparciais e que a declaração do vídeo visava acusar e desmoralizar a Operação Lava-Jato e o governo de Bolsonaro, ainda que ambos não estejam explicitamente envolvidos no tema da publicação.

A intolerância verbal na internet se manifesta de duas maneiras distintas: visando ao conteúdo verbal de uma publicação ou visando ao sujeito enunciador de tal ato. É possível, então, que o sujeito que comenta a publicação do Papa vise se manifestar sobre o Papa, sobre seu discurso, ou, se tratando dos usuários que interagiram com a publicação, sobre os discursos de outros usuários que já se manifestaram na publicação e sobre os sujeitos que produziram tais discursos. A tipologia e as porcentagens de ocorrência dos comentários intolerantes estão representadas no gráfico a seguir:

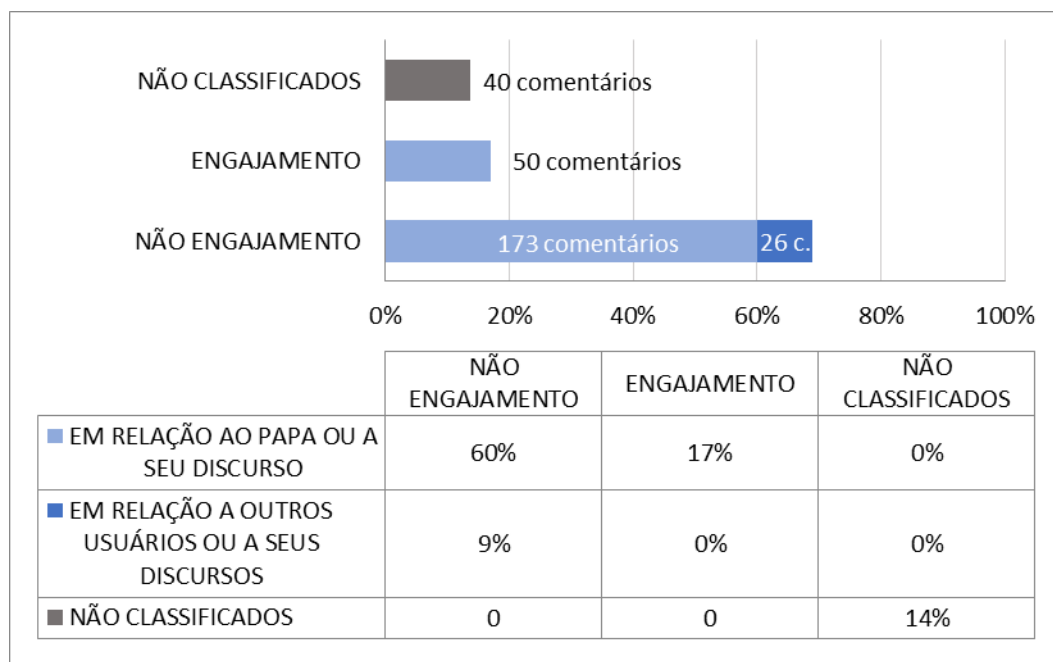


Gráfico 1: Nível de engajamento dos comentários intolerantes

Fonte: elaboração própria

Foram identificados, dentre as 289 respostas que contêm intolerância verbal, 199 (cento e noventa e nove) comentários de não engajamento, sendo que 173 (cento e setenta e três) destes foram direcionados ao Papa ou a seu discurso, totalizando 60% (sessenta por cento) das ocorrências de discurso intolerante, e 26 (vinte e seis) foram direcionados a outros usuários ou aos seus discursos, totalizando 9% (nove por cento) das ocorrências.

Os comentários de engajamento são, em suma, direcionados a outras respostas já existentes, e não uma manifestação direta em relação ao conteúdo do vídeo. Não houve nenhum enunciado que tenha feito uso de intolerância verbal direcionada ao Papa com a finalidade de apoiá-lo.

Os discursos intolerantes de não engajamento podem ser direcionados ao discurso papal ou à própria identidade do Papa, ou ainda às identidades e discursos de outros usuários. Esta distinção sobre o direcionamento dos comentários será feita, mais detalhadamente, adiante, no gráfico 2.

Já como comentários de engajamento foram identificados, dentre as 289 respostas que contêm intolerância verbal, 50 (cinquenta) respostas classificadas nesta categoria, totalizando 17% (dezessete por cento) das ocorrências.

Por fim, com base no gráfico 1, identificamos também 40 (quarenta) respostas que não puderam ser classificadas como de engajamento ou não engajamento, que representam 14% (quatorze por cento) das ocorrências. Elas se referem apenas aos discursos ou identidades de

outros usuários, e não ao Papa, mas não foi possível distinguir quais tópicos abordam e se estariam em acordo ou desacordo com a mensagem publicada no vídeo de Francisco. Apesar de não ter sido possível catalogar os comentários não classificados por falta de pistas linguístico-discursivas, conseguimos identificar se os discursos se referiam à identidade de outros sujeitos enunciadore ou aos discursos por eles proferidos, distinção que será apresentada no gráfico 2.

A partir do gráfico 1 foi possível, então, notar que os comentários de não engajamento são a maioria, representando 69% (sessenta e nove por cento) das ocorrências. Isso demonstra que a repercussão da publicação foi negativa no sentido de que a mensagem divulgada por Francisco não foi bem recebida pelos usuários que interagiram com a publicação. Para compreender se tal repercussão negativa teve um enfoque discursivo na mensagem em si, visando uma possível argumentação explícita, elaboramos o gráfico a seguir, que procurou distinguir em quais casos os comentários intolerantes se direcionam às identidades dos sujeitos ou a seus discursos:

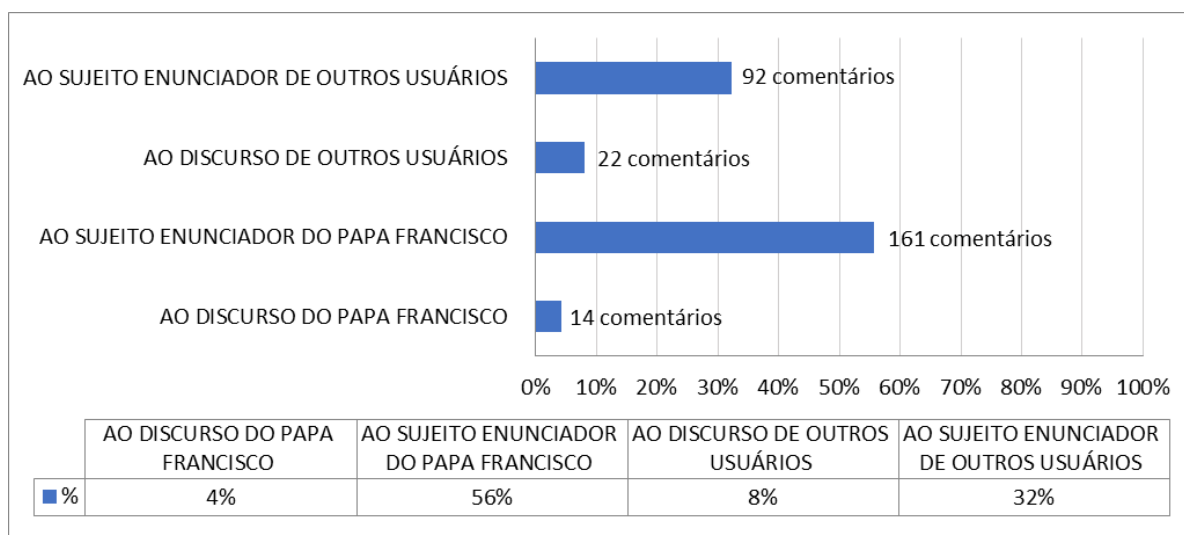


Gráfico 2: Comentários direcionados aos discursos ou às identidades dos sujeitos
Fonte: elaboração própria

A partir da interpretação do gráfico 2 é possível, então, notar que os discursos intolerantes, independentemente de serem de engajamento ou não engajamento, visam, em sua maioria, aos sujeitos enunciadore, e não aos seus discursos, como veremos na descrição a seguir.

A maior parte das respostas foi direcionada ao sujeito enunciador do Papa Francisco: 161 (cento e sessenta e um) comentários, o que representa 56% (cinquenta e seis por cento) do total, visaram, por meio da intolerância verbal, atacar ou colocar em xeque a identidade do Pontífice.

Em segundo lugar, representando 32% (trinta e dois por cento) das ocorrências, com 92 (noventa e dois) comentários, estão as respostas que se direcionaram ao sujeito enunciador de outros usuários. Ou seja, um primeiro internauta formula um comentário e um segundo usuário o responde fazendo uso da intolerância verbal para atacar, desacreditar ou colocar em xeque a identidade do primeiro.

Somando os dois casos acima, os discursos intolerantes que foram direcionados à identidade de um sujeito enunciador, seja ele o Papa, seja outro usuário, totalizaram 253 (duzentos e cinquenta e três) ocorrências, o que corresponde a 88% (oitenta e oito por cento) dos casos. Este dado é extremamente valioso porque pode ser um demonstrativo de que a intolerância verbal se manifesta, principalmente, visando depreciar, desqualificar ou até mesmo humilhar a identidade do adversário, independentemente do que ele esteja dizendo. Se eu discordo do discurso de quem está na oposição, talvez seja mais eficaz atacar a identidade do meu oponente do que o seu discurso. A argumentatividade, neste caso, se dá pela tentativa de demonstrar que *aquilo que foi dito* não deve ser levado em consideração porque *quem disse* não é digno de fé pública.

Os enunciados que fizeram uso da intolerância verbal para tratar do discurso de outros usuários totalizaram 12% (doze por cento) das ocorrências. No caso dos comentários que foram direcionados ao discurso do Papa Francisco, identificamos 14 (quatorze) comentários, o que representa 4% (quatro por cento) do total. Já no caso dos comentários direcionados ao discurso de outros usuários, foram identificados 22 (vinte e duas) ocorrências, representando 8% (oito por cento) do total.

Para iniciarmos a análise dos comentários identificados como exemplos de intolerância verbal, iremos abordar alguns aspectos sobre os Modos de organização do discurso propostos por Charaudeau (2014), separando os comentários como de engajamento ou não engajamento. Destacamos que a transcrição das respostas foi feita preservando o formato original dos textos, por isso alguns apresentarão escrita fora dos padrões normativos e gramaticais, com palavras escritas sem espaçamento, acentuação etc. Além disso, salientamos que para preservar a identidade dos internautas, os nomes dos usuários e de suas contas foram suprimidos. Apresentaremos nas transcrições, então, apenas o conteúdo verbal dos tuítes a serem analisados.

6.2.1 Modo Enunciativo

Sobre a construção enunciativa das respostas, foi possível identificar a presença dos três tipos de comportamentos discursivos: o alocutivo, o elocutivo e o delocutivo. Isto demonstra um dos pontos já ditos anteriormente, o de que o discurso intolerante não se manifesta em um único formato de construção linguística.

Os comentários identificados com o comportamento alocutivo referem-se principalmente a imposições, mas não pretendem realmente que o interlocutor realize a ação de forma concreta. Em comentários de não engajamento direcionados ao Papa, o comportamento alocutivo pode ser visto nos seguintes exemplos:

1. *Vai tomar no teu cu* papa comunista, tu envergonha Deus e a igreja
2. *Foda-se*, argentinos esquerdistas.
3. *Vaffanculo*
4. *Q* papa chato, *vai toma no cu*
5. Papa, como todo o respeito, *vátomar no meio do seu cu!* *Vá*cuidar do monte de padres pedófilos espalhados mundo afora.
6. *Va ensinar a Bíblia*, francisco, *e pare de enganar as pessoas*, pessoas essas, de bem...papado enganador, o dia do fim dessa seita esta chegando ao fim...
7. *Vai a merda* papa , abaixo de Deus somos todos iguais ,*cuida do seu pais*, e *se preocupar com as crianças* e os inocente que estão sendo mortas no mundo ,*deixa que os ladrão o moro cuida*

Nos exemplos de 1 a 4, as respostas fazem uso do alocutivo e se dirigem diretamente ao Papa. Isso retoma o que apontamos da intolerância verbal poder se manifestar visando não algum discurso em si, mas seus sujeitos enunciadorees. Essa rejeição é feita não sobre o conteúdo do vídeo diretamente, mas sim à pessoa do Papa. No caso desses quatro primeiros comentários, os enunciadorees fazem uso da modalidade Injunção, colocando-se em posição de superioridade no discurso. Esses sujeitos enunciam sua insatisfação por meio dos xingamentos e pretendem que seu interlocutor, o Papa, realize as ações comandadas por eles. Ainda que haja uma autoridade do Pontífice, o maior representante da Igreja Católica no mundo, os locutores, ao discordarem do Papa ou de seu discurso, impõem uma ação que não terá efeito direto sobre a quem o enunciado se dirige, mas que pode ser capaz de argumentar com os outros usuários que leem tal conteúdo, induzindo-os a pensar da mesma forma ou a se manifestarem também. O comentário 2 traz ainda uma generalização ao tratar dos “argentinos esquerdistas”, e, apesar de não conter o nome ou o título do Pontífice diretamente, faz tal juízo se estender ao Papa, visto que ele é argentino, retomando a rivalidade entre brasileiros e argentinos. Isso demonstra também que o comportamento alocutivo pode se dirigir a um interlocutor ainda que o enunciado não esteja explicitamente se referindo a ele.

Já nos comentários 5, 6 e 7, além da modalidade Injunção vista em excertos como “vátomar [sic] no meio do seu cu”, “va [sic] ensinar a Bíblia [sic]”, “vai a [sic] merda” e “cuida do seu país”, há também uma segunda modalidade pertencente ao comportamento alocutivo, a de Julgamento. Charaudeau propõe que, no Julgamento, o locutor atribui a si uma autoridade moral para julgar o interlocutor do enunciado. Nos três casos o Julgamento é feito a partir de uma configuração implícita: não há, nos enunciados, uma afirmação do tipo “eu condeno o que você diz e faz”, mas ao se expressarem dizendo que o Papa deve cuidar dos padres pedófilos, das crianças sendo mortas, os enunciadores demonstram que isso não é feito e que condenam tal omissão. Ao apontar que Francisco é um “papa enganador” e que ele deve parar de enganar as pessoas, o sujeito também emite um julgamento, uma vez que católicos devem seguir valores de honestidade para com seu próximo.

Além dos comentários de não engajamento direcionados ao Pontífice, há também aqueles que são feitos em relação a outros usuários. Como exemplos do comportamento alocutivo, temos:

8. *Cadê o dinheiro?* Vai, sumir com um quarto do PIB nacional sem ninguém saber onde tá dinheiro é foda, principalmente que Lula foi preso por um triplex que nem 1 milhão devia valer, então *cadê o resto? Você acredita* em papai Noel Também? *CADE O DINHEIRO, SUA GADO DO CARALHO*
9. O papa Francisco hoje se tornou o queridinho da esquerda, que gut gut ... *Será que o papa sabe* que a esquerda do Brasil enfia crucifixo no cu, esfrega N Senhora no pinto, chama Jesus de vagabundo e viado ? *Eu conto ou vcs contam?*

Ambos os exemplos implicam o interlocutor no discurso por meio da modalidade de Interrogação. Charaudeau aponta que nesta modalidade o direito de questionar recai sobre o locutor, assim como há uma atribuição de obrigatoriedade da resposta por parte do interlocutor. Sabendo disso, os questionamentos “cadê o dinheiro?” (caso 8), “cadê o resto?” (caso 8), “eu conto ou vcs contam?” (caso 9) impõem ao interlocutor um papel de interrogado, de quem deve uma explicação sobre aquilo que está sendo perguntado.

Charaudeau propõe que a Interrogação pode ser usada como pedido de informação ou de anuência. Este segundo contempla o que pode ser visto nos exemplos acima e também nos que virão a seguir. No caso do discurso intolerante, a Interrogação é usada como uma maneira de fazer o interlocutor refletir sobre um posicionamento que o locutor considera equivocado e que isso provoque uma mudança de opinião. Os exemplos 8 e 9 demonstram isso. Em 8, quando o enunciador questiona “cadê o dinheiro?” e “cadê o resto?”, o efeito gerado é mais de causar uma reflexão ao interlocutor sobre a índole de Lula do que a tentativa de obter uma resposta de onde o dinheiro estaria. Da mesma forma, o enunciador de 9 questiona “eu conto

ou vcs contam?” para se referir ao que ele acredita que a esquerda brasileira faça com símbolos católicos. Este sujeito não pretende ir até o Papa e relatar tais ações, mas faz com que quem esteja lendo pondere sobre o que foi dito e se convença daquilo.

Como exemplos do comportamento alocutivo em comentários de engajamento, que apoiam o Papa ou o discurso de seu vídeo por meio da intolerância com aqueles que discordam, temos:

10. *Váa merda* minion escroto!
11. *Váa merda*, cristã de goela!
12. *enfia* o comunismo no cu e respeita o papa
13. pra vc ver a parcialidade do bosta, *cadê os das malas lotadas de dinheiro? cadê os dos áudios vazados? cadê o Aécio que mataria o primo antes de delatar?* ahhhhh vão se catar seus cegos!!
14. *Vc não acha que a justiça tem que ser imparcial?* Impressionante como vcs, eleitores do cramunhão, são burros e desonestos. Quer dizer que roubar para o lado de vcs *tudo bem, né?* Vcs são burros, desonestos, cafonas, rasos e vão se foder muito. A casa tácaindo, babaca.
15. Jumenta, o Papa não está defendendo ninguém não. Ele está pedindo que juízes sejam imparciais. *Vc é contra uma justiça imparcial?*
16. *Precisa ser ainda mais claro?* Bolsominion é uma raça de te te burra mesmo! CLARO QUE FOI UMA DIRETA PARA MORO, DALLAGNOL, LAVAJATO E VOCÊS, MINIONS TONTOS!

Nos exemplos 10, 11 e 12, o comportamento alocutivo é novamente acionado a partir da modalidade de Injunção, utilizada para impor um determinado comportamento ao interlocutor e para reforçar o estatuto de poder de quem enuncia. O enunciador do exemplo 12, ao dizer que o Papa deve ser respeitado, mas que para isso o sujeito a quem o enunciador se dirige deve “enfiar o comunismo no cu”, expõe uma convicção sobre sua visão de mundo e a certeza de que o outro está errado, colocando-o como inferior. Em 10 e 11, mais uma vez os locutores demonstram a insatisfação por meio de xingamentos, impondo um comportamento ao interlocutor.

Os exemplos 13, 14, 15 e 16 trazem, novamente, casos de Interrogação. E, assim como nos exemplos de não engajamento, esta modalidade foi usada não com o intuito de receber uma resposta que explique uma dúvida, mas visando demonstrar que a forma de pensar do interlocutor não é compatível com a do locutor. Em 14, ao questionar se a pessoa a quem o enunciador se dirige “não acha que a justiça tem que ser imparcial”, EUE demonstra concordar com a mensagem do vídeo e supõe, sem precisar de uma resposta que confirme isso, que seu interlocutor discorda desse posicionamento e, assim, passa a ser considerado desonesto, cafona e raso. Da mesma forma, no exemplo 15 o sujeito enunciador inicia sua resposta com uma ofensa à interlocutora e apenas em seguida afirma que o Papa não defende

ninguém, questionando se a pessoa seria contra uma justiça imparcial. Percebendo que esse sujeito para quem se dirigia não pensava da mesma forma que ele, o locutor escolhe atacar o usuário, demonstrando que a intolerância verbal realmente pode se manifestar contra outros usuários, mesmo sem que haja certeza de seus posicionamentos. Já a Interrogação usada em 16 mobiliza certo nível de ironia. Para o EUE, é nítido que o vídeo do Papa foi uma mensagem direcionada aos envolvidos na Lava-Jato e o questionamento “precisa ser ainda mais claro?” não incita uma resposta direta, mas um pedido de atenção para quem pensa que o vídeo publicado não se relaciona com a realidade brasileira.

Tanto nos casos de engajamento quanto de não engajamento as modalidades de Injunção, Interrogação e Julgamento utilizadas demonstram uma posição de superioridade do EUE em relação ao TUD. Isso acontece porque, uma vez entendendo que seu interlocutor possui uma visão de mundo diferente da sua, o locutor faz uso de tais modalidades para defender seu ponto de vista mesmo que implicitamente.

Como mencionado anteriormente, além dos comentários de engajamento e de não engajamento, também foram identificadas respostas que não puderam ser classificadas entre as duas categorias estabelecidas. Isso ocorreu porque a metodologia utilizada para salvar os tuítes só permite a coleta individual de cada resposta, não sendo possível ver a interação entre eles. Não sendo possível ver a quem os usuários estavam respondendo, algumas amostras não demonstraram pistas para que fosse possível categorizá-las. Ainda assim, por apresentarem conteúdo de intolerância verbal, iremos analisá-las de acordo com as categorias propostas por Charaudeau.

Ainda tratando do comportamento alocutivo, foi possível identificar, dentre os comentários que não se enquadram como de não engajamento ou de engajamento, os seguintes exemplos:

17. E vc *VTNC!* Filho o c@>@!#0! cuida da tua vida!
18. *Vai a merda* seu canalha!
19. *Vai a merda!*
20. E você *vai tomar no cu!*
21. *Vai cheirar cocaína* sua nóia!
22. *Vai se tratar* sua retardada
23. *aprende a digitar* burro do caraio
24. *mas vc é retardado ou não?*
25. *Vc é sempre imbecil assim* ou foi só hoje por esquecer de tomar seu RIVOTRIL ?

A maioria dos exemplos acima retoma o uso da modalidade Injunção do comportamento alocutivo. Os enunciadores dos comentários 17, 18, 19 e 20 usam a forma de Injunção,

estabelecendo uma posição de superioridade em relação ao interlocutor. Nesses casos, a Injunção é utilizada não a fim de que TUD realmente realize tais ações, mas por ser a forma cristalizada dessas expressões idiomáticas do português. Mandar os sujeitos a quem se dirigem “à merda” ou “tomar no cu” demonstra que, na posição de locutores de tais discursos, não há necessidade de suavizar as mensagens visto que EUE está certo e TUD, errado, sendo indigno de respeito.

A Injunção é usada também no exemplo 17 em “cuida da tua vida” e nos comentários 21, 22 e 23 na forma de uma ordem expressa. Ao afirmar que o interlocutor deve cuidar da própria vida, o sujeito enunciador o coloca em uma posição de alguém incapaz de opinar sobre o assunto discutido e por isso se torna alvo da intolerância verbal. Da mesma forma, em 22 e 23, a Injunção coloca EUE em um lugar de fala superior a TUD, que ocupam os papéis de uma pessoa retardada ou burra e não merecem a consideração e estima do enunciador. No exemplo 21, além de uma ordem expressa, há também um Julgamento, mobilizado a partir de uma configuração implícita. Ao ordenar que TUD vá “cheirar cocaína” e também chamar de “noia”, o enunciador pressupõe, sob tom acusatório, que seu interlocutor deve estar sob efeito de entorpecentes para ter um determinado posicionamento e que isso não é uma atitude correta a se tomar.

Já os exemplos 24 e 25 fazem uso da Interrogação e, da mesma forma como nos exemplos de não engajamento e de engajamento, as perguntas são feitas sob o pretexto de causar reflexão no interlocutor. Questionar se TUD “é retardado ou não”, se é “sempre imbecil assim” ou se só “esqueceu de tomar o Rivotril” exerce muito mais um efeito de reprovação da atitude alheia do que uma dúvida a ser desvendada.

Para tratar do comportamento elocutivo, Charaudeau propõe que este relata a visão de mundo do sujeito falante, mas sem que haja uma relação direta com o interlocutor. São constatações, avaliações, opiniões acerca da situação sobre a qual se enuncia. No caso de comentários de engajamento, esta forma de enunciação foi identificada em um comentário:

26. *não somos obrigados a gostar de tudo, não eh um pacote fechado, ao contrario de vcs bolsogados que fazem malabarismos pra defender qualquer bosta do seu mitinho*

27. *To chocada com a burrice e ela militando contra o papa q falou q juiz tem q ser imparcial kkkk TA NA CONSTITUIÇÃO isso, mó retardada do caralho*

28. *Como pode ser burra assim meu deus? Ele está defendendo a neutralidade na justiça, e não a corrupção, qual o motivo do seu ódio? Juro que estou tentando entender seu comentário*

29. *Alguém NÃO entendeu o video. Eu traduzo pra ti, o Papa tá mandando o Moro pra merda mesmo, aquele juiz ladrão de merda!*

Quando, no exemplo 26, EUE afirma que “não somos obrigados a gostar de tudo”, coloca em evidência o seu modo de ver o mundo. A subjetividade presente é retratada pelo que Charaudeau categoriza como ponto de vista do *engajamento* e, neste caso, o sujeito enunciador fez uso da modalidade de Declaração. Ele produz um enunciado que visa demonstrar ao interlocutor um saber que acredita ser desconhecido ou duvidoso por parte do TUD. Neste caso, a declaração feita pelo enunciador é a de que o grupo contrário é capaz de defender qualquer posicionamento que venha de Bolsonaro, chamado por seus apoiadores de “mito”. Essa maneira de nomear e qualificar seres é característica do modo Descritivo, como no diminutivo “mitinho”, que demonstra desprezo por parte do enunciador. Há ainda o uso também do qualificador “bolsogados”, formado a partir do cruzamento vocabular entre “gado”, que, popularmente, significa alguém que faz tudo o que lhe pedem, que não tem personalidade própria, e “Bolsonaro”. A mobilização de categorias do Descritivo reforça a subjetividade do comportamento elocutivo, demonstrando como o ponto de vista do enunciador se expressa em diferentes Modos de organização do discurso. Tal subjetividade, no entanto, não é totalmente particular ao sujeito enunciador, mas fruto de uma formação ideológica, compartilhada por um determinado grupo social.

O exemplo 27 é permeado pelo que Charaudeau propõe como a modalidade de Apreciação, caracterizada pelo ponto de vista da *avaliação*. Esta modalidade se caracteriza pela expressão do sentimento do locutor em relação a algo que foi dito e, de acordo com a Semiolinguística, tal julgamento necessariamente será polarizado. Isso porque ao avaliar o valor de determinado enunciado, EUE irá apreciá-lo a partir de seus próprios sentimentos, sendo positivos ou negativos, mas não neutros. Ao demonstrar estar “chocada com a burrice”, o enunciador faz uma apreciação desfavorável sobre algum outro enunciado feito contra o Papa e, para isso, acaba sendo intolerante com o interlocutor, definindo-o como “retardada do caralho”.

Já em 28, o comportamento elocutivo é utilizado somente na última oração do tuíte, no trecho “juro que estou tentando entender seu comentário”. Essa forma, assim como o exemplo 26, também se enquadra no ponto de vista do *engajamento*, mas é caracterizada pela modalidade da Promessa, em que o EUE se compromete a realizar a ação enunciada, depositando em si mesmo a responsabilidade de execução. O enunciador promete tentar entender o comentário do interlocutor por ter algum conteúdo de ódio, mas para dizer que o Papa apenas defende a neutralidade da justiça, afirma que a outra pessoa é burra.

O último exemplo do comportamento elocutivo em comentários de engajamento faz uso da modalidade do Saber, em que EUE se coloca como alguém detentor de um conhecimento. No caso do exemplo 29, ao afirmar que irá traduzir a mensagem para o interlocutor e dizer que este não entendeu o vídeo, o enunciador demonstra não apenas discordar da opinião alheia, mas também invalida o que foi dito, colocando este em uma posição de alguém que necessita de explicações. Levando em consideração que a legenda do vídeo está em português, o verbo “traduzir” foi usado com o sentido de “interpretar”, novamente reforçando a ideia de que o locutor detém um saber que o interlocutor não possui.

Como exemplos do comportamento elocutivo nos comentários de não engajamento direcionados ao Papa, foi possível identificar o seguintes casos:

30. *Gostaria* muito de ver os portões do Vaticano abertos para receber refugiados muçulmanos, assim poderiam expressar todo seu "amor" pela igreja católica. Seu hipócrita de m****
31. *Sonhamos* que os padres tbm deixem de ser cachaceiros e alguns pedófilos
32. Você é o Pior Papa que jáexistiu. Você devia ser excomungado! Que o Papa Bento XVI volte e você váembora pra Argentina. *Não queremos* um papa comunista defensor de bandido!
33. Chega de Papa comunista. *Queremos* nos defender do Islã e do comunismo.
34. *Estou deixando* de ser católico por causa dessa merda de papa que não me representa como homem de Deus! Quem defende o comunismo tem que apodrecer atrás das grades!
35. *Não preciso* de papa babaca, lixo.
36. *Habemus Hypocritae*
37. Tu não representa *nossa* igreja católica, tu es excomungado pela lei do Vaticano ,, lixo que apoia comunista assassino
38. Esse papa não representa *o nosso* senhor Jesus Cristo, o indivíduo em uma como a dele não deveria defender bandidos é sim as pessoas de bem, xô satanás!
39. *Não devemos* levar a sério nada que saia desse ser desprezível. É um inútil. A sociedade de bem, trabalhadora agradece se vc puder parar de dar sua "opinião".
40. Comunista, *Mi madre* es católica y para ella y miles de católicos, usted no los representa, defensor de bandidos.

Nos exemplos 30, 31, 32 e 33 é possível observar o que é descrito por Charaudeau como ponto de vista de *motivação*, em que o enunciador demonstra a causa pela qual ele respondeu ao Propósito (o referencial sobre o qual se faz uma afirmação, neste caso, o vídeo do Papa). No exemplo de número 30, a modalidade do “querer” é acionada quando o enunciador afirma que “gostaria muito de ver os portões do Vaticano abertos para receber refugiados muçulmanos”. Há um tom de ironia, o que torna a resposta como um desafio para o Papa e para a Igreja Católica: se eles pregam a justiça e afirmam que todos devem seguir o exemplo de Jesus, eles deveriam também receber refugiados muçulmanos, que vêm de países em constantes guerras, como Iraque, Afeganistão, Síria, dentre outros.

Da mesma forma, em 31 EUE diz que “sonhamos que os padres também deixem [...]”, se posicionando no discurso e deixando claro que tal posicionamento parte dele próprio. Na modalidade do Querer, de acordo com Charaudeau, o locutor estabelece uma “ação a fazer cuja realização não depende dele” (CHARAUDEAU, 2014, p. 95). Isso significa que o enunciador expressa um desejo, mas a responsabilidade para que seja concretizado está em alguma outra instância. No caso do exemplo analisado, dizer que sonha que os padres deixem de ser cachaceiros e pedófilos expressa que a capacidade de mudar tal situação não está no locutor, mas sim no Papa e na Igreja Católica.

Já nos excertos 32 e 33, a modalidade do Querer fica ainda mais explícita com o uso do verbo homônimo. Ao afirmarem “não queremos um Papa comunista” e “queremos nos defender do Islã e do comunismo”, os enunciadores se colocam em uma posição de uma necessidade que precisa ser preenchida para lhes beneficiar. Mais uma vez, porém, tal carência não depende de uma ação do EUE para ser suprida, e sim de um outro agente que tenha a competência para tal. Em 32, além da modalidade do Querer, há ainda uma modalidade do comportamento delocutivo, a Asserção. Quando o locutor afirma que o Francisco é “o pior Papa que já existiu” e que ele “devia ser excomungado”, ao se afastar do enunciado neste primeiro momento há uma noção de verdade absoluta no que é dito. O equivalente da Asserção no comportamento elocutivo é a Afirmação, desdobramento da Declaração, que analisaremos em seguida.

Nos casos de 34 a 40 foi possível identificar a modalidade de Declaração. Nos exemplos em questão, tal categoria se insere no ponto de vista do *engajamento* e Charaudeau propõe que nesta modalidade o locutor é detentor de um saber que faz parte de sua verdade. Esse saber é prévio ao dizer, que serve apenas para reforçar tal conhecimento. A Declaração se desdobra em quatro variantes: Confissão, Revelação, Afirmação e Confirmação. O exemplo 34 traz o exemplo de um caso de Confissão, em que EUE transmite ao interlocutor uma informação que era conhecida apenas pelo locutor. Ao afirmar que está deixando de ser católico, o enunciador expõe uma verdade que era interna, conhecida apenas por ele próprio. Charaudeau afirma ainda que na Confissão há o reconhecimento de uma culpa, que pode ser notada nesse exemplo pelo fato de EUE estar deixando a religião, tentando, em seguida, justificar o porquê de fazer isso.

Os demais exemplos, de 35 a 40, são casos da variante Afirmação, em que “o locutor se limita a *declarar verdadeiro* um saber que ele supõe constituir uma dúvida para o interlocutor; ele se

atribui, com isso, uma *posição de autoridade*” (CHARAUDEAU, 2014, p. 98). Em 35, dizendo não precisar “de Papa babaca” e chamando o Pontífice de lixo, EUE coloca sua necessidade como o único pensamento que importa. Se o Papa é “babaca” e “lixo”, o enunciador não precisa dele como guia espiritual e pode seguir sozinho.

No exemplo 36, apesar de uma tentativa de escrever em latim, língua ainda usada em algumas ocasiões pela Igreja Católica e, conseqüentemente, compreendida pelo Papa, é possível perceber que o locutor define Francisco como sendo uma pessoa hipócrita. Mesmo o Pontífice sendo uma das maiores personalidades mundiais, EUE se coloca como uma pessoa superior a ele, capaz de julgar suas atitudes, sendo detentor de uma verdade que deve ser divulgada pela internet. Outro caso que também faz uso de uma língua estrangeira é o exemplo 40. Escrevendo em espanhol, língua materna do Papa argentino, o locutor afirma que sua mãe é católica e que ela e outros milhares de católicos não se sentem representados por Francisco, caracterizando-o como comunista e defensor de bandido. Há uma convicção no que é dito, ainda que, certamente, o enunciador não tenha entrevistado milhares de católicos para que tal afirmação seja feita, demonstrando que o “declarar verdadeiro”, como apontado por Charaudeau, depende unicamente do sujeito do discurso.

Em 37 e 38 os pronomes possessivos “nossa” e “nosso” são responsáveis por caracterizar o comportamento elocutivo, posicionando os locutores nos discursos. Ambos os casos afirmam que o Papa não representa seja a Igreja Católica, seja a figura de Jesus Cristo, afirmando que Francisco defende bandidos ou que apoia assassinos. Mais uma vez é possível notar que essas são verdades defendidas por tais enunciadores e que o discurso é usado como um recurso para reforçá-las.

No último exemplo a ser analisado do comportamento elocutivo em comentários de não engajamento direcionados ao Papa, o excerto 39, o enunciador se projeta no discurso, mas engloba também todos aqueles que possam ler seu comentário. Ao afirmar que “não devemos levar a sério nada que saia desse ser desprezível”, EUE se coloca como autoridade que conhece a verdade e por isso não deixará a sociedade de bem ser enganada. O locutor faz ainda um pedido para que o Papa deixe de dar sua opinião, informando que agradece caso isso seja feito, reforçando a ideia inicial de que aquilo que é dito pelo Pontífice não deve ser levado em consideração.

Os exemplos de comportamento elocutivo em comentários de não engajamento direcionados a outros usuários encontrados foram:

41. Tu defende o Lula, *acho* que não tem um exemplo melhor de gado do que vc, agora não sei como é que vc consegue raciocinar enquanto pasta. Aliás *acho* que tá mais pra jumenta, deveras não háesquerdistas provido de cérebro.
42. *Começo a concluir* q só viveremos em paz na hora q o Lula for para o inferno. Até láserámentira, injúria só para livrar esse vagabundo da cadeia.
43. *Ja vi* esse mico antes ! É a cara da esquerda mentirosa, vagabunda e desinformada.
44. *Sei de uma [coisa]* esse vídeo mostra como tem pessoas sujas pra usar até a igreja segura o bloqueio ai seu trouxa babaca fela da puta seu merda! Filho do capeta alma sebosa!
45. Tão falando mal do meu papaaaa! Ah, vai tomar no seu cu, maluco! *Eu não gosto de muitas declarações do papa*, essa declaração ambígua é muito estranha agora, o que se mostra na internet atual é que não se pode confiar em muitos sacerdotes católicos. Tem que desenhar, arrombado?

No comentário 41, o enunciador se expressa por meio do comportamento elocutivo utilizando o ponto de vista de *avaliação*, em que há um julgamento do Propósito. O Propósito, neste caso, não se trata exatamente do vídeo que gerou a polêmica, mas de uma afirmação terceira a qual não é possível ser identificada para verificarmos o conteúdo. Ainda assim, é possível afirmar que o enunciador mobilizou a modalidade de Opinião ao afirmar “acho que não tem um exemplo melhor de gado do que vc” e também ao dizer “acho que tá mais pra jumenta”. Esta atitude de crença é definida por Charaudeau como Suposição, em que EUE exprime seu ponto de vista, mas sem uma certeza total sobre o Propósito. Outro exemplo de Suposição é identificado no caso 42, em que o enunciador afirma “começar a concluir”, ou seja, não há uma certeza absoluta sobre o que ele diz. Mesmo sem demonstrar alto grau de certeza, o locutor exprime sua verdade, dizendo que só haverá paz quando Lula for para o inferno e que, para tirá-lo da cadeia, haveria mentira e injúria.

A outra atitude de crença da modalidade Opinião é a Convicção, em que o locutor exprime total certeza sobre o Propósito ao qual ele aderiu. No exemplo 45, quando o enunciador diz “sei de uma [coisa], esse vídeo mostra como têm pessoas sujas para usar até mesmo a Igreja”, ele adere ao Propósito de que há um grupo que usa o vídeo do Papa para defender seus ideais e que isso torna essas pessoas sujas, trouxas, babacas, dentre outros xingamentos. EUE expressa seu desprezo também dizendo que o interlocutor seria “filho do capeta [de] alma sebosa”, recorrendo a uma noção religiosa para ofender outro usuário.

O exemplo de número 44 poderia ser considerado um caso da modalidade de Constatação, mobilizada a partir do ponto de vista do *modo de saber*. Nesta categoria, o locutor observa a existência de um fato de maneira objetiva, apenas tomando conhecimento a partir de uma experiência própria. No caso do discurso intolerante, dificilmente haverá um enunciado

verdadeiramente objetivo, uma vez que o enunciador está expondo seu ponto de vista e, normalmente, depreciando um segundo sujeito. A afirmativa “já vi esse mico antes!” demonstra que EUE constatou que um fato ocorrido anteriormente se repetiu. Entretanto, mesmo com a modalidade Constatação, não é possível dizer que há objetividade no discurso, uma vez que o uso do vocábulo “mico” denota uma forma de Apreciação, demonstrando que o locutor desaprova o acontecimento. Essa falta de objetividade se confirma com a afirmação seguinte de que a esquerda é “mentirosa, vagabunda e desinformada”.

Para finalizar o comportamento elocutivo, no exemplo 46 o enunciador afirma não gostar de muitas declarações do Papa, mobilizando a modalidade de Apreciação. Neste caso, o locutor expressa seus sentimentos ao qualificar o Propósito e os qualifica afetivamente, incidindo sobre domínios de valor que compõem o Modo de Organização Argumentativo. Dizer que as declarações do Pontífice são ambíguas e que não se pode confiar em muitos sacerdotes católicos demonstra que EUE desconfia da honestidade (domínio do Ético) de tais eclesiásticos.

O terceiro e último comportamento do Modo de Organização Enunciativo é o delocutivo, que se trata de uma forma de enunciação mais distanciada do objeto sobre o qual se fala. Neste comportamento há um apagamento do sujeito e o enunciador passa apenas a testemunhar o que acontece, relatando aos demais sem dar sua opinião ou, ao menos, deixando-a disfarçada por meio de procedimentos linguístico-discursivos. Alguns dos comentários a seguir apresentam, além do comportamento delocutivo, os outros dois já identificados, mas as análises subsequentes serão focadas apenas nos enunciados que fazem uso do delocutivo.

Dentre os comentários de engajamento que fazem uso do comportamento delocutivo, podemos observar exemplos como:

46. Bando de gado defensores de milicianos, assassinos e corruptos. Não perdoam nem o Papa e ainda se dizem cristãos.

47. A bonequinha é tão imbecil que acha que uma pessoa que tenha um nível social melhor (q vcs imbecis chamam de ricos) não pode ser socialista. Babaca! Idiota!

48. Essa mulher chegou no fundo do poço. Lixo. Triste e ver uma pessoa tão tonta falar mal de uma pessoa tão iluminada pra defender fascista. Mais o que é seu táguardado

49. Quem acredita nessa bosta de "o antagonista" além do bando de sem cérebros adestrados por Olavão do feto e Bolsonaro o inútil, hein?! Vcs assim como o PT, são colaboradores diretos pro declínio institucional do Brasil! Vcs são parasitas fanáticos. O BR foi destruído por vcs.

50. Para esses doidos Jesus defende armas, milicias, assassinatos, pobreza, mentira, etc. Bando de gado que fazem o papel do djabo.

51. Nem no papa acreditam! Eles só acreditam em mamadeira de piroca, que a terra é plana e que bolsoAsno não é picareta miliciano preguiçoso. **ESSA GENTE É BURRA E MAU CARÁTER!**
52. O papa não defendeu ninguém no vídeo sua sapa pau no cu maluca
53. Triste é classe média brasileira burra, preconceituosa e rapineira. Vocês merecem um cantinho láno reino de Hades.
54. Jumenta, o Papa não estádefendendo ninguém não. Ele estápedindo que juízes sejam imparciais. Vc é contra uma justiça imparcial?

Nos casos acima, os sujeitos se distanciam da enunciação do texto e isso traz uma percepção de que os enunciados são declarações fidedignas por representarem o mundo como ele é. Com exceção do exemplo 54, todos os demais se enquadram no modo de dizer Asserção, que é caracterizado, de acordo com Charaudeau, pela enunciação e não pela verdade do Propósito. Entendemos, então, que independentemente do Propósito ao qual EUe demonstra adesão, o que define a Asserção é a maneira pela qual o enunciado se apresenta.

Charaudeau aponta ainda que as diferentes variantes da modalidade de Asserção correspondem, em sua maior parte, a outras do comportamento elocutivo, como a Evidência, Possibilidade, Aceitação, etc. Nos exemplos de 46, 47, 48 e 49, a variante correspondente é a de Confirmação que, no comportamento elocutivo, coincide com a Afirmação. Assim sendo, o locutor declara que um determinado saber é verdadeiro e “impõe” tal percepção, mas agora, no comportamento delocutivo, o faz de maneira que ele próprio não esteja implicado no discurso, reforçando a ideia de uma verdade absoluta.

Em 46, ao dizer que o “bando de gado” não perdoa nem o próprio Papa, o enunciador assegura, mesmo que sem se envolver no discurso, que todos aqueles que se inserem em tal grupo também irão se manifestar contra o Sumo Pontífice. No exemplo 47, há a noção de que TUd não acredita que uma pessoa de alto nível social possa ser socialista e a generalização de que todo um grupo pensaria desta mesma forma, por isso tais pessoas seriam imbecis. Ainda que haja o vocábulo “vocês” neste exemplo, ainda se trata de um caso do comportamento delocutivo, uma vez que se fala de alguém, mas este sujeito não está diretamente implicado no discurso. O apagamento do enunciador, mais uma vez, reforça a noção de que tal enunciado é uma representação do mundo como ele é, como uma verdade que independe da opinião do locutor.

Em 48, tal noção de apresentar a realidade como é se mostra ainda mais presente. Dizer que “essa mulher chegou no fundo do poço” transmite ao leitor a noção de que tal cena realmente acontece e o enunciado apenas relata esse fato. A mulher teria, então, feito alguma coisa

realmente ruim e estaria em uma situação ainda pior. A análise de todo o comentário, no entanto, nos mostra que, na verdade, esta é uma Confirmação do EUE. Isso porque logo em seguida há a variante da Apreciação, em que o enunciador afirma que “triste é ver uma pessoa tão tonta falar mal de uma pessoa tão iluminada”, além de chamar tal mulher de “lixo”.

É importante ressaltar que é possível, sim, identificar julgamentos e avaliações nos exemplos citados, mas que a forma como os enunciados se constituíram é capaz de dissimular este caráter pessoal dos textos, sobressaindo uma visão de que tal pronunciamento constitui a realidade. Nesses casos de engajamento, mais uma vez, temos a intolerância verbal se manifestando apenas contra outros usuários, e não contra o Papa.

O último exemplo que trata da variante da Confirmação é o caso 49. Este comentário é iniciado por um questionamento, mas com uma pergunta retórica marcada pelos sinais de interrogação seguido de exclamação. Isso demonstra que, para o enunciador, ninguém acredita ou deveria acreditar no que dizem O Antagonista (blog opinativo que publicou uma matéria³⁶ criticando Glenn Greenwald por ter divulgado o vídeo do Papa, afirmando que seria uma denúncia a Sérgio Moro), “Olavão do feto” (referência a Olavo de Carvalho ter dito³⁷ que a marca Pepsico produz refrigerantes com células de fetos abortados), e “Bolsonaro, o inútil”. Outro ponto que caracteriza tal comentário no comportamento delocutivo é o excerto “vocês, assim como o PT, são colaboradores diretos para o declínio institucional do Brasil! Vocês são parasitas fanáticos. O Brasil foi destruído por vocês”. Aqui, o enunciador expressa que tanto apoiadores da direita quanto do PT são “parasitas fanáticos” e que a culpa pelo atual estado da sociedade brasileira recai nos dois grupos. A generalização por meio do pronome de tratamento “vocês”, em referência aos dois grupos (direita e esquerda), é usada para imputar culpabilidade, mas EUE o faz de forma que tal enunciado pareça ser uma verdade por si. A forma de enunciar faz com que o a responsabilidade de tais grupos pelo “declínio institucional do Brasi” seja um fato, e não uma simples opinião do enunciador. Este foi o primeiro caso de engajamento ao vídeo do Papa que não usou da intolerância verbal direcionado a um grupo específico, mas abrangeu os dois principais campos que protagonizam o embate nos comentários.

Além da variante de Confirmação, outra que foi identificada em diversos comentários foi a Evidência, correspondente da Convicção no modo elocutivo. Os exemplos 50, 51, 52 usam da

³⁶ Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/shame-on-you-verdevaldo/> Acesso em: 09 fev. 2021

³⁷ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=7l4WmFjzDIs> Acesso em: 09 fev. 2021

Convicção para compor a enunciação. Em 50, ao afirmar que “para esses doidos, Jesus defende armas, milícias, assassinatos, pobreza, mentira, etc.” e definir tal grupo como “bando de gado que fazem papel do diabo”, retoma a generalização de que todos aqueles que apoiam e seguem Bolsonaro terão a mesma opinião sobre os ensinamentos de Jesus. A Evidência se mostra uma das variantes da Asserção com maior grau de certeza e por isso provoca a adesão do leitor.

Em 51, mais uma vez a Evidência é usada para demonstrar uma verdade que se mostra inegável. Dizendo que “nem no Papa acreditam” e que “só acreditam em mamadeira de piroca, que a terra é plana e que BolsoAsno não é picareta, miliciano, preguiçoso”, EUE se distancia da enunciação e o efeito pretendido é de que tal opinião é, na verdade, um fato incontestável e se projeta ao leitor como uma verdade que independe do enunciador. O que é nítido perceber, no entanto, é justamente a inclinação do enunciado para um julgamento, e não a objetividade característica do comportamento delocutivo. Isso se confirma na última sentença do comentário, em que o enunciador afirma que “essa gente é burra e mau caráter”, deixando clara sua crítica ao grupo a que se refere.

O comentário 52 se mostra bastante objetivo até certo ponto. Ao apontar que “o Papa não defendeu ninguém”, EUE se distancia do enunciado e demonstra apenas uma Evidência: ele vê o ocorrido e relata a existência de tal fato. Tal objetividade, no entanto, desaparece no uso da intolerância verbal. Ao dizer que um outro sujeito seria uma “sapa pau no cu maluca”, fica perceptível a presença de um locutor emitindo esse enunciado ainda que faça uso do comportamento delocutivo.

A última variante da Asserção identificada foi a da Apreciação. Em 52, apesar de não haver explicitamente um enunciado que diga “eu fico triste”, o uso de um sentimento, a tristeza, para avaliar o que seria a classe média brasileira demonstra a proximidade de EUE com o que é dito. Da mesma forma que acontece no exemplo anterior, a maneira de qualificar essa camada social refuta a aparente objetividade do comportamento delocutivo. Ao apontar tal classe como sendo “burra, preconceituosa e rapineira” e dizer que eles “merecem um cantinho lá no reino de Hades”, o enunciador demonstra seu desprezo e aversão a todos que pertencem a esse grupo.

O último exemplo de comportamento delocutivo identificado entre os comentários de engajamento é o caso 54, que faz uso do Discurso Relatado para compor a enunciação. Charaudeau propõe que há diferentes maneiras de relatar um discurso anteriormente

produzido e que isso pode ser feito com mais ou menos fidelidade ao enunciado inicial, podendo ser reproduzido em sua integralidade, ou transformado por uma interpretação do EUe. Dizendo que o Papa “está pedindo que juízes sejam imparciais”, o enunciador faz uso da *maneira de relatar* narrativizada, em que “o discurso de origem é relatado de tal maneira que se integra totalmente, ou mesmo desaparece, no dizer daquele que relata” (CHARAUDEAU, 2014, p. 105). Por ser uma maneira de relatar que pode deixar as percepções do locutor ainda mais visíveis, o discurso relatado, no caso deste exemplo, serviu para reforçar um argumento de EUe. O enunciador faz uso de uma fala do Papa para demonstrar que o Pontífice não defendeu ninguém, mas para chamar a atenção de sua interlocutora, a chama de “jumenta”, adotando o comportamento alocutivo neste trecho da enunciação.

Como exemplos de respostas de não engajamento direcionadas ao Papa e que mobilizam o comportamento delocutivo, temos, dentre outros, os seguintes comentários:

55. O Papa é hipócrita. Lobo travestido de cordeiro
56. Isto não é papa Isto é o antipapa Usurpador da cadeira de Pedro Mais globalista satanista discípulo de Lúcifer Apocalipse 13 11 eis a besta
57. Papa comunista infiltrado na igreja católica é inimigo do mundo, se ele não tem caráter e defende bandido não é a voz de Cristo, jornalistas sempre foram cooptado pelos comunistas para propagar mentiras, serem conhecidos no mundo não diz que não sejam mentirosos
58. Parece que o juiz MORO que é o CRIMINOSO e o condenado o inocente! Q feio! Q desprezível. O sr. esqueceu dos 10 mandamentos: roubar e matar e pecado MORTAL. Corrupção MATA faz sofrer e mata milhões de pessoas de forma anônima e silenciosa. Cada um é que sabe as agruras que passa.
59. Papa de merda, comunista, safado e sem vergonha!! Pra lambar as bolas de ditadores, ele sabe bem! A foto abaixo ilustra muito bem quem este canalha é de verdade!
60. Papa comunista.destruindo a igreja de dentro de seu seio.apoiador do assassino Maduro.Cala-se com as perseguições ao cristãos no mundo ,diga-se China e países islâmicos.Covarde
61. Papa de MERDA!!!! Defensor de CORRUPTO que lesa, dentre outras tantas canalhices, 500 BILHÕES de reais que podiam estar sendo usados em hospitais, por exemplo, seu imundo!!! Pessoas morrem por causa de corrupção seu MERDA. Que o CAPETA te receba no inferno!
62. Nojo! Esse papa ã representa a Igreja de Cristo. É um comunista, marxista, petista! Daqui a pouco vai falar que gayzismo é natural, que veado é gente, contrariando os mandamentos passados por Ele a Moisés, como diz a Bíblia em Levítico 20! Esse “papa” tem que sofrer impeachment!

Dentre os comentários de não engajamento direcionados ao Papa, a única modalidade identificada foi a Asserção, com suas variantes, não havendo uso do Discurso Relatado na enunciação. No primeiro exemplo identificado, 55, há duas afirmações feitas de maneira que o enunciador visa apagar sua presença na Asserção realizada. Dizer que “o Papa é hipócrita” e que ele é um “lobo travestido de cordeiro” faz parecer que os enunciados são consensos, que

todos pensam dessa forma ou que esta informação já é de conhecimento geral. Apesar de não haver um termo explícito que demonstra a certeza total característica da Evidência, esse exemplo também é um caso de tal variante por ser uma convicção própria do locutor.

Em 56, o comentário é iniciado por uma Recusa. Ao afirmar que “isto não é Papa, isto é o antipapa”, o enunciador rejeita que Francisco esteja ocupando a posição de Papa e que ele teria usurpado a cadeira de Pedro, primeiro Papa da Igreja Católica. A segunda variante mobilizada neste exemplo é, também, a de Evidência. Ao afirmar que o atual Papa seria “mais globalista, satanista” e ainda um “discípulo de Lúcifer”, o sujeito enunciador apenas transmite uma observação que se impõe a ele, tomando nota de características do Papa que seriam verdadeiras e incontestáveis.

Da mesma forma, o exemplo 57 também é constituído a partir das variantes Evidência e Probabilidade. EUe defende a ideia de que o Papa Francisco seria um comunista infiltrado no catolicismo. Charaudeau propõe que a Evidência no comportamento delocutivo coincide com a Convicção no comportamento elocutivo, sendo, portanto, uma certeza total própria do locutor. A Probabilidade, por sua vez, é caracterizada por uma dúvida sobre o Propósito, mas em que o enunciador demonstra algum grau de certeza, podendo ser forte ou uma crença particular. Esta variante é identificada em “se ele não tem caráter e defende bandido, não é a voz de Cristo”, demonstrando a consequência das atitudes do Pontífice em defender mesmo aqueles que já foram condenados. O locutor afirma ainda que os comunistas fazem cooptação de jornalistas para propagar mentiras e se tornarem conhecidos no mundo, exemplificando novamente a variante Evidência.

O caso 58 também traz um exemplo de Probabilidade, representando uma suposição do enunciador. Ao utilizar o verbo “parece” para dizer que, a partir do vídeo do Pontífice, Moro seria criminoso e o condenado seria inocente, EUe demonstra saber que não existe um consenso sobre o assunto, mas expressa sua própria certeza. A variante de Apreciação pode ser identificada quando o enunciador afirma que insinuar que Moro seria o criminoso é algo feio e desprezível, demonstrando haver um sentimento desfavorável por parte do locutor. Já o trecho “o senhor esqueceu dos dez mandamentos: roubar e matar é pecado mortal” faz uso da variante da Confirmação, em que o enunciador declara verdadeiro um saber que o interlocutor pode desconhecer. Esta variante atribui uma posição de autoridade ao enunciador, já que, agora, é EUe que mostra ao Papa que não se pode criticar juízes que prendem aqueles que roubam e matam. Ainda como exemplo da variante da Confirmação, o enunciador aponta que

a corrupção mata e faz milhões sofrerem, mais uma vez ressaltando tais informações por considerar que seu interlocutor ignora ou desconhece esse ponto de vista.

Em 59, o trecho “Papa de merda, comunista, safado e sem vergonha” há um exemplo de Apreciação, uma vez que há a avaliação do enunciador sobre o valor que o Papa tem. Apesar de EUE não se projetar explicitamente no discurso, sabemos que o modo delocutivo não encobre totalmente as opiniões e sentimentos do locutor e isso é demonstrado neste exemplo. É possível identificar também a variante Constatação no caso 59. Quando EUE aponta que “a foto abaixo ilustra muito bem quem este canalha é de verdade”, ainda que não tenhamos acesso à imagem a qual o enunciador se refere, é possível inferir que foi a partir de tal gravura que o locutor pôde constatar que o Papa sabe bem “lamber as bolas de ditadores”.

O caso de número 60 denota o uso da variante Evidência quando EUE caracteriza o Papa como comunista e que ele estaria “destruindo a Igreja de dentro de seu seio”, além de apontar que o Pontífice seria um “apoiador do assassino Maduro”. Essa convicção particular do enunciador se mostra também quando afirma que o Papa estaria se calando com a perseguição de cristãos em países islâmicos e também na China. Isso é o suficiente para que Francisco seja taxado como covarde, demonstrando, mais uma vez, um julgamento particular, mas que é exposto de uma forma impessoal a fim de reforçar a ideia de uma verdade absoluta. A Evidência também pode ser identificada no comentário seguinte. Em 61, ao dizer que o Papa é defensor de corruptos que teriam roubado 500 bilhões de reais, o enunciador expressa uma visão particular com certeza total para que pareça uma verdade amplamente aceita e, de certa forma, irrefutável.

O último exemplo de intolerância verbal direcionado ao Papa que faz uso do comportamento delocutivo é o 62. Logo no início é possível notar a Apreciação com a sentença “nojo!”, demonstrando um sentimento de EUE sobre o vídeo publicado ou, ainda, sobre o próprio Papa. Ao pontuar que Francisco não representa a Igreja de Cristo e que “é um comunista, marxista, petista”, faz uso da Evidência para demonstrar uma verdade que, na realidade, é um ponto de vista individual. No trecho “daqui a pouco vai falar que gayzismo é natural, que veado é gente” a variante Probabilidade é identificada. Neste trecho, a Probabilidade é usada apenas para demonstrar que o locutor não tem a certeza de que o Papa irá realmente se pronunciar sobre o assunto, e não sobre sua convicção acerca do “gayzismo” e de “veado não ser gente”.

Para finalizar a análise do Modo de Organização Enunciativo, iremos investigar agora os comentários de não engajamento a outros usuários contendo intolerância ou violência verbal no comportamento delocutivo. São exemplos:

63. Jesus Cristo pregou a verdade, ele é o mestre. Homens falham, inclusive o Papa. PT, Lula e demais integrantes da quadrilha são fariseus, invejosos, mentirosos, falam uma coisa e fazem outra. Víboras, hipócritas, Judas, falsos.. não praticam o que pregam! Ladrões, corruptos...
64. A oração do papa pro mês de Julho jáera planejada desde Janeiro, é impressionante como o pessoal se vicia em Twitter e começa a ver indireta em todo lugar, sem ao menos se informar, só pode se tratar de um tipo novo de retardo mental, Deus tenha piedade.
65. Táfoda hem, o pior é ver jumento chamando a direita de gado. É pro cu cair da bunda.
66. Ainda se diz cristã estáretardada mental. MEO DEOS . COMO PODE. UM papa falar em justiça e dizer que Jesus não faz acordo com a mentira e a injustiça só pode ser comunista apoiador de molusco e criminoso.
67. Hahhahahhahah os esquerdistas satanistas que enfiam crucifixo no C. estão aqui reverenciando o papa. #MoroHeróiNacional
68. Verdevaldo é um asno
69. Esquerdistas ateus desesperados!!! Usando até o Papa. Vão todos para o inferno!!

O comentário 63 é um exemplo em que elucida a variante de Evidência. Há um apontamento de que Jesus seria o mestre. O próprio uso do artigo definido “o” demonstra que ele seria o único correto, o único a pregar a verdade. A afirmação que vem em seguida confirma isso. Quando o enunciador diz que inclusive o Papa falha, ele aponta que, mesmo sendo o maior representante da Igreja Católica, seu posicionamento pode estar equivocado. Em seguida há diversos qualificadores, como “víboras”, “hipócritas”, “judas”, “corruptos”, que, apesar de demonstrarem uma avaliação do enunciador, são expostos de forma impessoal.

Em 64, ao afirmar que “a oração do Papa para o mês de julho já era planejada desde janeiro”, EUE mobiliza a variante da Confirmação, apenas expondo um saber que poderia ser desconhecido para o interlocutor. Já nas orações seguintes, dizendo que as pessoas se viciam em Twitter, não se informam e que isso seria um “tipo novo de retardo mental”, o enunciador faz uso da Evidência, mostrando uma certeza total do seu ponto de vista. Há ainda, em “Deus tenha piedade”, o uso da variante Anseio, em que o locutor recorre a um outro agente diferente de si para que a ação seja realizada. É demonstrado, por parte do enunciador, que tal Anseio seria uma noção de piedade para com aqueles que veem “indireta em todo lugar, sem ao menos se informar” porque isso os tornaria pessoas dignas de pena, que só Deus poderia ter piedade delas.

Já o caso 65 exemplifica a Apreciação por parte do enunciador tanto no trecho “tá foda” quanto em “o pior é ver jumento chamando a direita de gado”, avaliando o valor de tais ocorrências por meio de uma ordem afetiva. Já a expressão “é pro cu cair da bunda” é popularmente usada para expressar incredulidade sobre algum Propósito considerado absurdo. Neste caso, então, EUE julga incoerente a direita ser chamada de “gado” por um “jumento”, possivelmente alguém que esteja tecendo críticas à direita.

No comentário 66, ao afirmar que alguém “ainda se diz cristã, esta retardada mental”, EUE demonstra discordar do que o interlocutor teria dito. O uso do advérbio “ainda” para afirmar que a pessoa se autodenomina cristã demonstra uma noção de que aquilo que foi exposto não seria condizente com a postura de um católico, tornando essa pessoa retardada mental por pensar dessa forma. O uso da expressão “meu Deus” denota o comportamento elocutivo, entretanto o restante da estrutura do comentário é enunciado a partir do comportamento delocutivo, por isso o analisamos nesta seção. A última frase demonstra a variante da Evidência, expressando uma opinião individual do enunciador ao propor que o Papa só poderia ser comunista, apoiador de criminosos e de “molusco” (referência ao ex-presidente Lula em comparação ao personagem de desenho animado Lula Molusco).

Os últimos exemplos também fazem uso da Evidência na enunciação. Em 67, EUE afirma que “esquerdistas, satanistas que enfiam o crucifixo no c. estão aqui reverenciando o Papa”, generalizando aqueles que teriam se engajado ao vídeo publicado como se todos a favor do Pontífice reproduzissem tais atitudes. Há ainda a hashtag “MoroHeróiNacional”, mais uma vez trazendo uma generalização, como se Moro fosse amplamente visto como herói por todos os brasileiros.

No caso 68, dizer que “Verdevaldo” (uma “tradução” do sobrenome de Glenn Greenwald) “é um asno” expõe, claramente, uma percepção do enunciador. Entretanto, ao usar o verbo “ser” para caracterizá-lo, há uma percepção de que EUE estaria apenas tomando nota de uma característica do jornalista, e não expondo seu ponto de vista como, na realidade, o faz. Esta “tradução” do sobrenome do jornalista é usada como uma tentativa de ridicularizar o estrangeiro, atitude reforçada pelo emprego do qualificador “asno”, o que demonstra um esforço por parte do enunciador para inferiorizar e deslegitimar o TUD.

O comentário 69, da mesma forma, afirma que os “esquerdistas, ateus, desesperados” usam até o Papa, como se todos aqueles que afirmaram que o vídeo seria uma manifestação contra os casos de Moro e da Lava-Jato fossem esquerdistas e ateus e estariam desesperados para

justificar tal posicionamento. A convicção vista no excerto “vão todos para o inferno” é, mais uma vez, a expressão da Evidência como uma certeza total própria do enunciador.

6.2.2 Modo Descritivo

O segundo Modo de Organização do Discurso que analisamos foi o Descritivo. Como dito anteriormente, é por meio dele que o enunciador demonstra mais explicitamente suas percepções individuais. É a partir das escolhas lexicais, de modalizações nos verbos, de combinações sintáticas, dentre outros, que EUE expressa sua visão do mundo. Para Charaudeau, “descrever consiste em um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam” (CHARAUDEAU, 2014, p. 111).

O autor propõe também que a atividade de nomear é arbitrária, limitada pela situação de comunicação e subjetiva, porque depende das decisões do sujeito descritor. A atividade de localizar-situar atribui características a um ser uma vez que, para desempenhar sua razão de ser, ele depende de sua posição no espaço e tempo. Já a atividade de qualificar é o que permite ao sujeito falante manifestar seu imaginário, seja ele individual ou coletivo, que perpassa, de acordo com Charaudeau, por um conflito entre as perspectivas normativas dos consensos sociais e as visões particulares do sujeito.

Para Charaudeau, o Descritivo e Argumentativo estão estritamente ligados pois as descrições “emprestam” operações lógicas para classificar os seres, uma vez que a argumentação passa a ter mais força quando exercida sobre seres com uma identidade e qualificação determinadas.

Iniciaremos a análise do Modo Descritivo com os comentários intolerantes de engajamento. Algumas descrições se repetiram diversas vezes e isso será abordado ao tratarmos dos imaginários sociodiscursivos. Neste momento, iremos explorar as estruturas, procedimentos linguístico-discursivos utilizados e também os possíveis efeitos de sentido que as diferentes descrições são capazes de provocar.

Nos textos analisados, notamos que os domínios de nomear e qualificar se confundem, estando intrinsecamente conectados. Explicamos: a forma de nomear sujeitos no discurso intolerante passa por uma intensa marcação dos qualificadores, como se a existência dos nomeados se resumisse àquelas características, e isso ocorre tanto nos comentários de engajamento quanto nos de não engajamento. Percebemos também a influência argumentativa

que tais descrições podem apresentar, uma vez que os comentários incitam outros usuários a, igualmente, se manifestarem.

Abaixo, exemplos de comentários de engajamento que contêm intolerância verbal:

70. Ficou *irritadinha, boneca?* *Gentinha* feito vc tem que toar bem láno fundo mesmo. *Babaca!* A *imbecilidade* é pré-requisito para fazer parte da *turma de tontos*. O mais interessante é que vcs sabem que são *tontos*. *Burros d carga*. Váchupar prego pra ver se vira parafuso, *otário!* Vaza!
71. *Bando de gado defensores de milicianos, assassinos e corruptos*. Não perdoam nem o Papa e ainda se dizem cristãos
72. TOMA NA CARA SUA *RETARDADA*. PAr aprender a interpretar o que te falam e não seguir *amadeiras de piroca*.
73. Credo, vc parece *um lixo humano!* Pelo dito, parece que nada entendeu sobre a msn, por isso estána *lista dos habitantes fanáticos e míticos do pé-de-goiaba* . Que Deus tenha misericórdia de ti, Tire o seu ódio e Desperte sua consciência pl/ *o Bem e a Verdade, querida...*
74. Ih, *miga*. Vc esqueceu de tomar seus *remedinhos?* *Támuíta doída, rebeldinha, nervosinha, reacinha, fascistinha*
75. *Os minions estão putos* com o Papa, e o pontífice nem falou do *marreco de Curitiba*. Eles vestem a carapuça de *pilantra* no *juízeco* e ainda ficam xingando o Papa. ôôô *boiada!* O Papa tocou o berrante sem querer
76. Triste é ter *UMA GADO* dessa defendendo *JUIZ LADRÃO, POLÍTICO MILICIANO SAFADO E UMA CORJA DE CORRUPTOS VESTIDOS DE SANTOS...* Vai *PASTAR, querida...*

Nos exemplos acima, é possível notar o que Charaudeau (2014, p. 125) define como construção subjetiva do mundo. O autor afirma que é por meio deste procedimento discursivo que o sujeito falante descreve os seres a partir de suas visões do mundo, não sendo necessariamente passíveis de verificação. Ou seja, EUE demonstra suas percepções, sua verdade particular, tudo aquilo que corresponde ao imaginário pessoal deste sujeito.

Outro ponto comum ao Modo Descritivo em todos os comentários acima é que são textos com a finalidade de incitar. Charaudeau propõe que as declarações, como vistas em panfletos ou manifestos, incluem, a partir do discurso, grupos sociais numa subjetividade coletiva. Isso significa dizer que as declarações visam provocar e envolver determinadas classes para que também participem de uma dinâmica a qual o enunciador está engajado. É por este motivo que podemos classificar os comentários intolerantes como um exemplo de declaração. Eles expressam o comprometimento do enunciador com o Propósito e ainda incitam a adesão de outros usuários, seja para apoiar e confirmar aquilo que está sendo dito, seja para contrapor as ideias apresentadas.

Tratando, agora, especificamente dos exemplos identificados acima, o caso 70 traz diversas descrições que retomam a ideia de construção subjetiva do mundo. O uso do diminutivo nos

vocábulos “irritadinha” e “gentinha” demonstra desdém por parte do enunciador e até certa ironia, vista também no vocativo “boneca”. Quando há um confronto entre dois interlocutores, não se espera que qualificadores agradáveis sejam usados, por isso dizer que o interlocutor seria uma “boneca” demonstra que EUE percebe TUD como alguém frágil, sensível demais, uma vez que ficou “irritadinha”. Afirmar que o pré-requisito para fazer parte da turma de tontos seria a imbecilidade é dizer também que todos que fazem parte de tal grupo são imbecis, ainda que em uma configuração implícita. Há, inclusive, outros qualificadores como “babaca”, “burros de carga” e “otário”, que sintetizam a identidade do interlocutor.

O comentário 71 é composto, em sua maioria, por qualificadores. Desta vez, no entanto, o discurso não está direcionado a um único usuário, mas àqueles que “não perdoam nem o Papa”. Para o EUE desta resposta, o fato de outros internautas criticarem o Pontífice e ainda se denominarem cristãos é incompatível, uma vez que um dos preceitos do catolicismo é reconhecer a autoridade e santidade do papa em exercício. Isso faz com que o sujeito enunciador descreva essas pessoas como um “bando de gado defensores de milicianos, assassinos e corruptos”, todos sendo qualificadores subjetivos, mas que visam uma construção do mundo objetiva, uma vez que o sujeito falante acredita que esta seja a verdade e estaria apenas descrevendo características inerentes a tais indivíduos. Ainda que a visada possa ser apenas de apontar traços de outros usuários, o descritor só o faz a partir de sua percepção pessoal e, no caso do discurso intolerante, por demonstrar explicitamente sua visão de mundo, tal construção não será objetiva.

No caso 72, EUE demonstra discordar expressamente de algum comentário anterior de seu interlocutor. Ao dizer “toma na sua cara, sua retardada”, é possível inferir que a partir de uma declaração do TUD que pode ter sido refutada, o enunciador entende sua visão de mundo como correta e a visão do outro como errônea. O qualificador “retardada” retoma a uma perspectiva capacitista, de que uma pessoa que teria um desenvolvimento mental abaixo do normal não seria capaz de um pensamento crítico ou de uma interpretação avançada. Isso se confirma na frase seguinte, em que o enunciador afirma que o interlocutor deve “aprender a interpretar o que te falam e não seguir mamadeiras de piroca”, em alusão a um vídeo que viralizou em 2018 afirmando que o PT teria distribuído mamadeiras de cunho erótico visando combater a homofobia³⁸.

³⁸Ver mais em: https://projetoacomprova.com.br/post/re_2B5W8XYj0Jwb/ Acesso em: 26 fev 2021

Em 73, a construção subjetiva do mundo é permeada pelo que Charaudeau propõe ser o efeito de confiança, que se caracteriza por uma “intervenção explícita ou implícita do descritor, que é levado a exprimir sua apreciação pessoal” (CHARAUDEAU, 2014, p. 141). Ao caracterizar o interlocutor como alguém que “parece um lixo humano”, EUe demonstra que TUD seria um ser desprezível e sujo. Isso se confirma também pelo uso da interjeição “credo”, que pode demonstrar incredulidade e medo do outro. Afirmando que esse usuário estaria na “lista dos habitantes fanáticos e míticos do pé-de-goiaba”, EUe faz uma referência a uma declaração de Damare Alves³⁹, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, ironizando tal grupo. O efeito de confiança é reforçado também no desejo do locutor quando diz “que Deus tenha misericórdia de ti, tire o seu ódio e desperte sua consciência para o bem e a verdade, querida”, demonstrando uma opinião particular do enunciador. A forma de nomear “o Bem e a Verdade”, usando os artigos definidos e também letras maiúsculas demonstra que EUe acredita existir apenas uma única forma de verdade e uma única expressão do bem: aquelas que ele próprio aceita. Há, por fim, o uso do vocativo “querida”, usado, possivelmente, com ironia por parte do enunciador.

Outro exemplo que também faz uso do vocativo de forma sarcástica é o caso 74. Chamar alguém com quem se discute de “miga”, abreviação de amiga, demonstra deboche por parte do enunciador, uma vez que a intolerância não caracteriza relações de amizade. Neste comentário o uso do diminutivo nos vocábulos “remedinhos”, “rebeldinha”, “nervosinha”, “reacinha” e “fascistinha” reforça a ironia usada no comentário, contribuindo também para uma construção subjetiva do mundo.

O comentário 75 nomeia aqueles que se opuseram ao vídeo como “minions”, adjetivo popularmente utilizado para se referir àqueles que seguem as ideias de Bolsonaro sem qualquer questionamento, assim como os personagens minions fazem com seu chefe na animação infantil “Meu Malvado Favorito”. Dizer ainda que “os minions estão putos com o Papa” é afirmar que todos aqueles que apoiam o atual presidente estariam se sentindo da mesma forma, generalizando todo o grupo por meio de uma mesma característica. A denominação “marreco de Curitiba” faz referência à voz do ex-juiz Sérgio Moro, que seria anasalada e estridente, e à cidade em que o mesmo trabalhou na Lava-Jato. Ainda se referindo a Moro, EUe aponta que, mesmo o Papa não tendo falado dele, os “minions” estariam vestindo “a carapuça de pilantra no juizeco”, insinuando que mesmo aqueles que seriam a

³⁹ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/futura-ministra-damare-alves-diz-ter-visto-jesus-em-cima-de-pe-de-goiaba-23300585.html> Acesso em: 26 fev 2021

favor do juiz estariam colocando-o em posição de culpa. O sufixo -eco usado em “juizeco” é uma forma diminutiva pejorativa, demonstrando desdém por parte do locutor ao se referir ao ex-juiz e ex-ministro. Outra denominação usada para depreciar o grupo opositor é vista no coletivo “boiada”, também em referência àqueles que acompanham fielmente alguma personalidade sem questioná-la.

Neste ponto é importante notar como o Descritivo no discurso intolerante é usado, dentre outros motivos, a fim de generalizar um grupo, reforçando a ideia do discurso polêmico do *nós x eles*. Atualmente, há uma oposição entre Sérgio Moro e Jair Bolsonaro, mas na época em que tal comentário foi realizado, o ex-juiz ainda compunha o primeiro escalão do governo Bolsonaro. Mesmo que, ainda em 2019 (quando a publicação foi feita), apoiar Moro e a Lava-Jato não fosse a mesma coisa de apoiar Bolsonaro, há uma tendência de agrupar em um mesmo conjunto essas duas comunidades, uma vez que ambas faziam oposição à esquerda política.

O exemplo 76 traz, mais uma vez, o uso do coletivo “gado” que, como dito anteriormente, define alguém que faz parte de um grupo acrítico. EUE demonstra, por meio do efeito de confiança, o sentimento particular de tristeza ao ver um outro usuário defendendo “juiz ladrão, político miliciano safado e uma corja de corruptos vestidos de santos”. Toda essa descrição é feita sem o uso de nomes próprios e a indeterminação de quem seria o “juiz ladrão”, o “político miliciano safado” e a “corja de corruptos” faz com que o TUi preencha esses espaços a partir de suas percepções de mundo. O contexto do enunciado, no entanto, permite que um leitor que está a par do cenário de repercussão do vídeo entenda o objetivo do enunciatador de implicar Moro, Bolsonaro e seus apoiadores em tal discurso. Por fim, o uso do vocativo “querida” também é usado neste caso de forma irônica, assim como visto em outros exemplos.

Como exemplos de intolerância verbal que mobilizam o Modo Descritivo em comentários de não engajamento, temos, dentre outros:

77. *Papa comunista vermelho.*
78. *Seu papa corno kkkk para de defender os bandidos*
79. *Padreco bichona vai cheirar po com maradona*
80. *Só podia ser argentino o filho da puta*
81. *Papa militante esquerdopata ativista globalista comunista ...+*
82. *Isto não é papa Isto é o antipapa Usurpador da cadeira de Pedro Mais globalista satanista discípulo de Lúcifer Apocalipse 13 11 eis a besta*
83. *Vc não é Deus e nunca será um ser humano normal. Papa comunista o Brasil não precisa e nem pediu sua opinião. Tira a batina e vira político logo é melhor. Assuma a sua verdadeira face. #reformade1trilhaojá*

84. *HIJO DE UNA PUTISIMA MADRE..... GILIPOLLA.... VETE A LA PUTA CUBA QUE TE PARIÓ.... TU NO ERES PAPA...ERES EL ANTI-CRISTO... COMUNISTA DE MIERDA. HACIENDO VIDEOS APOIANDO EL MAYOR LADRON DE TODOS LOS TIEMPOS.... PAPA EXCOMUNGADO!!! CABRON*
85. *Ki bosta, maldito papa da Idolatria e da mentira, chefe de uma igreja morta, corrupta, nefasta, manchada de sangue inocente, de milhares de crianças vítimas de pedofilia, cometidas por padres e bispos psicopatas,- não tem nenhuma propriedade pra criticar o herói @SF_Moro*

O primeiro exemplo nos comentários de não engajamento direcionados ao Papa, de número 77, traz o qualificador mais utilizado entre comentários de não engajamento, “comunista”. Abordaremos mais profundamente os efeitos causados por este adjetivo na seção dos imaginários sociodiscursivos, mas neste momento cabe pontuar que ainda que seja um qualificador, em sua essência, de ordem objetiva, uma vez que visa somente determinar um posicionamento no espectro político, acaba por ser usado de forma subjetiva, com um tom acusatório. Também para reforçar essa imagem de “comunista” o adjetivo “vermelho” é usado em alusão à cor da bandeira comunista.

Nos exemplos 78 e 79, vemos enunciados relacionados à sexualidade do Papa com os qualificadores “cornu” e “bichona”, o que fere os princípios do celibato imposto aos padres católicos. Em 78, EUe ordena que o Papa pare de defender “os bandidos”. Ainda que o artigo definido seja empregado, a compreensão de quem seriam esses bandidos é implícita, sendo alcançada por aqueles que têm conhecimento do conteúdo do vídeo e do cenário político-social em que ele se insere. O caso 79 traz outro exemplo do uso do sufixo -eco quando o locutor se refere ao Pontífice como “padreco”. O diminutivo mais uma vez tem uma conotação pejorativa, reforçado pela ordem “vai cheirar pó com Maradona”, em referência ao futebolista que também é argentino e, quando vivo, era viciado em cocaína.

Outra menção à nacionalidade do Papa é identificada no comentário 80, em que um qualificador de ordem objetiva também é usado de forma subjetiva. O adjetivo pátrio “argentino” não é empregado apenas para tratar do país onde o Pontífice nasceu, mas para retomar a conhecida rivalidade entre brasileiros e argentinos. O uso do advérbio “só” em conjunto com a locução verbal “podia ser” reforça a noção de que os argentinos são rivais e por isso não se pode esperar nada bom vindo de um. EUe faz uso da intolerância ao chamar o Papa de “filho da puta”, xingamento que expressa a falta de valor do TUd e o conseqüente desprezo por parte do locutor.

Já o comentário 81 é composto majoritariamente por qualificadores, à exceção da denominação “Papa”, usada para explicitar a quem o discurso se dirige. Os demais vocábulos são usados a fim de descrever negativamente o Papa, reforçando uma ideia de que o vídeo teria sido pensado a fim de criticar o ex-juiz Sérgio Moro e por isso o Pontífice seria um “militante [...] ativista”. O qualificador “esquerdopata”, que une “esquerda” ao sufixo -pata, formador de adjetivos que caracterizam transtornos, como em “psicopata” ou “sociopata” demonstra que, na visão de EUE, defender uma justiça imparcial é o suficiente para alguém ser um psicopata da esquerda, sendo descrito, pelo mesmo motivo, como “comunista”. O último qualificador, “globalista”, também é formado a partir de um processo de derivação. No português, o sufixo -ista pode remeter a alguém que é adepto de algum movimento ou corrente de pensamento, como o próprio caso de “comunista” ou ainda “capitalista”. Dizer que o Papa é globalista significa acusar que ele segue a maneira de pensar da rede Globo, dita por bolsonaristas como a maior crítica do atual governo.

Em 82, o comentário é iniciado por uma negativa e Charaudeau aponta exatamente que a atividade de nomear é “perceber uma diferença na continuidade do universo e simultaneamente relacionar essa diferença a uma semelhança” (CHARAUDEAU, 2014, p. 112). Ao afirmar que “isto não é o papa, isto é o antipapa”, EUE assume a posição de alguém capacitado para reconhecer ou não a legitimidade de um papa e Francisco, por não ter os atributos necessários, seria “usurpador da cadeira de Pedro”. O locutor afirma ainda que Francisco seria o “mais globalista, satanista, discípulo de Lúcifer”, retomando a noção de seguidor de uma corrente dada pelo sufixo -ista. Alguém que seria “discípulo de Lúcifer” não pode ocupar a posição de papa e também por isso EUE acusa o Pontífice de ser “a besta”, figura apocalíptica que é descrita como a representação do mal, responsável por desviar os cristãos dos caminhos ensinados por Jesus.

A negativa também é usada no exemplo 83, em que EUE afirma que o Papa “não é Deus e nunca será”. Tal afirmação demonstra que ainda que o locutor reconheça a autoridade papal, isso não é o suficiente para que tudo aquilo que Francisco diga seja tido como verdade, uma vez que ele “é um ser humano normal”, passível de falhas, marcado pelo qualificador “normal”. Novamente o imaginário de comunista é mobilizado e o enunciador sugere que o Pontífice deveria tirar a batina e virar político logo, já que está dando uma opinião que não foi requisitada pelos brasileiros. A noção de que, ao se manifestar a favor de uma justiça imparcial, o Papa estaria errado e que ele deveria mudar de atitude é reforçada também pela última sentença do comentário. O qualificador usado para dizer que o Pontífice deve assumir

“sua verdadeira face” demonstra que ele estaria escondendo quem realmente é, criando, implicitamente, a imagem de que Francisco seria um mentiroso.

No comentário 84, escrito em espanhol por visar a leitura do próprio Papa, o enunciador faz uso de diversos xingamentos, demonstrando discordância e desprezo tanto pelo Pontífice quanto pela mensagem contida no vídeo publicado. Dizer que Francisco é um “filho de uma putíssima mãe”, um “idiota” e que ele deve ir à “puta Cuba que o pariu” exprime o profundo dissenso que EUE apresenta em relação ao Papa. A negativa da identidade do Pontífice em “você não é o Papa... É o Anticristo” também pode ser entendida como uma expressão de tal divergência, justificada pelo enunciador porque a mensagem papal estaria “apoiando o maior ladrão de todos os tempos” e, por isso, o Papa deveria receber uma das maiores punições da Igreja Católica, a de ser excomungado.

O último exemplo de intolerância verbal direcionado ao Papa selecionado para análise é o comentário 85. Nele é possível observar a construção subjetiva do mundo por meio dos diversos qualificadores que visam desmoralizar não só a imagem do Papa, mas também da própria Igreja Católica. Ao afirmar que Francisco é “maldito papa da idolatria e da mentira”, o enunciador realça pecados graves identificados como tal pela bíblia cristã, evidenciando uma crítica, neste primeiro momento, ao Pontífice. Logo em seguida, EUE afirma que Francisco é o chefe de “uma igreja morta, corrupta, nefasta, manchada de sangue inocente de milhares de crianças vítimas de pedofilia” a fim de depreciar toda a instituição e, conseqüentemente, todos aqueles que fazem parte dela. Há ainda uma comparação entre padres e bispos, descritos como “psicopatas”, de um lado, e do outro Sérgio Moro, descrito como “herói”, reforçando a visão subjetiva de que a Igreja Católica é corrompida.

Para analisar os comentários de não engajamento direcionados a outros usuários que contêm intolerância verbal, foi possível identificar os seguintes exemplos:

86. Jesus Cristo pregou *a verdade*, ele é *o mestre*. Homens falham, inclusive o Papa. PT, Lula e demais integrantes da quadrilha são *fariseus, invejosos, mentirosos*, falam uma coisa e fazem outra. *Víboras, hipócritas, Judas, falsos*.. não praticam o que pregam! *Ladrões, corruptos*...

87. Tu defende o Lula, acho que não tem um exemplo melhor de *gado* do que vc, agora não sei como é que vc consegue raciocinar enquanto pasta. Aliás acho que támais pra *jumenta*, deveras não háesquerdista *provido de cérebro*.

88. Vai a bosta *Lula seu lixo*

89. *Lixos exploradores psicopatas comunistas. HIPÓCRITAS !!*

90. *Esquerdistas ateus desesperados!!!* Usando até o Papa. Vão todos para o inferno!!

91. Ja vi esse *mico* antes ! É a cara da *esquerda mentirosa, vagabunda e desinformada*.

92. Hahahahahah os esquerdistas satanistas que enfiam crucifixo no C. estão aqui reverenciando o papa. #MoroHeróiNacional
93. *Verdevaldo é um asno*
94. Sei de uma esse vídeo mostra como tem *peessoas sujas* pra usar até a igreja segura o bloquei ai seu *trouxa babaca fela da puta seu merda! Filho do capeta alma sebosa!*

No comentário 86, EUE faz uso da denominação, por meio dos vocábulos “a verdade” e “o mestre”, para demonstrar que existe somente um mestre, Jesus, e somente uma verdade, a que foi ensinada por ele. Isso demonstra uma recusa à mensagem do vídeo publicado, fato que se confirma quando o locutor afirma que inclusive o Papa está sujeito a falhas. Ao descrever Lula e os “demais integrantes da quadrilha” por meio dos qualificadores “fariseus”, “invejosos” e “mentirosos”, o sujeito falante demonstra discordar de todas as ações de tal grupo, expressando que quaisquer atitudes não são confiáveis. Essa discordância é atestada com os demais qualificadores utilizados, “víboras”, “hipócritas”, “judas”, “falsos”, “ladrões” e “corruptos” são formas de nomear e qualificar um grupo do qual o enunciador se distancia, uma vez que o *eles* sempre se mostra sem honra, censurável e desprezível.

Em 87, o enunciador demonstra que a discordância para com seu interlocutor se dá pelo fato de este defender o Lula e, por isso, TUd seria o exemplo de “gado”. Aqui é possível observar como a significação de um qualificador também é subjetiva. O adjetivo “gado”, normalmente usado em relação aos apoiadores de Bolsonaro, foi empregado para se referir a um apoiador de Lula porque, na visão do enunciador, o interlocutor estaria desempenhando o papel de alguém que não tem senso crítico e aprova tudo o que o político fala e faz. EUE ainda complementa dizendo que tal pessoa estaria “mais pra jumenta”, equiparando o interlocutor a um animal. A nomeação “esquerdistas” é complementada pela expressão “provido de cérebro”, que reforça a ideia de TUd ser alguém sem a capacidade de analisar criticamente uma situação.

O exemplo 88 se relaciona com o anterior por também tratar do ex-presidente Lula, mas desta vez o discurso é direcionado a ele de modo direto. Mandar o político ir “à bosta” e chamá-lo de “lixo” demonstra uma reflexão pessoal do enunciador sobre a situação em que o vídeo foi produzido. Isso porque não há, em nenhum momento na mensagem publicada, um trecho que implique o ex-presidente, mas como há o pedido por uma justiça imparcial pouco tempo depois do vazamento de conversas suspeitas por parte do juiz responsável pela condenação do político, EUE pode ter deduzido que Lula seria a motivação pela qual o vídeo foi feito.

O comentário 89 é outro exemplo de uma resposta que contém nomeações e qualificações que se confundem como categoria analítica. Todos os termos utilizados podem ser classificados tanto como substantivos quanto como adjetivos, mas o ponto principal é entender como, enquanto qualificadores, eles acabam por definir características, na visão de EUe, que são intrínsecas ao grupo, atitude específica do nomear. Ao dizer que determinados indivíduos seriam “lixos”, “exploradores”, “psicopatas”, “comunistas” e “hipócritas”, o sujeito falante resume a essência dos seres a isso. O enunciador demonstra, por meio desses qualificadores negativos, que a discordância total e o uso da intolerância se justificam, uma vez que tais divergências impedem que o enunciador veja TUD como merecedor de sua educação e respeito.

Essa confusão entre nomear e qualificar também é vista em 90. O uso dos vocábulos “esquerdistas”, “ateus” e “desesperados”, sem um verbo que permita caracterizar quais dos termos são usados para nomear e quais são mobilizados para qualificar, causa o entendimento de que tais características são as principais desses indivíduos.

O mesmo efeito ocorre em 91, ao afirmar que uma atitude específica seria “a cara da esquerda mentirosa, vagabunda e desinformada”. Neste exemplo, é possível identificar que os adjetivos “mentirosa”, “vagabunda” e “desinformada” foram usados como qualificadores, mas, novamente, acabam resultando em um efeito de sentido que demonstra como tais características resumem tudo aquilo que “a esquerda” é. O uso do vocábulo “mico” também é uma descrição que demonstra a visão subjetiva do EUe, uma vez que tem conotação de uma situação vexatória, algo que o sujeito enunciador considera ser normal para a comunidade da esquerda.

No exemplo 92, EUe afirma que “os esquerdistas satanistas” reverenciaram o Papa, demonstrando uma generalização por parte do enunciador, como se todos os “esquerdistas” fossem, também, satanistas. Apesar de não direcionar a crítica ao Papa, o fato de censurar o apoio por parte de um grupo evidencia o pensamento de discordância do enunciador, visto também em “#MoroHeróiNacional”, em que o ex-juiz é definido como o herói de todos os brasileiros. O locutor usa, mais uma vez, da generalização para reforçar sua visão de mundo, reforçando o dissenso com a mensagem presente no vídeo e com as manifestações de apoio.

No caso 93, a nomeação é usada não apenas para identificar e fazer existir um ser, mas para fazê-lo de forma a zombar do alvo de tal nomeação. O vocábulo “Verdevaldo” é empregado para fazer uma referência ao sobrenome de Glenn Greenwald, em uma “tradução” adotada

como apelido por bolsonaristas para deslegitimar o estrangeiro. O intuito de inferiorizar TUd é visto também no predicativo do sujeito “um asno”, em que há atribuição de uma característica ao sujeito de quem se fala. Ao comparar Greenwald a um animal, EUE demonstra não apenas discordância, mas também certo desprezo porque, sendo uma personalidade animalesca, o interlocutor não precisa ser tratado com respeito ou consideração.

Em 94, o enunciador afirma que há “pessoas sujas” capazes de usar “até a igreja”, manifestando a construção subjetiva de mundo de EUE. Na percepção do locutor, grupos que usam os argumentos oferecidos pela Igreja Católica por meio do vídeo seriam “sujos”, qualificador usado no sentido conotativo, visando denunciar uma atitude desonesta e imoral. Na primeira oração, o sujeito falante se expressa sem direcionar seu discurso a um interlocutor específico, corroborando a interpretação de que estaria falando de maneira generalizada, visando todos aqueles que usaram a Igreja com uma finalidade, na visão do enunciador, deturpada. Em seguida o discurso implica um TUd específico, um outro usuário, a quem o locutor se refere como “trouxa”, “babaca”, “filha da puta”, “seu merda”, “filho do capeta” e “alma sebossa”. Essa mudança de foco no enunciado se deve, possivelmente, ao fato de que no primeiro momento o locutor já estava se referindo a este destinatário específico, mas o fez de maneira implícita, expressando sua visão não apenas sobre TUd, como também a todos os usuários que tiveram a mesma atitude de “usar a Igreja”.

A construção subjetiva do mundo pôde ser observada em todas as descrições analisadas, o que nos faz crer que esta possa ser uma característica inerente aos comentários intolerantes, já que visam atacar o grupo opositor, ressaltando que a maneira certa de ver o mundo é a do *nós*. Um recurso muito utilizado para reforçar esta oposição entre *nós* x *eles* foi a generalização. Isto porque, para contestar ou atacar o *eles*, é mais fácil que todos tenham a mesma característica alvo da crítica e da intolerância verbal do que criticar individualmente cada um dos usuários. Este tipo de estratégia é vista no argumento *ad personam*, em que o sujeito falante deixa de lado a argumentação acerca do Propósito e passa a visar à identidade do alvo, definindo-o com uma característica vista como negativa, o que desqualifica tudo o que este segundo diga. É um argumento de caráter difamatório que tem como objetivo neutralizar totalmente o discurso do outro e, se não o fizer, consegue fazê-lo ao menos entre aqueles que compartilham dos mesmos valores do enunciador. Outro conteúdo identificado com recorrência no Modo Descritivo foi a sobreposição das categorias de denominação e qualificação em comentários intolerantes. Tal estratégia retoma o que foi dito no início desta seção: a existência dos seres nomeados passa a ser resumida às qualificações atribuídas, que, no caso dos comentários

intolerantes, sempre serão negativas, reforçando a força argumentativa que as respostas possuem por incitarem outros usuários a se manifestarem.

O modo Narrativo permite aos seres que já foram nomeados, localizados e qualificados desempenharem ações e papéis actanciais. É o que normalmente fazemos quando contamos um acontecimento, seja ele realidade ou ficção. O que se percebe nas respostas analisadas é a ausência de elementos do modo Narrativo. Possivelmente isso se deve às características do site Twitter, que tem um limite de 280 caracteres por postagem, o que limita os usuários a fazerem uma publicação mais sucinta. Esta propriedade de textos mais breves é fator desencadeador de um conteúdo que, na maioria das vezes, visa não o relatar de um acontecimento, mas um posicionamento sobre ele. Por este motivo encontramos, nos comentários em que há discurso intolerante, mais julgamentos e opiniões, o que nos leva a falar da força argumentativa da intolerância verbal.

6.2.3 Modo Argumentativo

Finalmente, iremos abordar como os comentários se comportam em termos do modo argumentativo. Para Charaudeau, argumentar é buscar o “mais verdadeiro”, o verossímil, uma vez que não há graduação para “verdadeiro”. Essa busca depende de representações socioculturais e, em prol do objetivo de persuadir, há uma lógica e um princípio de não contradição. O argumentante busca ser convincente, mobilizando os argumentos que julgar necessários, levando em consideração as representações compartilhadas por seu grupo para que não se autocontradiga. Charaudeau afirma ainda que “a argumentação [...] é uma totalidade que o modo de organização argumentativo contribui para construir” (CHARAUDEAU, 2014, p. 207). Isso significa dizer que a argumentação não se insere apenas no modo Argumentativo, mas se constitui a partir dele por meio de combinações de diferentes componentes.

O modo Argumentativo traz uma relação indissociável entre o EUE e o TUD. Isto acontece porque não é possível haver argumentação sem que haja para quem argumentar. Há ainda o terceiro elemento imprescindível, a proposição sobre o mundo, aquilo sobre o que recai a argumentação. É preciso pensar que a argumentação, como proposta por Charaudeau, visa ao convencimento, passando por uma “expressão de uma convicção e de uma explicação que tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento” (CHARAUDEAU, 2014, p. 205).

A fim de atingir seu objetivo de persuasão, o sujeito enunciador irá mobilizar procedimentos da encenação argumentativa, sendo que estes podem ser semânticos, discursivos ou de composição.

Os procedimentos de ordem semântica são fundamentados em um cenário de consenso social e englobam valores que estão inseridos em domínios de avaliação. Os domínios são: domínio da Verdade, que leva em consideração a originalidade, autenticidade e unicidade dos seres, dividindo-os em verdadeiro ou falso; domínio do Estético, que define os seres em termos de belo ou feio; domínio do Ético, que divide em termos de bem e mal, levando em conta a moral, seja da sociedade, seja do sujeito enunciador; domínio do Hedônico, que atribui às ações a partir dos sentidos como agradável ou desagradável; domínio do Pragmático, que corresponde ao que é considerado útil ou inútil dependendo dos interesses dos sujeitos envolvidos. Cada um desses domínios mobiliza um valor, que corresponde às diferentes representações sociais, de nome correspondente.

Os procedimentos discursivos consistem, de acordo com Charaudeau (2014, p. 236), em utilizar de categorias de língua e também de procedimentos de outros Modos de organização visando produzir certos efeitos de persuasão. Dentre essas categorias estão: a definição, pertencente ao modo Descritivo; a comparação, também proveniente do Descritivo; a citação, característica do Enunciativo; a descrição narrativa, do Narrativo; a reiteração ou acumulação, que utiliza vários argumentos que servem a uma mesma prova; e, por fim, o questionamento, concernente ao Enunciativo.

Sobre os procedimentos de composição, Charaudeau afirma que eles “consistem em repartir, distribuir ou hierarquizar os elementos do processo argumentativo ao longo do texto” (CHARAUDEAU, 2014, p. 244), buscando a melhor localização das articulações ou compreensão dos argumentos. A primeira forma caracteriza a composição linear, em que os argumentos são organizados segundo uma cronologia, enquanto a segunda configura a composição classificatória, na qual argumentos já existentes são retomados de modo resumido.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de intolerância verbal em comentários de não engajamento ao Papa que serão analisados de acordo com os procedimentos do Argumentativo.

95. Um Papa mau caráter, comprometido com as forças malignas das trevas, que está tentando destruir a Santa Igreja. O Senhor Bergoglio não é digno de ser o sucessor de Pedro. Isso é uma verdadeira palhaçada.
96. Demônio
97. O Papa é hipócrita. Lobo travestido de cordeiro
98. Papa patético
99. A besta do apocalipse Discípulo de Lúcifer
100. Nojo deste Demônio vestido de Branco! O Anti-cristo! O mal! A Reencarnação da maldade! Saudades do Papa João Paulo II! #Fimdaigrejacatolica #Papaacaboucomnossareligiao #Papavaiqueimarnoinferno
101. Você é o juiz mais parcial, omissivo e medíocre que existe. Se esconde sob o manto do Sacerdócio desonrando aquela que deveria ser a sua missão para os católicos. O Pastor de Israel. Quando você defendeu as vítimas de Nicolas Maduro?
102. O papa do cão?
103. Estou deixando de ser católico por causa dessa merda de papa que não me representa como homem de Deus! Quem defende o comunismo tem que apodrecer atrás das grades!
104. Parece que o juiz MORO que é o CRIMINOSO e o condenado o inocente! Q feio! Q desprezível. O sr. esqueceu dos 10 mandamentos: roubar e matar e pecado MORTAL. Corrupção MATA faz sofrer e mata milhões de pessoas de forma anônima e silenciosa. Cada um é que sabe as agruras que passa.
105. As suas atitudes só mostram quão certas estão as profecias contidas no livro do Apocalipse. E, até mesmo as que foram feitas por São Malaquias. Certamente que você é o "Papa Negro" que está sucumbindo a Igreja. Você sabe a que eu me refiro.

No exemplo de número 95, é possível observar a mobilização do valor do domínio de Verdade no trecho “não é digno de ser o sucessor de Pedro”. Ao afirmar que Francisco é indigno de ser Papa, o enunciador coloca em pauta a autenticidade deste cargo ser ocupado pelo atual Papa, usando também a comparação ao primeiro papa da Igreja Católica, além da mobilização também do valor concernente ao domínio do Ético quando afirma que ele é “um Papa mau caráter, comprometido com as forças malignas das trevas”. Outro procedimento discursivo utilizado além da comparação neste comentário foi a definição, ao definir que “um Papa mau caráter” está destruindo “a Santa Igreja”, o sujeito falante demonstra a falta de compatibilidade entre os dois tópicos desta argumentação.

O domínio do Ético foi o mais mobilizado. Em “demônio” (exemplo 96), “lobo travestido de cordeiro” (exemplo 97), “besta do Apocalipse discípulo de Lúcifer” (exemplo 99), “demônio vestido de branco”, “anticristo”, “o mal”, “a reencarnação da maldade” (exemplo 100) os valores mobilizados ressaltam a maldade que os enunciadores acreditam ver no Papa. Esta forma de argumentação tem um efeito ainda mais eficiente em contestar a bondade do Papa do que outros domínios justamente por usar argumentos pertencentes à ordem da fé, que se insere no domínio do Ético. No caso de uma tentativa de deslegitimar a mensagem do vídeo, é mais coerente fazer uso de argumentos que mobilizam a fé católica do que usar, por exemplo, o domínio do Estético e criticar a imagem física do Papa. Em 97 há ainda o uso de uma

comparação subjetiva, “lobo travestido de cordeiro”, que, de acordo com Charaudeau, produz um efeito de evidência. Este tipo de comparação também pode ser identificado em 99 quando EUE acusa o Papa de ser a “besta do Apocalipse”, criando uma imagem que pode induzir os outros usuários à mesma visão de mundo do enunciador. O comentário 100 faz uso da definição nas expressões já pontuadas, em “demônio vestido de branco”, “anticristo”, “o mal” e “a reencarnação da maldade”. Charaudeau (2014, p. 236) afirma que a definição, mesmo que não seja verdadeira, já que toma aparência de uma definição, é usada para produzir um efeito de evidência, servindo ao propósito argumentativo do sujeito falante.

Também no domínio do Pragmático, “patético” (exemplo 98), “parcial”, “omisso” e “mediocre” (exemplo 101) demonstram a incredulidade dos enunciadores sobre a capacidade do Papa de gerir a Igreja. Na visão de quem está argumentando, o Pontífice não apresenta as características necessárias para suprir os interesses dos católicos, desvalorizando a missão que o Papa tem e se tornando patético, digno de pena, mas não de compadecimento. Os casos 101 e 102 fazem uso do procedimento discursivo do questionamento em “quando você defendeu as vítimas de Nicolas Maduro?” e “o Papa do cão?” com a visada de provocação. Charaudeau afirma que esta estratégia implica uma apreciação sobre o questionado, instigando-o a responder para se defender de tal julgamento. No caso dos comentários no Twitter, não será o Papa quem irá responder a tal questionamento, mas outros usuários podem se sentir provocados a responder para defender a identidade do Papa.

Os comentários 103 e 104 também mobilizam o domínio do Ético ao afirmar que “quem defende o comunismo tem que apodrecer atrás das grades” (exemplo 103) e “roubar e matar é pecado moral”, “corrupção mata, faz sofrer e mata milhões de pessoas” (exemplo 104). Há, no domínio Ético, uma moral externa, que corresponde às normas de comportamento da sociedade, e uma moral interna, em que o indivíduo mobiliza suas próprias regras.

O caso 103 é um exemplo da moral interna, uma vez que EUE demonstra uma visão particular, mesmo sem que o faça de forma explícita. O pronome “quem”, de forma indeterminada, demonstra que tal visão se aplica a todos aqueles que defendem o comunismo, não apenas ao Papa, validando o que Charaudeau aponta como domínio do dever e da obrigação, que também se aplicam aos casos de moral externa. A definição é usada para reforçar o dissenso moral do EUE sobre o Papa, retratando-o como “merda de Papa”, e dizendo que o Pontífice não representa o enunciador, retomando o domínio do Pragmático.

Já no caso 104, o enunciador faz uso do domínio do Ético para demonstrar uma moral externa, mas que serve à moral interna do argumentante. Dizer que a corrupção mata milhares de pessoas é usar de uma noção socialmente compartilhada para defender que não é certo acusar ou culpar Sérgio Moro, uma vez que ele teria combatido a corrupção. Há também a presença do domínio do Estético em “que feio” e do Hedônico em “que desprezível”, reforçando a discordância do enunciador. As definições usadas reforçam o domínio do Ético com vocábulos como “criminoso”, “condenado” e “inocente”, nos quais é possível identificar valores de honestidade e de justiça. Há também o uso do procedimento de citação, em que o enunciador retoma os Dez Mandamentos como forma de validar aquilo que diz, visando uma espécie de argumento de autoridade, já que, para os cristãos e católicos, tais mandamentos teriam sido escritos pelo próprio Deus.

No último exemplo, comentário 105, o domínio da Verdade é usado ao afirmar que “certas estão as profecias contidas no livro do Apocalipse” e “certamente que você é o ‘Papa Negro’”, ao se referir a Francisco. O domínio da Verdade diz respeito tanto “à existência dos seres em sua originalidade, sua autenticidade e sua unicidade, quanto o que pertence ao âmbito do saber como princípio único de explicação dos fenômenos do mundo” (CHARAUDEAU, 2014, p. 232). Assim, ao afirmar que as profecias do Apocalipse e de São Malaquias estão certas, o enunciador propõe que essas seriam o motivo pelo qual o “papa negro” estaria fazendo a Igreja Católica sucumbir. Este também é um exemplo de citação de um saber, uma vez que usa de alegações vindas de uma autoridade para os católicos, a Bíblia, a fim de reforçar sua visão de mundo.

Para analisar os procedimentos do Modo Argumentativo em comentários intolerantes de não engajamento a outros usuários, selecionamos os seguintes exemplos:

106. Começo a concluir q só viveremos em paz na hora q o lula for para o inferno. Até láserámentira, injúria só para livrar esse vagabundo da cadeia

107. Tu defende o Lula, acho que não tem um exemplo melhor de gado do que vc, agora não sei como é que vc consegue raciocinar enquanto pasta. Aliás acho que támais pra jumenta, deveras não háesquerdista provido de cérebro.

108. Jesus Cristo pregou a verdade, ele é o mestre. Homens falham, inclusive o Papa. PT, Lula e demais integrantes da quadrilha são fariseus, invejosos, mentirosos, falam uma coisa e fazem outra. Víboras, hipócritas, Judas, falsos.. não praticam o que pregam! Ladrões, corruptos...

109. Esquerdistas ateus desesperados!!! Usando até o Papa. Vão todos para o inferno!!

Além de ter sido utilizado em comentários de não engajamento contra o Papa, o domínio do Ético também foi usado no exemplo 106 para falar contra o ex-presidente Lula. Além de dizer

que estão fazendo uso de mentiras e injúrias para livrar o político da cadeia, o enunciador o chama de “vagabundo”, que envolve um julgamento baseado na moral interna, pertencente ao sujeito argumentante. Esse exemplo é concernente não apenas ao domínio do Ético, como também do Pragmático, uma vez que um vagabundo é alguém que não apenas pratica ações contra a moral da sociedade, mas também alguém que não tem utilidade dentro dela. Em 106 também é possível identificar o que Charaudeau define como composição linear quando EUE afirma que “começo a concluir que só viveremos em paz na hora que o Lula for para o inferno” e continua ao defender que “até lá será só mentira”, demonstrando uma ordem sequenciada da argumentação. No trecho “até lá será mentira, injúria só para livrar esse vagabundo da cadeia” há ainda o uso do procedimento de acumulação, afirmando que diferentes atitudes serão efetuadas para que Lula esteja fora da cadeia, e, por serem atitudes reprováveis como mentir e injuriar, o argumentante demonstra que tal liberdade também seria censurável.

Outro exemplo que também cita o ex-presidente Lula no discurso é o caso 107, que usa dos procedimentos discursivos da definição e da comparação para caracterizar TUD. Charaudeau afirma que a definição é usada com fins estratégicos e, neste caso, ao dizer que “não tem um exemplo melhor de gado do que você”, EUE ressignifica o significado de “gado”, normalmente empregado por quem critica o espectro político da direita. A comparação é feita explicitamente em “acho que tá mais pra jumenta”, mas também implicitamente em “não sei como é que você consegue raciocinar enquanto pasta”, ambas subjetivas e produzindo um efeito imagético. É possível também notar um elemento de transição do procedimento de composição linear no advérbio “agora”, usado, justamente, para transitar de um momento da argumentação para o seguinte.

Já em 108, os domínios da Verdade e do Ético são os mais presentes. Ao afirmar que Jesus “é o mestre”, EUE declara a autenticidade da identidade de Jesus e isso apresenta, implicitamente, a ideia de que a verdade a ser seguida é a ensinada por Cristo, e não pelo Papa. Os valores concernentes ao domínio do Ético podem ser vistos por meio da definição do PT, Lula e “demais integrantes da quadrilha”. Afirmar que estes são “fariseus”, “invejosos”, “mentirosos”, “víboras”, “hipócritas”, “judas”, “falsos”, “ladrões” e “corruptos” é demonstrar que falta honestidade e bondade a tais indivíduos. Sobre a definição, Charaudeau aponta ainda que ela não pode ser posta em causa, ou seja, não se refuta uma definição, por isso todas as qualificações usadas têm força argumentativa suficiente para causar um efeito de verdade absoluta.

Isso ocorre também em 109, em que EUe define um grupo como “esquerdistas”, “ateus” e “desesperados”. Apesar de tais qualificações serem, em sua natureza, relativamente imparciais por apenas definirem um grupo, não podem ser classificadas como pertencentes ao domínio da Verdade, uma vez que são mobilizadas não apenas para definirem uma classe, mas para expor a falta de moral de alguém que seria esquerdista e ateu. O sujeito argumentante mobiliza valores cristãos que irão causar revolta e discordância no TUi, se este compartilhar da mesma verdade que EUe.

Como exemplo de comentários de intolerância verbal de engajamento ao vídeo do Papa a serem analisados, temos:

110. Quanta ignorância. Que 500 milhões sua anta? Burra demais #CadeiaParaMoro #LULALivre
111. A bonequinha é tão imbecil que acha que uma pessoa que tenha um nível social melhor (q vcs imbecis chamam de ricos) não pode ser socialista. Babaca! Idiota!
112. Tomara que a burrice dos Bostominions não seja uma doença contagiosa!!!! [https://mobile.valor.com.br/brasil/6312235/nao-existe-caixa-preta-no-bndes-diz-paulo-rabello ...](https://mobile.valor.com.br/brasil/6312235/nao-existe-caixa-preta-no-bndes-diz-paulo-rabello...)
113. Você acha que terá? Defendendo milicianos, assassino e corruptos. Bando de gado sem nenhum pudor e vergonha.
114. Credo, você é um lixo humano... Infelizmente, o que escrevi a pouco para ti, depois desta, acho que até Deus vai desistir. Ódio acumulado dánisto, mas cuidado com doenças psicossomáticas que consomem o corpo e a alma, querida@s.
115. Essa mulher chegou no fundo do poço. Lixo. Triste e ver uma pessoa tão tonta falar mal de uma pessoa tão iluminada pra defender fascista. Mais o que é seu táguardado

No exemplo 110, os excertos “quanta ignorância”, “sua anta” e “burra demais” demonstram argumentos concernentes ao domínio do Pragmático por estarem a julgar o interlocutor como alguém incapaz de pensamento crítico, se tornando incompetente para a argumentação. O procedimento discursivo do questionamento é usado, de acordo com Charaudeau, para colocar em questão o interlocutor. O enunciador, ao questionar “que 500 bilhões, sua anta?”, provoca TUd para que tal questão seja elucidada e para que este comprove que não é uma “anta”.

Em 111 temos mais uma vez exemplos da ordem do Pragmático, com as definições “imbecil” e “idiota”, que também reafirmam a falta de capacidade do interlocutor para entender que aqueles que são chamados de ricos também podem ser socialistas. Já os qualificadores “babaca” e “idiota” são exemplos do domínio da Verdade, uma vez que tratam de características da existência de um ser. O uso do advérbio “tão” por parte do EUe para acusar o grau de imbecilidade do TUd reforça o argumento de que o interlocutor não consegue entender uma proposição pontuada pelo enunciador.

O exemplo 112, além de mobilizar o domínio do Pragmático usando o valor de “burrice”, também publica um hiperlink com uma matéria que afirma não haver “caixa preta” no BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Isso demonstra uma tentativa de argumentação por parte do enunciador para mostrar ao destinatário que determinado ponto de vista estaria equivocado. Entretanto, os xingamentos utilizados causam o afastamento imediato do interlocutor, que passa a enxergar a possível tentativa de argumentação apenas como uma ofensa, perdendo a visada dialógica do modo argumentativo. A noção de que a burrice seria uma doença contagiosa remete ao domínio Hedônico, criando o entendimento de que o sujeito argumentante menospreza o interlocutor por ser alguém desagradável.

O procedimento discursivo do questionamento é usado pelo EUE em 113 visando verificar um saber de TUd. Essa estratégia, de acordo com Charaudeau (2014, p. 242), ocorre quando os interlocutores se encontram em uma situação polêmica e é mobilizada pelo questionador visando demonstrar conhecimento da resposta, visando assegurar sua superioridade sobre quem é questionado. Independentemente do fato de que não é possível saber exatamente sobre o que o locutor se refere no questionamento, as definições usadas em “milicianos”, “assassinos”, “corruptos” e “bando de gado sem nenhum pudor e vergonha” geram efeito de saber, causando a impressão de resposta à própria pergunta. Tais definições são pertencentes ao domínio do Ético porque, mais uma vez, remetem à falta dos valores de honestidade, bondade e retidão.

Em 114, a definição “lixo humano” concerne a diferentes domínios de avaliação. Refere-se ao domínio do Hedônico porque o lixo é algo desagradável do qual o enunciador se mostra repellido pela interjeição “credo”; ao Pragmático, uma vez que “lixo humano” tem conotação de inutilidade, de alguém que representa a escória humana; e ainda ao domínio do Estético, já que o lixo remete a imagens de podridão, de algo fétido e sem beleza. Outro exemplo que também faz uso da imagem do lixo para compor a argumentação é o caso 115, em que o emprego de tal vocábulo serve para definir o TUd. O enunciador afirma ainda que “triste é ver uma pessoa tão tonta falar mal de uma pessoa tão iluminada”, causando uma comparação, ainda que não seja enunciada por uma sintaxe comparativa, entre o interlocutor, que seria tonto, e o Papa Francisco, que seria iluminado, exaltando o Pontífice enquanto menospreza o destinatário.

6.3 Dos imaginários sociodiscursivos

De acordo com Charaudeau, os imaginários sociodiscursivos são interpretações da realidade e podem ser considerados fundadores da identidade de um grupo (CHARAUDEAU, 2008, p. 204). Isso significa dizer que uma comunidade, independentemente de qual seja, partilha de determinadas visões de mundo que reforçam a identificação de seus membros, causando, ao mesmo tempo, aproximação destes e distanciamento de outros. Os imaginários sociodiscursivos estão, de acordo com o autor, “de tal modo assimilados pelos membros do grupo social que funcionam de maneira natural, como uma evidência partilhada por todos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 205) e podem “ascender à consciência quando uma situação parece questioná-los e, sobretudo, quando se trata de defini-los em relação ao outro estrangeiro: a confrontação com a alteridade provoca sempre uma tomada de consciência” (CHARAUDEAU, 2008, p. 205).

Para a análise dos imaginários sociodiscursivos, iremos nos apoiar em algumas noções propostas por Barros (2011) e Melo (2020) sobre as temáticas comumente abordadas pelo discurso intolerante. Barros (2011) propõe quatro temas principais: a animalização do outro; a antinaturalidade do diferente; o caráter doentio da diferença; a imoralidade do outro. Já Melo (2020) avança e afirma que, além das quatro temáticas apontadas, há também outras três: a associação do outro ao pecado; a demonização do outro; a ridicularização do outro.

Os discursos intolerantes que mobilizam o tema da animalização atribuem ao outro características animais, seja com atributos físicos ou comportamentais, designando-o como menos humano. A antinaturalidade trata o *eles* como anormal, fora do padrão, enquanto o *nós* ocupa uma posição naturalizada, de normalidade. A temática do caráter doentio é empregada pelo discurso intolerante em oposição à sanidade de corpo e mente, o diferente é tratado como doente e a doença é algo digno de vergonha e culpa. Barros (2011) afirma que “ao tema da saúde, somam-se, muitas vezes, características do discurso estético. Dessa forma, a doença é feia, é esteticamente condenável, e, por outro lado, ser feio ou gordo é doentio” (BARROS, 2011, p. 14). O discurso intolerante faz uso da imoralidade do outro para tratar da falta de ética do outro e, de acordo com Barros (2011, p. 15), pode incidir sobre diferentes assuntos, sejam eles relacionados à cultura do outro, à sexualidade, à raça, à religião etc. Para definir a temática da associação do outro ao pecado, Melo (2020) afirma que esta seria mobilizada por adeptos ou simpatizantes de uma religião e pode ocorrer tanto em função do interlocutor pertencer a um grupo segregado ou discriminado por causa dos dogmas religiosos

ou pelo conteúdo veiculado no discurso abordar uma polêmica dentro do âmbito religioso, caracterizando uma transgressão às leis divinas. Essa associação do outro ao pecado, quando levada ao máximo, tipifica a demonização do outro, que estaria possuído por espíritos malignos. A última temática proposta pela autora, a da ridicularização, é usada no discurso intolerante quando o outro é digno de zombaria por suas opiniões ou por sua própria identidade, sendo menosprezado por meio do deboche.

A partir destes apontamentos, entendemos que a intolerância verbal, assim como a polêmica, trata da oposição entre duas instâncias, o *nós* e o *eles*, *os outros* e *os iguais*, mas para além de uma oposição argumentativa, a intolerância se mostra como uma forma de negar e degradar a identidade e o discurso do outro, que passa a ser “não-humano ou animalizado, antinatural e anormal, doente, sem estética e sem ética”. (BARROS, 2011, p. 16)

Mesmo que se afaste da argumentação racional, a intolerância não deixa de ser uma expressão com fins argumentativos. Isso porque, com base nos imaginários sociodiscursivos que serão identificados a partir das temáticas acima, é possível notar o que Charaudeau (2008, p. 209) define como uma *força de verdade* nesses discursos. Para o autor, “o imaginário não pode não pretender testemunhar uma verdade e, conseqüentemente, todo imaginário é um imaginário de verdade que essencializa a percepção do mundo em um saber (provisoriamente) absoluto” (CHARAUDEAU, 2008, p. 205). Deste modo é possível afirmar que a intolerância verbal, por meio das temáticas manifestadas através dos imaginários sociodiscursivos, visa a um “crer verdadeiro” que não depende de evidências, mas da adesão e convicção dos sujeitos participantes, passando a ter um fim persuasivo.

O primeiro imaginário de que trataremos, e o mais mobilizado entre os comentários, será o de “comunista”. Em um primeiro instante, é importante também elucidar o porquê deste imaginário ser tratado neste trabalho como um tipo de intolerância verbal.

O termo “comunista” por si só não representaria uma ofensa, uma vez que apenas designa alguém que apoia o sistema político e econômico proposto pelo comunismo. Entretanto, com inúmeros acontecimentos violentos ao redor do mundo envolvendo governos comunistas e tentativas falhas de instauração do modelo em diferentes países, o comunismo passou a ser visto com maus olhos. Outro ponto a ser observado é que, para os católicos, ser comunista é motivo para a excomunhão desde que o Papa Pio XII publicou o chamado “Decreto contra o comunismo”, Santo Ofício veiculado em latim em 1 de julho de 1949.

Tal conotação negativa não se deu, entretanto, somente a partir dessa condenação por parte da Igreja Católica. João Cezar de Castro Rocha, professor titular de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em “Guerra cultural e retórica do ódio”, publicado em 2021 pela Editora Caminhos, afirma que há, atualmente no Brasil, uma guerra cultural bolsonarista que defende uma ameaça iminente de um golpe comunista. Para ele, essa noção se baseia em três pilares principais: a narrativa de “Ovriil”, a Doutrina da Segurança Nacional e a popularização da retórica do ódio, difundida por Olavo de Carvalho. Rocha afirma que

A ascensão da direita é anterior à emergência do bolsonarismo e favoreceu sua possibilidade de êxito. Em boa parte dos estudos acerca do fenômeno, o efeito é tomado como causa. O bolsonarismo não possibilitou o triunfo eleitoral da direita, mas, pelo contrário, a ascensão paulatina da direita, articulada desde meados da década de 1980, preparou a vitória do Messias Bolsonaro. (ROCHA, 2021, p. 27)

Em suma, então, Rocha (2021) propõe que essa noção de uma ameaça comunista não é recente, mas se dá continuamente desde a Ditadura Militar, em que os militares compilaram um documento de 953 páginas com todos os hipotéticos crimes de grupos comunistas brasileiros armados, nomeado de “Ovriil”⁴⁰, que é “livro” ao contrário. Eles afirmam que os comunistas tentaram tomar o poder três vezes entre 1922 e 1954, entre 1954 e 1964, e a última entre 1964 e 1974 e afirmam que ainda haverá uma quarta tentativa, feita por meio da infiltração nas instituições de cultura como a imprensa, a arte e as universidades, sendo considerada a mais perigosa, uma vez que visa moldar uma mentalidade característica do comunismo.

Diante da ameaça iminente e constante, Rocha (2021) explica a importância da Doutrina de Segurança Nacional para a chamada guerra cultural que tanto abomina o comunismo. Criada ainda na época da Guerra Fria com o intuito de proteger a soberania nacional contra ataques de outras nações, a Doutrina de Segurança Nacional foi adaptada do contexto em que um país poderia usar qualquer tipo de recurso para autodefesa, incluindo as polícias e Forças Armadas, em um contexto no qual uma ameaça interna, como os grupos comunistas, que estariam a serviço do comunismo internacional, também fossem perseguidos e eliminados. Essa eliminação pode se dar no nível simbólico, por meio do discurso da militância virtual, ou uma eliminação tangível que não precisa necessariamente ser física, mas, por exemplo, a nível

⁴⁰ Disponível em:

em: https://www.averdadesufocada.com/images/orvil/orvil_completo.pdf?fbclid=IwAR3QPxl7YJBuSizhfEcIaU2vq9OrnmiK7Uvq3pb6e1QYKloMpUysMwUwgow Acesso em: 22 jun. 2021.

profissional (a exemplo dos cortes de editais em Ciências Humanas⁴¹) ou até mesmo institucional (a exemplo de críticas ao Legislativo e Judiciário⁴²)

Por fim, o autor defende que o sistema de crenças que popularizou a chamada “retórica do ódio” é amplamente difundido por Olavo de Carvalho e capaz de potencializar ao máximo os elementos do Ovril e da Doutrina de Segurança Nacional. De acordo com Rocha (2021), a habilidade de transpor as noções expostas acima para a linguagem midiática dos sites de redes sociais faz com que Olavo se torne um agente ativo que fomenta a desqualificação, a anulação do outro no ciberespaço, que representa, na visão dos que seguem este pensamento, não apenas um adversário político, mas uma ameaça.

Por isso entendemos aqui que apontar o outro como “comunista” não significa falar de uma crença política e ideológica da pessoa, mas, sim, um julgamento sobre como aquele indivíduo se comporta: alguém que compactua com governos autoritários, que não respeita a propriedade privada, que representa uma ameaça iminente e que deve ser banido e repudiado pela Igreja Católica e por toda a sociedade. O imaginário sociodiscursivo de comunista retoma a classificação proposta por Barros (2011) de imoralidade do outro. Na visão do sujeito intolerante, alguém que adere aos ideais citados representa uma ameaça à boa convivência e isso por si justifica a intolerância.

Dentre todos os 289 comentários contendo discurso intolerante, 91 (noventa e um) mobilizaram o imaginário de comunista, sendo que 87 (oitenta e sete) foram direcionados ao Papa e 4 (quatro) foram direcionados a outros usuários. Alguns dos comentários direcionados ao Papa que empregaram este imaginário podem ser vistos, dentre vários outros exemplos, em:

116. Papa comuna
117. Papa COMUNISTAS FDP
118. Comunista de merda ...
119. seráque deus sabe que vc é COMUNISTA hein papa????
120. Vai tomar no teu cu papa comunista, tu envergonha Deus e a igreja
121. Vc é uma vergonha pro catolicismo, seu papa comunista!
122. Papa comunista..não sabe quem é o maior ladrão do Brasil.. defende Lula..
123. PAPA Comunista por favor o pior Papa da história , cuida dos assuntos da igreja e deixa o Bandido PILANTRA vagabundo do Lula la PRESO.
124. Que tempo nós vivemos, Papa Comunista! Faça um vídeo contra as Ditaduras Socialistas, duvido!!

⁴¹ Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/governo-bolsonaro-exclui-humanas-de-edital-de-bolsas-de-iniciacao-cientifica.shtml> Acesso em: 22 jun. 2021.

⁴² Ver em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-critica-o-stf-e-diz-que-brasil-e-um-barril-de-polvora> Acesso em: 22 jun. 2021.

125. Papa de merda, comunista, safado e sem vergonha!! Pra lamber as bolas de ditadores, ele sabe bem! A foto abaixo ilustra muito bem quem este canalha é de verdade!

126. Papa comunista.destruindo a igreja de dentro de seu seio.apoiador do assassino Maduro.Cala-se com as perseguições ao cristãos no mundo ,diga-se China e países islâmicos.Covarde.

127. Quem convida as FARC, via campesina e mst p partic d conferência global dos movimentos sociais promovido pelo vaticano em 2016, o q ele é? Comunista é apelido! Quem defende invasões de prop privada e diz ser repr d Cristo aqui na terra, engana a quem?

128. Cocomunista

Acusar o Papa Francisco de ser comunista levanta a problemática de que nenhum católico, de acordo com preceitos da própria Igreja, deve se associar a este movimento. Tal imaginário reforça o que foi postulado por Charaudeau sobre a mecânica de representações sociais, uma vez que a percepção de que o Papa seria comunista simplesmente por se opor a juízes parciais é compartilhada por todo um grupo social. Os usuários que fazem essa afirmação enxergam o posicionamento do Pontífice como uma manifestação explícita de discordância não apenas de Moro, mas de todo o governo Bolsonaro. Assim, uma vez que os internautas consideram o comunismo um mau sistema político e veem no atual governo representantes idôneos, íntegros, aqueles que se opõem passam a ser imorais, temática proposta por Barros (2011). Há também a associação do outro ao pecado, proposta por Melo (2020), uma vez que, sendo católico e estando a favor do comunismo, Francisco estaria cometendo um pecado.

Analisado como imaginário sociodiscursivo, o comunismo é o caso, como apontado por Charaudeau, de um saber de conhecimento, um construto teórico, que passou a ser visto, por aqueles que o mobilizam, como um saber de crença. Isso faz com que o comunismo seja entendido erroneamente como uma doutrina, que seria seguida cegamente por seus apoiadores. Os usuários que apontam seus interlocutores como sendo comunistas o fazem visando suscitar a imagem de que este seria um grupo sem pensamento crítico, incapaz de enxergar as atrocidades cometidas por governos comunistas ou que, mesmo tendo noção das falhas desse sistema, ainda o apoiam independentemente das consequências.

Os exemplos trazidos sobre o imaginário sociodiscursivo do comunismo são manifestações individuais dos usuários, mas nem por isso podem ser considerados saberes de crença de opinião relativa. Os identificamos como saberes de crença de opinião coletiva justamente por demonstrarem o pensamento de um grupo sobre um outro. Há também o caso em que esses dois tipos de opinião podem se mesclar, uma fortalecendo a outra, como no exemplo a seguir:

129. Estou deixando de ser católico por causa dessa merda de papa que não me representa como homem de Deus! Quem defende o comunismo tem que apodrecer atrás das grades!

Quando o enunciador, ao dizer “estou deixando de ser católico”, se posiciona no texto, está emitindo uma opinião relativa: se trata de um fato que diz respeito à opinião particular. Mas, afirmando que “quem defende comunismo tem que apodrecer atrás das grades”, ele também está marcando uma opinião coletiva, a posição de seu grupo em respeito ao comunismo: o nós pensa e defende que este ideal é grave o suficiente para que talvez o próprio Papa seja preso.

Um segundo imaginário que ainda se relaciona com este primeiro é o de esquerdista, visto como um campo social negativo em decorrência da associação da esquerda política ao comunismo. Podemos dizer que isso ocorre, de forma relativa, por causa dos mesmos motivos pelos quais o imaginário sociodiscursivo de comunista é acionado. A diferença parece ser no grau de ofensa: se houvesse uma escala com diferentes níveis, o comunismo seria o ponto mais extremo da esquerda política. Este imaginário foi mobilizado em 14 comentários, sendo que 8 (oito) foram direcionados ao Papa e 6 (seis) a outros usuários.

Ainda que uma forma menos grave de ofensa, “ser esquerdista” também é acionado de modo pejorativo nos comentários analisados. Mais uma vez, a associação que é feita é de alguém mal intencionado, mobilizando a temática da imoralidade. Os exemplos a seguir elucidam o que foi dito:

130. Hahahahahahah os esquerdistas satanistas que enfiam crucifixo no C. estão aqui reverenciando o papa. #MoroHeróiNacional
131. Esse papa é visivelmente esquerdista hahahahahahaha
132. Larga de ser burra filha. A carapuça serviu ? Ele não cita nomes! Ele tem uma agenda se vc não sabe. Retardada. Falar sobre justiça era o tema de julho vaca burrapic.twitter.com/TemrYBPaiG
133. Já vi esse mico antes ! É a cara da esquerda mentirosa, vagabunda e desinformada
134. Esquerdistas ateus desesperados!!! Usando até o Papa. Vão todos para o inferno!!
135. Tu defende o Lula, acho que não tem um exemplo melhor de gado do que vc, agora não sei como é que vc consegue raciocinar enquanto pasta. Aliás acho que tá mais pra jumenta, deveras não háesquerdista provido de cérebro.

Os comentários 130 e 131 são marcados por risadas dos enunciadores que, ao ridicularizarem os interlocutores, demonstram seu desprezo por aqueles que pensam de forma diferente. Em 132, ao afirmar que a interlocutora seria “retardada”, o enunciador ressalta o caráter doentio daqueles que se filiam ao campo da esquerda política, além de também nomear a mesma interlocutora de “vaca” e “burra”, mobilizando a temática da animalização por meio de

figuras que não são apenas animais, mas também representam xingamentos: vaca pode ser sinônimo de prostituta e burra faz referência a alguém ignorante ou de pouco conhecimento. A imoralidade é retomada para tratar da esquerda em 133 e 134 e pode ser identificada em qualificadores como “mentirosa” (caso 133), “vagabunda” (caso 133) e “ateus” (caso 134), em que os enunciadores demonstram que essas características não condizem com o *nós*. Em 134 é possível ainda reconhecer a associação do outro ao pecado no excerto “vão todos para o inferno”, confirmando a ideia de que, por estarem em um grupo ideológico opositor, os “esquerdistas” estariam transgredindo leis divinas. Em 135 também podemos identificar a animalização do outro. O alvo do discurso intolerante seria alguém tão incapaz do raciocínio lógico que seria uma “jumenta”, associando o interlocutor a um animal. Ao afirmar ainda que essa pessoa seria “gado”, ao dizer “não sei como é que você consegue raciocinar enquanto pasta”, o enunciador demonstra desacreditar das capacidades mentais de seu interlocutor e isso se dá pelo fato apenas de estarem em grupos diferentes.

Este último exemplo abre espaço para tratarmos do imaginário de “gado”. Assim como os outros dois imaginários citados, há um caráter identitário notável neste caso. Mas, diferentemente dos anteriores, nesta situação as noções mobilizadas para formação do imaginário sociodiscursivo não são mais contra a esquerda, mas contra a direita política. O imaginário sociodiscursivo de gado foi mobilizado em 15 (quinze) comentários, sendo que, dentre esses, 12 (doze) foram utilizações em respostas de engajamento, ou seja, comentários que usaram o imaginário de gado para apoiar a mensagem de Francisco, e as outras 3 (três) ocorrências foram em comentários de não engajamento, que mobilizaram o imaginário de gado para se opor à mensagem do vídeo.

Desde a época da eleição presidencial de 2018, aqueles que se opõem à política de Jair Bolsonaro, atual presidente, têm chamado seus apoiadores de “gado”, em alusão a uma pessoa que é facilmente enganada, persuadida. No sentido mais politizado, gado também seria alguém que segue aquilo que é dito pelos “superiores” sem questionamentos, assim como faz um rebanho sendo guiado por um vaqueiro. É possível, então, inferir que a temática da animalização irá perpassar todos os comentários intolerantes que mobilizarem o imaginário sociodiscursivo de gado, uma vez que um comportamento animalóide é atribuído a todo um grupo social.

Algumas das respostas que tratam os interlocutores como “gado” podem ser vistas a seguir:

136. Você acha que terá? Defendendo milicianos, assassino e corruptos. Bando de gado sem nenhum pudor e vergonha.
137. Para esses doidos Jesus defende armas, milicias, assassinatos, pobreza, mentira, etc. Bando de gado que fazem o papel do djabo.
138. Bando de gado defensores de milicianos, assassinos e corruptos. Não perdoam nem o Papa e ainda se dizem cristãos.
139. não somos obrigados a gostar de tudo, não eh um pacote fechado, ao contrario de vcs bolsogados que fazem malabarismos pra defender qualquer bosta do seu mitinho
140. A realidade já tá visível pra todos a algum tempo, agora mais do que nunca. Mas com gado não dá pra discutir ou argumentar, pq gado não pensa, gado não entende a função de um juiz e chama de herói, o papa vem explicar e mesmo assim não entende...
141. Triste é ter UMA GADO dessa defendendo JUIZ LADRÃO, POLÍTICO MILICIANO SAFADO E UMA CORJA DE CORRUPTOS VESTIDOS DE SANTOS... Vai PASTAR, querida...

Há, da mesma forma como nos imaginários acionados anteriormente, uma separação entre dois grupos diferenciados tão profundamente que não há diálogo possível. Neste caso, o *eles* é representado como bandidos ou contraventores, ou seja, um grupo capaz de defender práticas vistas pelo *nós* como prejudiciais e ruins para a sociedade, como assassinato, formação de milícia, mentira, corrupção, etc. Mais uma vez os saberes acionados na construção deste imaginário são os saberes de crença, por expressarem a visão subjetiva de mundo do EUE.

Nos três primeiros exemplos, 136, 137 e 138, não há um posicionamento direto do enunciador no discurso: o internauta pretende um apagamento de si, buscando uma aparente objetividade, mas é possível identificar julgamentos de valor que almejam construir uma visão do mundo “como ele é”. Afirmar que o interlocutor não tem pudor ou vergonha por defender milicianos, assassinos e corruptos, que não perdoa nem o Papa e que faz papel do “djabo” (caso 137) pelo mesmo motivo comprova a noção de que EUE discorda e reprova a forma de pensar do *eles*, condenando suas atitudes. Tais críticas ressaltam o caráter imoral do grupo opositor, além da temática de animalização já identificada em todos os comentários do imaginário em questão. Em 137, ao afirmar que “para esses doidos, Jesus defende armas”, EUE demonstra entender que o *eles* não é apenas imoral por pensar de forma diferente, mas também é doente por ser assim. A temática do caráter doentio é mobilizada para evidenciar que falta sanidade a quem se opõe às ideias do *nós*, passando a ser gerador de vergonha ou culpa no interlocutor. Há ainda a temática da associação do outro ao pecado vista no trecho “não perdoam nem o Papa e ainda se dizem cristãos” (caso 138), demonstrando a visão do enunciador de que aqueles que são adeptos do cristianismo deveriam seguir o que Francisco diz. Em 137 podemos identificar também a temática da demonização do outro, em que a associação ao pecado é levada ao maior grau possível. Ao dizer que todo o “bando de gado” faz o papel do “djabo”, o

enunciador demonstra que esta forma de pensar e agir é tão grave que tais indivíduos estariam se comportando da mesma forma que o próprio diabo, conduta extrema que precisa ser censurada, justificando o uso da intolerância. Os três exemplos citados tratam de um saber de crença de opinião relativa porque, apesar de visarem uma construção de mundo imparcial, trazem a visão pessoal de mundo do enunciador.

No exemplo 139, o enunciador faz uso explícito do *nós*, mobilizando um saber de crença de opinião coletiva, diferenciando o grupo do qual faz parte do outro justamente com o argumento de que *eles* defendem qualquer posicionamento que venha de alguém do mesmo grupo. Este é um ponto em que se explicita uma diferença entre os imaginários sociodiscursivos de comunista/esquerdista e de gado.

Notamos que os imaginários de comunista e esquerdista são constituídos englobando toda a formação política que é intitulada como esquerda. Não há uma diferenciação aparente entre grupos dentro da esquerda. O entendimento é de que todos da esquerda são comunistas, todos apoiam o ex-presidente Lula e todos não se importam com a corrupção no Brasil. Em contrapartida, o imaginário de gado demonstra, de certa forma, mais moderação. Há, sim, generalizações como a ideia de que este grupo seria apoiador de milícias, mas elas parecem mais direcionadas ao grupo específico de apoiadores do atual presidente, identificados como gado, aparentando deixar outros grupos dentro da direita política de fora deste imaginário. Isso pode ser um indício de que há a percepção de um movimento político que extrapola a direita política: o bolsonarismo, visto e intitulado por muitos como um movimento de extrema direita. Essa resposta intolerante em direção ao gado pode ser compreendida também como uma resposta à intolerância já existente: se *nós* somos comunistas e esquerdistas, *eles* serão gado; se *eles* são antipetistas, *nós* seremos antibolsonaristas. Seria possível, então, talvez, afirmar que o grupo que aciona os imaginários de comunista e esquerdista generalizam mais o *eles* do que o grupo que aciona o imaginário de gado, que trata dessa forma apenas aqueles usuários que defendem ferrenhamente o atual presidente, Jair Bolsonaro.

Em 140, o imaginário sociodiscursivo de gado que mobiliza a temática da animalização fica ainda mais evidente. Afirar que não é possível discutir ou argumentar com tal grupo justificando que *eles* não pensam indica a falta de raciocínio lógico do animal, neste caso representado pelo coletivo gado. Ao citar o Papa, há ainda uma referência a um comportamento possivelmente pecaminoso, mobilizando a temática da associação do outro ao pecado por não compreenderem e respeitarem um posicionamento do próprio Papa. Neste

caso, a generalização de todos que são gado como indivíduos desprovidos de pensamento revela um misto de opinião relativa e opinião coletiva, uma vez que apresenta um juízo particular do EUE, mas que o expressa em relação ao grupo opositor como um todo, tendo também um caráter identitário como possível justificativa para o uso da intolerância.

O último exemplo do imaginário de gado é o comentário 141. Apesar de não se posicionar explicitamente no discurso, o enunciador expressa uma opinião relativa ao dizer que “triste é ver [...]”, demonstrando um sentimento particular. A temática da imoralidade é facilmente identificada nos qualificadores “ladroão”, “miliciano safado” e “corruptos vestidos de santos”, pelos quais EUE expõe sua discordância para com o interlocutor que estaria defendendo tais grupos. A noção de animalização também é exemplificada pela injunção “vai pastar”, em que o enunciador impõe uma atitude animalesca a um destinatário humano, rebaixando-o a uma posição desumanizada.

O imaginário que iremos tratar a seguir é o da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco. Em decorrência do contexto sócio-histórico-político brasileiro, a corrupção é um dos temas frequentemente mobilizados nas discussões políticas e é tida, muitas vezes, como o maior problema a ser enfrentado pelos brasileiros na atualidade. Aqueles que não se posicionam veementemente contra tal transgressão passam a ser vistos como apoiadores e defensores de corruptos, sendo também, por vezes, caracterizados como tal. Dentre as respostas intolerantes, identificamos 18 (dezoito) que mobilizam o imaginário sociodiscursivo relacionado à corrupção, sendo 14 (quatorze) direcionados ao Papa e 4 (quatro) a outros usuários

Um dos motivos que pode ter contribuído para a formação do imaginário da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco é a ideia de que essa conduta, a partir dos escândalos como o Mensalão e o Petrolão, era prática comum ao PT, apesar de terem sido esquemas que envolveram inúmeros outros partidos. Por causa dessa ideia que passou a ser difundida, em parte, visando gerar um movimento de antipetismo e antilulismo (SINGER, 2009), o entendimento de que todos daquele partido eram corruptos se alastrou e ficou enraizado no imaginário de grande parte da sociedade brasileira. Esse sentimento de urgência pelo combate à corrupção foi também a principal pauta responsável pela deposição da ex-presidenta Dilma Rousseff e acabou se estendendo a todos da esquerda por generalização, o que pode explicar o emprego do imaginário de corrupção como crítica possível à mensagem veiculada no vídeo de Francisco de que a justiça deve ser imparcial.

Alguns dos exemplos identificados são:

142. Papa comunista..não sabe quem é o maior ladrão do Brasil.. defende Lula..
143. PAPA Comunista por favor o pior Papa da história , cuida dos assuntos da igreja e deixa o Bandido PILANTRA vagabundo do Lula la PRESO.
144. Não acredito, até o Papa é corrupto, em que planeta ele mora? 500 bilhões de desvio e esse cidadão a favor dos corruPTos, fim de mundo.
145. Parece que o juiz MORO que é o CRIMINOSO e o condenado o inocente! Q feio! Q desprezível. O sr. esqueceu dos 10 mandamentos: roubar e matar e pecado MORTAL. Corrupção MATA faz sofrer e mata milhões de pessoas de forma anonima e silenciosa. Cada um é que sabe as agruras que passa.
146. @Pontifex vai arder no fogo do inferno defendendo um Bandido que roubou o sonho de uma geração de crianças pobres.
147. Papa de MERDA!!!! Defensor de CORRUPTO que lesa, dentre outras tantas canalhices, 500 BILHÕES de reais que podiam estar sendo usados em hospitais, por exemplo, seu imundo!!! Pessoas morrem por causa de corrupção seu MERDA. Que o CAPETA te receba no inferno!
148. Olha só o estuprador defendendo corruptos... Nada de anormal.
149. Igreja de corruptos, nunca terão meu respeito. Vai vender terreno no céu. Pedófilos

Assim como o imaginário sociodiscursivo de gado mobiliza, de forma inerente, a temática da animalização, o imaginário da corrupção tem como constituinte a temática da imoralidade. Isso porque, para tratar de alguém que apoia este crime, é necessário tratar também de sua índole ou da falta dela. Mesmo que os comentários acima listados estejam se referindo ao Papa, os enunciadores, por considerarem que os posicionamentos do Pontífice não condizem com o papel por ele ocupado, acusam-no de apoiar a corrupção, como nos comentários 142 e 143, em que o ex-presidente Lula é citado como exemplo de pessoa corrupta.

Além da temática da imoralidade do outro, foi possível identificar ainda a associação do outro ao pecado em 145. quando o enunciador afirma que o Papa teria se esquecido dos Dez Mandamentos e que roubar e matar são pecados mortais. Tal acusação fica ainda mais grave por estar direcionada ao Papa, alguém que deveria ser modelo para os católicos de todo o mundo, o que comprova o uso da temática da imoralidade do outro. Neste caso, o imaginário de corrupção passa a ser um exemplo não apenas de imoralidade, mas é vista também como uma atitude que fere os princípios de religiosidade que deveriam ser defendidos pelo maior representante da Igreja Católica. Acusar o Papa de defender alguém que é corrupto pode sensibilizar um interlocutor católico mais profundamente do que a acusação de ser comunista, intensificando a argumentação de que o Pontífice não deveria manter tal posicionamento.

Nas respostas 146 e 147, além da imoralidade presente em excertos como “bandido que roubou o sonho de uma geração de crianças pobres” (caso 146) e “defensor de corrupto” (caso 147), é possível identificar a temática da demonização do outro. Dizer que o Papa “vai arder

no fogo do inferno”, e esperar que “o capeta [o] receba no inferno” demonstra a certeza por parte dos enunciadores de que, além de serem imorais, as atitudes de Francisco de defender aqueles que seriam corruptos são tão negativas que o levarão à punição mais grave para os cristãos.

A última temática identificada entre os comentários intolerantes que mobilizam o imaginário de corrupção direcionados ao Papa é a da antinaturalidade, que aparece pela primeira vez na análise dos imaginários. Ao tratar o Papa como estuprador (caso 148) e dizer que membros da Igreja Católica são pedófilos (caso 149), os enunciadores apontam atitudes que vão contra a natureza dos sacerdotes católicos, que devem zelar pelo bem-estar das crianças e pelo celibato imposto à posição que ocupam. Em 148, EUe afirma ainda que não há “nada de anormal” em o Papa, que seria estuprador, defender alguém que é corrupto. Isso demonstra uma profunda crítica não apenas a Francisco, como também a todos os padres da Igreja, que passam a ser vistos como estupradores e defensores de corruptos.

Há ainda os casos em que o imaginário de corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco é mobilizado em comentários de intolerância verbal dirigidos a outros usuários, como nos exemplos a seguir:

150. Cadê o dinheiro? Vai, sumir com um quarto do PIB nacional sem ninguém saber onde tá o dinheiro é foda, principalmente que Lula foi preso por um triplex que nem 1 milhão devia valer, então cadê o resto? Você acredita em papai Noel Também? CADE O DINHEIRO, SUA GADO DO CARALHO

151. Mas ele está defendendo um juiz que defende a verdade e não corruptos hipócritas..

152. Ainda se diz cristã está retardada mental. MEO DEOS . COMO PODE. UM papa falar em justiça e dizer que Jesus não faz acordo com a mentira e a injustiça só pode ser comunista apoiador de molusco e criminoso.

Em 150, a imoralidade do outro é expressa por meio de questionamentos em que o enunciador demonstra saber que houve desvio de dinheiro público e que uma quantia imensa como “um quarto do PIB nacional”, em referência ao produto interno bruto (PIB), deve estar em algum lugar. Os questionamentos são direcionados a TUd porque, mesmo sem que este saiba a resposta, há a intenção de causar reflexão no interlocutor, que deveria também começar a indagar onde estaria todo esse dinheiro para deixar de ser “gado”. Neste caso, o enunciador faz uso de um imaginário já analisado, o de gado, para se referir a alguém que, na visão do EUe, não teria senso crítico e estaria ignorando um caso grave de corrupção.

No comentário 151, o enunciador demonstra compreender a mensagem do vídeo publicado no Twitter do Papa Francisco, dizendo que o Pontífice estaria defendendo um juiz que prega a verdade. Para fazer isso, no entanto, EUe cria uma oposição entre o conteúdo da mensagem e “corruptos hipócritas”, sugerindo que quem é corrupto não estaria contemplado pela necessidade de uma justiça imparcial, como foi proposto por Francisco. Dessa forma, o enunciador ressalta o caráter imoral do *eles*, que não merece ser defendido pelo Papa.

Já em 152, além da temática da imoralidade, intrínseca ao imaginário sociodiscursivo de corrupção, é possível notar duas outras. No excerto “ainda se diz cristã esta retardada mental” são mobilizadas as temáticas do caráter doentio e da associação do outro ao pecado. Isso porque definir alguém como “retardada mental” é um argumento capacitista, que visa caracterizar o indivíduo como menos capaz por uma condição mental desviante daquela tida como padrão. A temática da associação do outro ao pecado é feita de maneira implícita no trecho “ainda se diz cristã”, uma vez que, para o enunciador, TUd estaria indo contra os preceitos do cristianismo por apoiar “molusco e criminoso”.

O último imaginário sociodiscursivo que identificamos como recorrente entre os comentários de intolerância verbal foi o da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, encontrado em 14 das respostas intolerantes. Em função dos inúmeros casos de abuso sexual contra menores cometidos por membros ordenados da Igreja Católica⁴³, há uma ideia generalizada de que a instituição tem amenizado os episódios e evitado punir os culpados. Em 2013, já no pontificado de Francisco, foi criada uma comissão⁴⁴ específica dentro da Igreja para lutar contra o abuso de crianças e para oferecer ajuda às vítimas, o que indica que esses escândalos realmente têm preocupado a instituição.

Por se tratar de uma condição psicopatológica, a pedofilia em si não é um crime, mas um

transtorno psiquiátrico agrupado no universo das parafilias que são comportamentos ou fantasias sexuais recorrentes e intensos envolvendo objetos, atividades ou situações incomuns, e responsáveis por um sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional do indivíduo (ANDRADE, 2020, n. p.)

Isso significa que tal “preferência”, apesar de extremamente condenável na atualidade, só passa a ser suscetível de punição quando externalizada em algum crime já tipificado no

⁴³ Ver em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/08/22/interna_internacional,982556/relembre-os-escandalos-de-pedofilia-na-igreja-catolica.shtml Acesso em: 01 jun. 2021.

⁴⁴ Ver em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131205_papa_comite_abuso_sexual_mm Acesso em: 01 jun. 2021

Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) ou no Código Penal brasileiro, como estupro, corrupção de menores, exploração sexual, assédio, produzir ou armanezar pornografia envolvendo criança ou adolescente, dentre outros⁴⁵.

É por este motivo que, ao tratar do imaginário da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, as temáticas mais abordadas foram a antinaturalidade, o caráter doentio, a imoralidade do outro e a associação do outro ao pecado. A pedofilia é amplamente vista como uma prática que vai contra a natureza humana de proteger e zelar pelo bem das crianças, entendida como profundamente censurável, uma vez que os alvos não podem proteger a si mesmos e, em diversos casos, não possuem o discernimento necessário para entender a gravidade da situação.

Todos os comentários que mobilizaram o imaginário da pedofilia foram direcionados ao Papa ou fizeram menção a membros ordenados da Igreja Católica, como padres e bispos, sem implicar que outros usuários do site Twitter poderiam também ser pedófilos. Isso se deve, novamente, aos inúmeros casos de abuso sexual de crianças por parte de membros da Igreja. As respostas em que este imaginário foram identificados são:

153. O papa deve estar se referindo a ele mesmo, julgando os padres pedófilos...
154. Vai cuidar dos pedófilos da sua igreja!
155. Papa vai cuidar dos padres comedores de criancinhas!
156. O senhor @Pontifex_pt deveria se preocupar com o "Clero come cu" que existe nessa igreja católica. Jáavisaram a ele que a idade média jápassou e pouco importa o que a igreja católica pensa?
157. Que video bacana, Papa. Agora faz um mostrando a pedofilia na igreja. Mas tem que mostrar o adulto segurando uma foto dele quando criança sendo estuproado pelos padres, ok? Saudades do Papa João Paulo II. #SomosTodosMoro
158. Papa não dáconta nem de resolver os problemas dos "padres" molestadores de coroinha, e quer resolver os problemas do brasil!
159. Sonhamos que os padres tbm deixem de ser cachaceiros e alguns pedófilos
160. O Papa poderia cuidar de sua igreja que jáé corrupta e pedófila o suficiente para ter milhoes de posts contra esses temas. Deixa politica e direito para quem de fato deve cuidar...
161. Ki bosta, maldito papa da Idolatria e da mentira, chefe de uma igreja morta, corrupta, nefasta, manchada de sangue inocente, de milhares de crianças vítimas de pedofilia, cometidas por padres e bispos psicopatas,- não tem nenhuma propriedade pra criticar o herói @SF_Moro
162. Papa, como todo o respeito, vátomar no meio do seu cu! Vácuidar do monte de padres pedófilos espalhados mundo afora.
163. ESSE É O CHEFE DOS PEDÓFILOS E ESTUPRADORES DE CRIANÇAS
164. um pedófilo, corrupto, assassino acha q tem moral

⁴⁵ Disponível para consulta em: <http://turminha.mpf.mp.br/explore/direitos-das-criancas/18-de-maio> Acesso em: 10 jun. 2021.

As temáticas da antinaturalidade e do caráter doentio são identificadas em todos comentários, a exemplo de excertos como “padres pedófilos” (casos 153 e 162), “padres comedores de criancinhas” (caso 155), “clero come cu” (caso 156), “‘padres’ molestadores de coroinha” (caso 158), “pedófilos e estupradores de crianças” (caso 163), etc.

No exemplo 153, o enunciador faz uma referência direta ao conteúdo do vídeo, que fala da imparcialidade dos juízes, afirmando que o Papa estaria falando de si ao julgar os casos dos “padres pedófilos”. Em 154 e 155 a referência ao Pontífice é feita por meio do comportamento alocutivo, mobilizado para demonstrar uma posição de superioridade por parte do enunciador em relação ao Papa: os sujeitos enunciadore s têm a capacidade de ver que há casos de pedofilia dentro da Igreja e que isso não é natural nem sadio, por isso ordenam que Francisco cuide de tal problema. O mesmo ocorre em 156, em que o caráter antinatural e doentio é ressaltado pelo EUE ao propor que a preocupação do Pontífice deveria ser com o “clero come cu”, afirmando que hoje em dia “pouco importa o que a Igreja Católica pensa”, demonstrando que a mensagem do vídeo pedindo por uma justiça imparcial não é levada em consideração por todos.

Outra temática muito mobilizada foi a associação do outro ao pecado. Levando em consideração que os comentários tratam de servos da Igreja, qualquer comportamento desviante sempre será associado ao pecado, acusando uma falha desses fiéis para com a crença religiosa. Afirmar que o Papa deve fazer um vídeo “mostrando a pedofilia na igreja” (comentário 157) demonstra a certeza por parte do enunciador de que este comportamento está entranhado na própria Igreja ao invés de ver o problema como específico de alguns sacerdotes. Em 161, ao declarar que Francisco seria um “maldito Papa da idolatria” e chefe de uma Igreja “manchada de sangue inocente”, EUE resalta práticas do catolicismo vistas, por outras denominações cristãs, como pecaminosas. Isso também pode ser visto na resposta 163 em que o enunciador propõe que “esse”, pronome demonstrativo para se referir a Francisco, “é o chefe dos pedófilos e estupradores de crianças”, induzindo o entendimento de que o atual Papa não apenas sabe dos casos de pedofilia, mas ainda os chefia, sendo responsável por tudo que acontece. A confirmação de que a pedofilia é identificada pelos católicos como pecado pode ser feita por pregações do próprio Cristo, que afirmou ser das crianças o Reino dos Céus (Mateus 19:14) e que quem recebe bem uma criança, está recebendo também o próprio Deus cristão (Mateus 18:1-8, Marcos 9:36-37).

Dentre os comentários que mobilizam o imaginário sociodiscursivo da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, há também alguns que fazem uso da temática da imoralidade por meio de nomeações e qualificações. Em 159, a relação de paralelismo entre padres que seriam “pedófilos” e “cachaceiros” demonstra que, além de ter caráter antinatural, doentio, de associação ao pecado, a pedofilia também pode ser vista como um exemplo de imoralidade. O mesmo é visto em 160, em que EUE acusa a Igreja de ser corrupta, em 161, em que a instituição é definida como “morta, corrupta, nefasta, manchada de sangue inocente”, e em 164, em que o Papa é acusado de ser pedófilo, corrupto e assassino. Nos quatro casos citados a temática da imoralidade aparece como recurso para reforçar as outras já analisadas, amplificando a força argumentativa desse imaginário como uma imagem generalizada que se impõe também a outros membros da Igreja, mesmo que não tenham relação com os casos de pedofilia.

Os imaginários sociodiscursivos que analisamos foram os mais recorrentes entre os comentários que contêm intolerância verbal, mas isso não significa que são a totalidade de ocorrências. Optamos por tratar das temáticas que mais se repetiram porque, como proposto por Charaudeau, os imaginários são socialmente partilhados e tal recidiva representa, conseqüentemente, os principais imaginários que estão incutidos na sociedade. A partir da análise desses cinco imaginários sociodiscursivos identificados, elaboramos o seguinte gráfico, que visa sintetizar as ocorrências e a tipologia dos discursos que foram mobilizados em cada um:

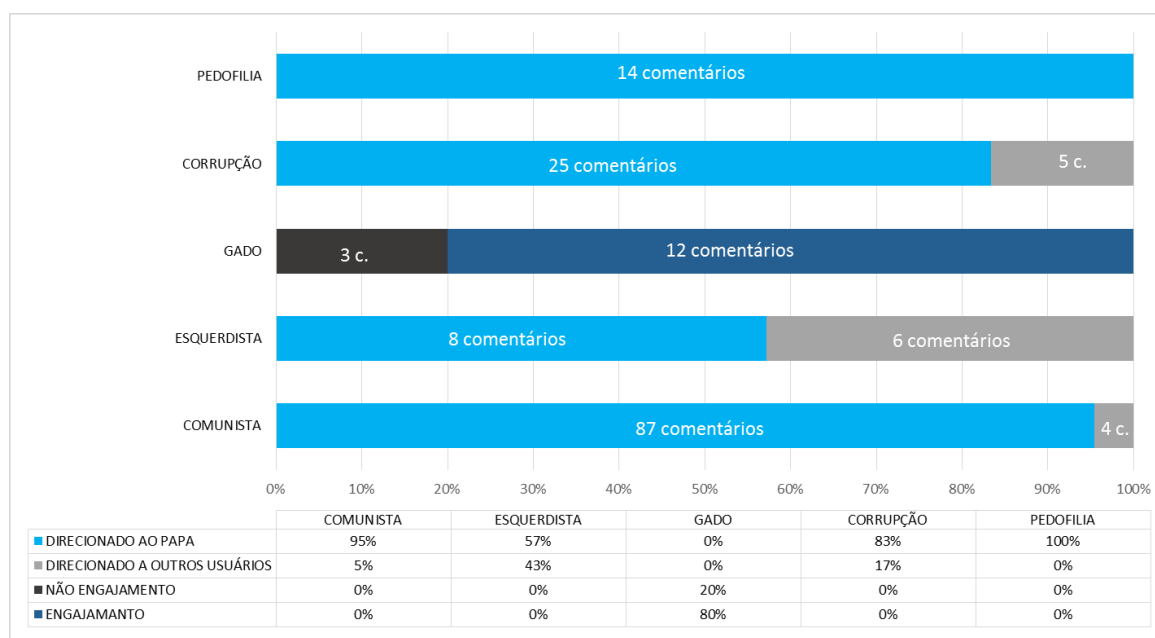


Gráfico 3- Recorrência dos imaginários sociodiscursivos
Fonte: elaboração própria

Em suma, a partir do gráfico acima, notamos que o único imaginário sociodiscursivo que visou um único sujeito foi o da pedofilia. Em sua totalidade, os 14 comentários que mobilizaram este imaginário foram direcionados ao Papa Francisco. Isso se deve, como mencionamos, ao fato de que os casos de pedofilia e abuso sexual praticados contra menores por parte de membros ordenados da Igreja Católica se tornaram de conhecimento público, propagando a ideia de que tal prática seria cometida por padres.

Os demais imaginários sociodiscursivos foram identificados em exemplos de duas tipologias diferentes. O imaginário da corrupção foi usado em respostas intolerantes em direção ao Papa e também a outros usuários. Quando mobilizado em direção ao Papa, as 25 (vinte e cinco) respostas representaram 83% (oitenta e três por cento) deste imaginário, enquanto os comentários direcionados a outros usuários representaram 17% (dezessete por cento) com as 5 (cinco) ocorrências identificadas. Isso significa dizer que ainda que a noção de que a corrupção é um problema social brasileiro e que deve ser combatido por todos esteja presente, este imaginário foi mais mobilizado em relação ao Papa. Um motivo para este acontecimento é, possivelmente, porque o pedido inicial pela imparcialidade da justiça partiu da publicação do Pontífice, o que pode ter possibilitado uma interpretação de que Francisco estaria defendendo algum indivíduo alvo de parcialidade por parte de juízes, como o ex-presidente Lula.

O imaginário sociodiscursivo de gado foi mobilizado apenas em comentários direcionados a usuários da internet que não são o Papa. Dividimos esta ocorrência na tipologia já usada de engajamento e não engajamento porque, como expressão direcionada a outros usuários, há comentários que usam a representação de gado como alguém que discorda da mensagem do vídeo (comentários de engajamento) por concordar sem questionar os posicionamentos de Bolsonaro e Moro e outros que mobilizam a ideia de gado para tratar de quem não teria senso crítico o suficiente para perceber que a mensagem do Papa estaria criticando, ainda que indiretamente, toda a Operação Lava-Jato. As expressões de engajamento foram maioria, com 12 (doze) ocorrências, o que representa 80% (oitenta por cento) dos comentários que fizeram uso do imaginário de gado. Já as respostas de não engajamento foram somente três, totalizando 20% (vinte por cento) das ocorrências em que o imaginário de gado foi utilizado.

O imaginário de esquerdista foi acionado em relação ao Papa e em relação a outros usuários como expressão de não engajamento. Isso significa dizer que apenas quem se opôs à

mensagem veiculada na publicação mobilizou este imaginário. Das 14 ocorrências, 8 (oito) foram direcionadas ao Papa e 6 (seis) foram direcionadas a outros usuários.

Dentre os cinco imaginários sociodiscursivos identificados, o mais utilizado foi o de comunista. Responsável por 32% (trinta e dois por cento), a partir das 91 (noventa e uma) ocorrências, dos comentários em um universo de 289 respostas intolerantes, o imaginário de comunista passou a ser usado como um sinônimo de qualquer pensamento que destoe da noção pré-concebida de sociedade e justiça de alguns usuários. Em relação aos usuários do Twitter de forma geral, este imaginário foi usado apenas em 4 (quatro) ocorrências e todas elas em comentários de não engajamento, ou seja, comunistas são aqueles que se engajaram à mensagem publicada por Francisco. A grande maioria dos 91 casos foi direcionada ao Papa. Isso demonstra que o imaginário de comunista, como vimos na análise, não visa refutar um ideal que esteja ligado a este modelo político, mas visa rotular o sujeito alvo do discurso como alguém que apoia o autoritarismo, que deve ser banido e repudiado pela Igreja e por toda a sociedade.

Levando em consideração a exploração dos cinco imaginários sociodiscursivos citados e ainda o fato de que nossas análises se basearam no contexto de polarização política da sociedade brasileira, consideramos relevante também salientar que apenas um imaginário foi direcionado ao grupo de não engajamento, que discordou da mensagem do vídeo publicado no Twitter do Pontífice. O imaginário de gado foi o único usado com recorrência como referência àqueles que discordaram da publicação, o que pode demonstrar que, em algum nível, a intolerância verbal é menos recorrente entre os usuários que apoiam a mensagem do Papa Francisco. Esta noção é fortalecida não apenas pela análise dos imaginários, mas também pelos dados do gráfico 1 que nos possibilitou notar, dentre os 289 comentários selecionados, uma baixa porcentagem deste tipo de resposta (50 ocorrências, um total de 17%).

Evidenciamos ainda que as análises aqui realizadas não pretendem assegurar um caráter absolutista de verdade, mas sim uma possível interpretação dos comentários identificados como intolerantes, visando uma modesta contribuição para os estudos do discurso na instância de recepção, espaço em que se encontra nosso objeto de estudo.

CAPÍTULO 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que cada pesquisa realizada na área da linguagem contribui para que os fenômenos sociais atuais se tornem mais evidentes. Aprofundar os conhecimentos sobre as estruturas e relações na internet é, na contemporaneidade, aprofundar também os estudos sobre a sociedade em si. E como neste espaço o anonimato e a liberdade de expressão se tornaram bases constituintes, muitos usuários acreditam poder dizer tudo aquilo que desejam sem que sejam punidos por seus atos. A noção de liberdade de expressão vem do Liberalismo, que visava garantir a participação política de todos, mesmo que fossem minorias. Hoje em dia, porém, essa liberdade de expressão tem sido usada como argumento justamente para oprimir as minorias.

O ciberespaço deu, de acordo com Recuero (2015), superpoderes à violência simbólica. Isso não significa que a intolerância e a violência verbal tenham sido originadas na internet, mas esta deu força para tais formas de manifestação.

A noção de que a internet constitui um espaço público para debate das mais diferentes ideias garante que internautas usem dessa liberdade para expor suas preferências individuais, entretanto isso não garante que os usuários não possam ser responsabilizados por suas condutas no ciberespaço, uma vez que estão submetidas às leis públicas. Ainda que careça de legislação específica, visto que, no Brasil, o Marco Civil da Internet é recente, a internet não é “terra de ninguém”, já que as leis do offline também se aplicam à internet, portanto, casos como discurso de ódio caracterizado por ameaças, racismo, intolerância religiosa, LGBTfobia, etc., podem ser punidos de acordo com as regulamentações brasileiras já existentes.

Isso, entretanto, não parece ser suficiente para limitar as ocorrências de intolerância verbal na internet. Por se tratarem de expressões verbais e não uma “concretização” da ação violenta em seu sentido físico, a intolerância é, muitas vezes, defendida como uma simples opinião, visão refutada neste trabalho. Por ter um forte caráter identitário, a intolerância verbal visa, além de fortalecer o *nós*, fazer mal ao *eles*. Há um sentimento exacerbado de repulsa em relação ao outro porque este rompe os pactos sociais aceitos e partilhados pelo *nós*. A intolerância verbal, então, ainda que materializada no discurso, não deve ser pensada como um tipo ou gênero textual, mas sim como um fenômeno social.

A partir de nossas análises, vimos que este fenômeno se materializou como resposta a um discurso religioso. Isso só foi possível por uma conjuntura complexa, que envolve: 1) a mediação progressiva do discurso religioso, que aproximou a Igreja do fiel e do público em geral; 2) a popularização dos sites de redes sociais, que ofereceram os dispositivos necessários para que essa aproximação se efetivasse; 3) um contexto de divisão ou polarização política no país, causado por um processo de ruptura democrática colocado em prática desde o afastamento da presidenta Dilma; 4) a atuação da Operação Lava-Jato, especialmente a deflagração da prisão do ex-presidente Lula e seu impacto sobre as eleições de 2018.

Essa característica polêmica do discurso, por tratar de um tema de interesse público no Brasil, causou um choque entre duas bolhas: a daqueles que concordaram com a mensagem veiculada no tuíte analisado, possivelmente porque consideram Moro um juiz parcial, e a bolha daqueles que discordaram da publicação, possivelmente porque consideravam que Moro havia feito um bom julgamento.

A impossibilidade do diálogo e de uma argumentação racional frente a um tema que mobilizou grupos sociais divergentes foi concretizada por meio dos diversos casos de intolerância verbal. Isto aconteceu porque para compreender o mundo, de acordo com Charaudeau, “os dois parceiros do ato de linguagem recorrem a ambientes discursivos supostamente partilhados” (CHARAUDEAU, 2007b, p. 244). Ou seja, para que dois grupos diferentes possam entender a visão de mundo do outro, é necessário que haja um ambiente minimamente partilhado. Se isso não ocorre, dificilmente haverá um meio termo possível para a comunicação.

A partir da análise do conteúdo verbal do vídeo publicado, notamos que no pronunciamento do Papa, há o uso do comportamento elocutivo no verbo “rezemos”, usado para demonstrar que o Pontífice e os demais católicos do mundo estão em um mesmo nível de fé, reforçando a ideia da identidade de um Papa mais próximo de seu rebanho. Em seguida, ao usar o comportamento delocutivo, há um maior efeito de verdade ao dizer que “os juízes devem seguir o exemplo de Jesus” e “serem isentos de favoritismos”, impondo a noção de que tais declarações não são apenas a opinião de Francisco, mas são verdadeiras por si só.

Dentre os 5639 comentários coletados até o dia 22 de maio de 2020, encontramos 289 respostas contendo intolerância verbal. Isso representa um total de 5,12% do total, classificados entre: comentários de engajamento, que são a favor do Papa e de seu discurso ou

a favor de outros usuários e de seus discursos; comentários de não engajamento, que são contra o Papa e seu discurso ou contra outros usuários e seus discursos.

Na análise do modo Enunciativo, identificamos o uso dos três comportamentos (alocutivo, elocutivo e delocutivo) tanto em comentários de engajamento quanto de não engajamento. Nos comentários de engajamento, o comportamento alocutivo foi mais utilizado em relação ao discurso de outros usuários a partir das modalidades de Interrogação, como em “você não acha que a justiça tem que ser imparcial?” (caso 14), e Injunção, como em “enfia o comunismo no cu e respeita o papa” (caso 12). Já nos comentários de não engajamento, o comportamento alocutivo foi mais utilizado para dar uma ordem ao Papa que visa rejeitar o status de emissor, como em “vai tomar no teu cu, papa comunista” (caso 1) e “que papa chato, vai toma no cu” (caso 4), e não direcionado ao discurso do vídeo.

O comportamento elocutivo em comentários intolerantes de engajamento demonstrou a visão do sujeito comunicante, seja ela individual, seja coletiva. O mesmo aconteceu com comentários de não engajamento, mas do ponto de vista de motivação, em que o enunciador demonstra a causa pela qual respondeu ao Propósito.

Na análise do comportamento delocutivo, tanto nos comentários de engajamento quanto de não engajamento, foi possível identificar a recorrência da modalidade de Asserção, caracterizada pela enunciação de uma verdade (fazer crer) e não pela verdade do Propósito. Este comportamento foi o mais usado em comentários de não engajamento, uma vez que tem alto valor de evidência, reforçando o caráter argumentativo dos comentários que expõem opiniões e julgamentos para serem vistos por outros usuários.

A investigação do modo Descritivo demonstrou mais explicitamente as percepções individuais de cada sujeito falante, uma vez que é a partir das escolhas lexicais, de modalizações nos verbos, de combinações sintáticas, dentre outros, que EUE expressa sua visão do mundo. Para Charaudeau, o Descritivo e Argumentativo estão estritamente ligados pois as descrições “emprestam” operações lógicas para classificar os seres.

Todas as qualificações, tanto em comentários de engajamento quanto de não engajamento, se enquadram no que Charaudeau define como construção subjetiva do mundo. Isso nos faz crer que esta pode ser uma característica inerente aos comentários intolerantes, já que visam atacar o grupo opositor, ressaltando que a maneira certa de ver o mundo é a do *nós*. Um recurso muito utilizado para reforçar esta oposição entre *nós* x *eles* foi a generalização, já que para

contestar ou atacar o eles é mais fácil que todos tenham a mesma característica alvo da crítica e da intolerância verbal do que criticar individualmente cada um dos usuários.

Outro conteúdo identificado com recorrência no Modo Descritivo foi a sobreposição das categorias de denominação e qualificação em comentários intolerantes. Tal estratégia retoma a hipótese de que a existência dos seres nomeados passa a ser resumida às qualificações atribuídas, que, no caso dos comentários intolerantes, sempre serão negativas, reforçando a força argumentativa que as respostas possuem por incitarem outros usuários a se manifestarem.

A análise do modo Argumentativo demonstrou uma relação indissociável entre o EUE e o TUD. Isto acontece porque não é possível haver argumentação sem que haja para quem argumentar. Dentre os procedimentos semânticos utilizados, o domínio do Ético foi o mais mobilizado em comentários de não engajamento direcionados ao Papa, como em “demônio” (caso 98), “lobo travestido de cordeiro” (caso 99), “besta do Apocalipse discípulo de Lúcifer” (caso 101), “demônio vestido de branco” (caso 102), “anticristo” (caso 102), “o mal” (caso 102), “a reencarnação da maldade” (caso 102). O uso do Ético pode ter sido o mais recorrente porque no caso de uma tentativa de deslegitimar a mensagem do vídeo, é mais coerente fazer uso de argumentos que mobilizam a fé católica do que usar, por exemplo, o domínio do Estético e criticar a imagem física do Papa. O Ético é usado também em não engajamento direcionado a outros usuários, “vagabundo” (caso 108), “fariseus” (caso 110), “invejosos” (caso 110), “mentirosos” (caso 110), “víboras” (caso 110), “hipócritas” (caso 110), “judas” (caso 110), “falsos” (caso 110), “ladrões” (caso 110) e “corruptos” (caso 110). Já nos comentários intolerantes de engajamento, que são direcionados a apoiar a mensagem do Papa, o domínio mais utilizado foi o do Pragmático, como visto nos exemplos “quanta ignorância” (caso 112), “sua anta” (caso 112), “burra demais” (caso 112), “imbecil” (caso 113), “burrice” (caso 114) e “lixo humano” (caso 116).

A partir da noção de imaginários sociodiscursivos de Charaudeau como representativos do pensamento fundador de um grupo, identificamos cinco principais imaginários mobilizados entre os comentários intolerantes: o de comunista; o da esquerda como campo político negativo; o de gado; o da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo do Papa; e, por fim, o da pedofilia como prática da Igreja Católica. Os imaginários identificados foram analisados a partir das temáticas propostas por Barros (2011) e Melo (2020). Apesar de não serem verdades absolutas e variarem de acordo com os diferentes

grupos sociais, os imaginários têm força de verdade e representam uma percepção do mundo partilhada e socialmente aceita.

O primeiro imaginário, de comunista, foi identificado como uma forma de intolerância, uma vez que tal vocábulo, na atualidade, não se relaciona apenas a uma crença política e ideológica da pessoa, mas, sim, um julgamento sobre como aquele indivíduo se comporta: alguém que compactua com governos autoritários, que não respeita a propriedade privada e que deve ser banido e repudiado pela Igreja Católica. O comunismo é o caso, como apontado por Charaudeau, de um saber de conhecimento, um construto teórico, que passou a ser visto como um saber de crença, sendo entendido erroneamente como uma doutrina, que seria seguida cegamente por seus apoiadores.

Uma forma menos grave, mas que ainda foi mobilizada com a intenção de ofender, o imaginário da esquerda como campo político negativo foi acionado como sinônimo de alguém mal intencionado, mobilizando a temática da imoralidade.

O imaginário sociodiscursivo de “gado”, assim como os outros dois citados, carrega um forte caráter identitário que, neste caso, é em referência a uma pessoa facilmente enganada, persuadível. A temática da animalização perpassou todos os comentários intolerantes que mobilizaram o imaginário sociodiscursivo de gado, além de casos em que pudemos identificar a associação do outro ao pecado, como em “não perdoam nem o Papa e ainda se dizem cristãos” (caso 138), e a demonização do outro, como em “bando de gado [que faz o papel do] djabo” (caso 137). O imaginário de “gado” é menos generalizante do que os de “comunista” e “esquerdista”: para quem aciona estes dois últimos, todos aqueles que não apoiam o governo Bolsonaro e a conduta de Moro é comunista e esquerdista; em contrapartida, ser “gado” não é uma característica de todos que aderem aos pensamentos da direita política, mas apenas quem apoia o atual presidente.

Identificamos ainda o imaginário da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco. Em decorrência do contexto sócio-histórico-político brasileiro, a corrupção é um dos temas frequentemente mobilizados nas discussões políticas e é tida, muitas vezes, como o maior problema a ser enfrentado pelos brasileiros na atualidade. A temática mais mobilizada foi a da imoralidade, como notamos em “bandido que roubou o sonho de uma geração de crianças pobres” (caso 146) e “defensor de corrupto” (caso 147).

Por fim, o último imaginário identificado foi o da pedofilia como prática da Igreja Católica. Em função dos inúmeros casos de abuso sexual contra menores cometidos por membros ordenados da Igreja Católica, há uma ideia generalizada de que a instituição tem amenizado os episódios e evitado punir os culpados, como se a própria instituição concordasse com essa prática e fosse algo comum dentro da Igreja. Este imaginário foi mobilizado somente em comentários direcionados ao Papa Francisco e as temáticas mais abordadas foram a antinaturalidade do outro, o caráter doentio do outro, a imoralidade do outro e a associação do outro ao pecado, todas identificadas como inerentes à pedofilia.

Dentre os cinco imaginários sociodiscursivos identificados, o mais utilizado foi o de comunista. Responsável por 32%, a partir das 91 ocorrências, dos comentários em um universo de 289 respostas intolerantes, o imaginário de comunista passou a ser usado como um sinônimo de qualquer pensamento que destoe da noção pré-concebida de sociedade e justiça de alguns usuários. Em segundo lugar em quantidade de recorrências, o imaginário da corrupção foi usado em respostas intolerantes em direção ao Papa e também a outros usuários, mas quantitativamente o foco deste imaginário foi Francisco, alvo de 83% dos comentários que mobilizaram esta categoria. Isso significa dizer que, apesar da noção de que a corrupção é um problema social brasileiro e deve ser combatida por todos, o posicionamento contido na mensagem veiculada no Twitter do Pontífice foi entendido como problemático por ter gerado a interpretação de que Francisco poderia estar defendendo algum indivíduo alvo de parcialidade por parte de juízes, como o ex-presidente Lula. Os outros três imaginários identificados se aproximaram em questões quantitativas. O imaginário sociodiscursivo de gado foi mobilizado apenas em comentários direcionados a usuários da internet que não são o Papa. Dentre os 15 comentários identificados, 12 foram expressões de engajamento à mensagem do vídeo, o que representa 80% deste imaginário, enquanto as respostas de não engajamento foram somente três, totalizando 20% dos 15 casos. O imaginário de esquerdista foi acionado em relação ao Papa e em relação a outros usuários como expressão de não engajamento. Isso significa dizer que apenas quem se opôs à mensagem veiculada na publicação mobilizou este imaginário. Das 14 ocorrências, 8 foram direcionadas ao Papa e 6 foram direcionadas a outros usuários. O único imaginário sociodiscursivo que visou um único sujeito foi o da pedofilia. Em sua totalidade, os 14 comentários que mobilizaram este imaginário foram direcionados ao Papa Francisco. Isso se deve, como mencionamos, ao fato de que os casos de pedofilia e abuso sexual praticados contra menores por parte de membros

ordenados da Igreja Católica se tornaram de conhecimento público, propagando a ideia de que tal prática seria cometida por padres.

Diante do exposto, entendemos que a intolerância verbal foi usada como uma resposta à polêmica causada pela mensagem do Papa Francisco por causa, em grande parte, da atual situação social e política brasileira. Um vídeo que pede pela imparcialidade dos juízes e para que a injustiça não prevaleça deveria ser bem recebido por todos aqueles que se consideram católicos, uma vez que esses são dogmas da Igreja já conhecidos. A enorme agitação dos internautas em torno de um tema relativamente cotidiano demonstra, como é próprio da AD, que apenas o material discursivo não é suficiente para que o analista compreenda verdadeiramente um enunciado.

Essa diferença na forma de pensar e entender o mundo tem tido implicações mais profundas do que simplesmente uma discussão na internet. Pensar que vivemos em sociedade, que os grupos sociais nos formam e que nós formamos os grupos é entender nosso papel e nossa parcela de culpa sobre a atual polarização. Charaudeau diz ainda que viver em sociedade

significa que nos encontramos em grupos, que nos definimos através deles, e que, de algum modo, ao menos em parte, pertencemos a eles. A partir disso, coloca-se novamente a questão: quem sou eu no grupo? Passa-se do estatuto de sujeito ao de objeto. Se eu sou, em parte, o que o grupo é, o que é esse grupo? Ele se define em si mesmo, ou por oposição a outros grupos? (CHARAUDEAU, 2015, p. 13)

A necessidade da marcação de diferenças frente a outros grupos não é feita apenas porque se observa que o *eles* pensa e age de maneira diversa. É preciso atacar, enfrentar quem está do lado contrário. É preciso mostrar que não há um espaço possível de convivência, tornando o ambiente cibernético um local, muitas vezes, caracterizado pela presença de discursos intolerantes, afinal de contas “o mundo da internet é tão diverso e contraditório quanto a própria sociedade” (CASTELLS, 2003, p.48).

Entender a internet como um reflexo da sociedade nos permite, então, afirmar que se o ambiente cibernético se encontra sobrecarregado de exemplos de intolerância, é porque a sociedade também o está. É o que propõe a noção de disciplina indiciária (BRAGA, 2008). Braga (2008) propõe que é possível, a partir de estudos de caso, como este nosso trabalho, buscar indícios que remetem a fenômenos não evidentes em um primeiro momento. Para ele, “os indícios não remetem ‘de modo direto’ à realidade a ser capturada. É do conjunto de indícios relacionados pela pesquisa que se podem inferir lógicas, processos e estruturas que caracterizam o caso” (BRAGA, 2008, p. 81).

Isso significa dizer que a partir de um material empírico, como comentários em um tuíte, é possível buscar indícios, nos dados específicos, para um panorama geral, percebido indiretamente. A intolerância verbal presente nas respostas é apenas um dos indicadores de uma sociedade intolerante. É um dos muitos sintomas que este fenômeno pode vir a manifestar.

Para Barros, “as ações intolerantes decorrentes do medo do outro crescem, em geral, em momentos de crise” (BARROS, 2011, p. 12). As diversas crises vividas pela sociedade brasileira na contemporaneidade, seja política, seja social, sanitária, econômica, judicial, carcerária, hídrica, etc., só farão agravar este e diversos outros sintomas da sociedade intolerante em que vivemos.

Nossa pesquisa não pretende, é claro, esgotar as discussões acerca da intolerância verbal na internet. Pelo contrário: consideramos que, cada vez mais, o debate sobre esta temática se faz necessário para que, em um futuro não tão distante, a sociedade esteja consciente de que a intolerância se combate com tolerância. Não se trata de proibir ou coibir as expressões intolerantes, porque nenhuma proibição de ação é capaz de eliminar este tipo de pensamento, uma vez que este já está enraizado na sociedade. É essencial, portanto, que mais trabalhos nessa área sejam realizados para elucidar que devemos ir à origem do problema ao invés de ignorá-lo adotando medidas que apenas mascarem tais questões. É preciso enaltecer nossas diferenças, celebrando o outro, o contrário e o adverso. Só assim a alteridade será naturalizada e entendida como possibilidade de enriquecimento para toda sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. Q. Fake news: arma potente na batalha de narrativas das eleições 2018. São Paulo: **Ciência e Cultura**, v.70 n.2, abr./jun., p. 9-12, 2018.
- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017a.
- AMOSSY, R. Pour une analyse discursive et argumentative de la polémique. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, jul, 2017b.
- ANDRADE, R. A. Pedofilia: doença ou crime? Um estudo acerca da (in)imputabilidade do pedófilo. **Jus Navigandi**, 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/82313/pedofilia-doenca-ou-crime-um-estudo-acerca-da-in-imputabilidade-do-pedofilo> Acesso em: 01 jun. 2021.
- AQUINO JÚNIOR, F. de. “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. **Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 631-657, set./dez. 2016.
- ARAÚJO, N. **Liberdade de expressão e o discurso de ódio**. Curitiba: Juruá, 2018.
- ASSIS, D.; MELO, M. Analisando o discurso religioso midiático no programa DE FRENTE COM GABI: um contraste entre os discursos do Padre Fábio de Melo e do Pastor Silas Malafaia. In: MELO, M. (Org.) **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, p. 85-104, 2017.
- BARROS, D. L. P. de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, D. L. P. de. (Org.). **Preconceito e intolerância**. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.
- BARROS, D. L. P. de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. Campinas: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v. 58, n. 1, jan./abr., p. 7-24, 2016.
- BARROS, D. L. P. de. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação: XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, **Anais...** João Pessoa, 2014.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Orgs). **Mediação & midiaticização** [online]. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, São Paulo, n. 2, abr. 2008.
- BUENO, A. M. Sobre a intolerância: percursos semióticos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. esp., maio, p. 40-56, 2020.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007a.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural. In: LARA, G. P., LIMBERTI, R. P. (Orgs.) **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, p. 13-30, 2015.

Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-linguistica-identidade.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CHARAUDEAU, P. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional In: PIETROLUONGO, M. (Org.) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 309-326, 2009. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. SILVA. A. L., ANGRISANO, R. M. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, P. Pathos e discurso Político. In: MACHADO, I. L., MENEZES, W., MENDES, E. (Org.), **As Emoções no Discurso**, Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 240-251, 2007b.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 11-27, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em 17 ago. 2020.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. MACHADO, I. MELLO, R. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Nad-FALE-UFMG, 2001.

COLOMBO, C.; NETO, E. F. Ciberespaço e conteúdo ofensivo gerado por terceiros: a proteção dos direitos de personalidade e a responsabilização civil dos provedores de aplicação, à luz da jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça. Brasília: **Rev. Bras. Polít. Públicas**, v. 7, n. 3, p. 216-234, 2017.

COUTO, C. G. Novas eleições críticas?. **Em Debate**, v. 6, p. 17-24, 2014.

EMEDIATO, W.; FRANCO, E. Discurso religioso, argumentação e cognição da fé. In: MELO, M. **Reflexões sobre o discurso religioso** (org.). Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, p. 197-217, 2017.

ESPÍRITO SANTO, M. O.; DINIZ, E. H.; RIBEIRO, M. M. Movimento passe livre e as manifestações de 2013: a internet nas jornadas de junho. In: PINHO, J. A. G. (ed). **Artefatos digitais para mobilização da sociedade civil: perspectivas para avanço da democracia** [online]. Salvador: EDUFBA, p. 141-167, 2016.

FADEL, A. L. M. **O discurso de ódio é um limite legítimo ao exercício da liberdade de expressão?**: Uma análise das teorias de Ronald Dworkin e Jeremy Waldrona partir da herança do liberalismo de John Stuart Mill. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

FERNANDES, V. **A ideologia nos discursos do Papa Francisco: Uma análise sociocognitivo-carismática**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 8ª Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

- FREITAS, R.; CASTRO, M. Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio: um exame sobre as possíveis limitações à liberdade de expressão. **Revista Sequência – Estudos Jurídicos e Políticos**. V. 34, n. 66, p. 327-355, 2013.
- LEMOS, A. Os sentidos da tecnologia: Cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, A. LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, p. 21-31, 2010.
- LENZENWEGER, J. *et al.* **História da Igreja Católica**. Tradução de Fredericus Stein. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- LOVELUCK, B. **Redes, liberdades e controle: uma genealogia política da internet**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MARQUES, M. S. C. O “bunker-bolha-glocal”: isolados em meio à multidão. VIII Simpósio Nacional da ABCiber. **Anais...** São Paulo, 2014.
- MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MELO, K. “Não é preconceito, é só a minha opinião”: A construção discursiva da intolerância no Facebook. In: VIII SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, n. 1, p. 571-586, 2017.
- MELO, M. A utilização das redes sociais pela igreja: novas formas de diálogo com o fiel. **Gláuks online**, v. 15, p. 71-86, 2015.
- MELO, M. O discurso religioso na mídia: o aconselhamento religioso sobre o cristão e o carnaval no canal do YouTube do pastor Lucinho Barreto. **Catalão: LING. - Est. e Pesq.**, v. 21, n. 1, jan./jun, p.185-205, 2017.
- MELO, M. Rev. Da polêmica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no twitter sob a perspectiva semiolinguística. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1959-1982, 2020.
- MONTEIRO, D. S.; MELO, M. S. S. De Joseph a Bento, de Jorge a Francisco: um estudo sobre a construção do ethos e sua relação com os nomes dos papas. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 9, dez., p. 21-38, 2015.
- NASCIMENTO, S. **Documentos oficiais para o ensino de língua portuguesa na voz de professores elaboradores e receptores**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.
- RECUERO, R. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Rev. Fronteiras – Estudos Midiáticos**, vol. 16, n. 2, maio/ago., p.60-77, 2014a.

RECUERO, R. Métricas de Centralidade e Conversações em Redes Sociais na Internet: Desvelando Estratégias nos Debates Presidenciais de 2014. In: VIII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCiber, **Anais...** São Paulo: ABCiber, 2014b.

RECUERO, R. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014?. Belo Horizonte, **Rev. Bras. Linguística Aplicada**, vol.16, no.1 Belo Horizonte jan./mar., p. 157-180, 2016.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. Social Media and Symbolic Violence. **Social Media + Society**, abr./jun, p.1-3 2015.

RECUERO, R., ZAGO, G., SOARES, F. B. Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. XXVI Encontro Anual da Compós, **Anais...** São Paulo: ABCiber, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166193/001047200.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 fev. 2021.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Tradução de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1993.

RODRIGUES, S. A estrutura dialogal da polémica: aspectos configuracionais. Lisboa: Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, **Edições Colibri/CLUNL**, p. 273-283, 2008.

SILVA, J. C. Liberdade de expressão e expressões de ódio. **Revista Direito GV**, São Paulo, V. 11, n. 1, jan./jun., p. 37-64, 2015.

SILVA, W. P. Discursos criminalizáveis: proposta de conceituação a partir de cartas de ameaça. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 1-10, abr.-jun., 2020.

SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos Estudos Cebrap**, v. 85, p. 83-102, 2009.

WOODS, T. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. Trad. Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante, 2008.

ANEXOS

1. Comentários de não engajamento direcionados ao Papa

1.1 Ao discurso do papa Francisco

1. O papa deve estar se referindo a ele mesmo, julgando os padres pedófilos...
2. esse papa so abre a boca pra falar merda.cego guiando cegos,nao consegui discernir entre o pe direito e o esquerdo.
3. Você é o juiz mais parcial, omissivo e medíocre que existe. Se esconde sob o manto do Sacerdocios desonrando aquela que deveria ser a sua missão para os católicos. O Pastor de Israel. Quando você defendeu as vítimas de Nicolas Maduro?
4. Que video bacana, Papa. Agora faz um mostrando a pedofilia na igreja. Mas tem que mostrar o adulto segurando uma foto dele quando criança sendo estuprado pelos padres, ok? Saudades do Papa João Paulo II. #SomosTodosMoro
5. Que tempo nós vivemos, Papa Comunista! Faça um vídeo contra as Ditaduras Socialistas, duvido!!
6. Parece que o juiz MORO que é o CRIMINOSO e o condenado o inocente! Q feio! Q desprezível. O sr. esqueceu dos 10 mandamentos: roubar e matar e pecado MORTAL. Corrupção MATA faz sofrer e mata milhões de pessoas de forma anonima e silenciosa. Cada um é que sabe as agruras que passa.
7. Filho da puta arrombado do caralho!!! Mau sabe o que acontece nos porões do Vaticano e vem dar pitaco sobre o que um juiz deve ou não fazer por aqui?!?!?!? Pqp
8. Brother, que vídeo bosta, junto com esse cara populista do caralh...
9. Ki bosta, maldito papa da Idolatria e da mentira, chefe de uma igreja morta, corrupta, nefasta, manchada de sangue inocente, de milhares de crianças vítimas de pedofilia, cometidas por padres e bispos psicopatas,- não tem nenhuma propriedade pra criticar o herói @SF_Moro
10. Papa Chico, O Comunistão, gravando videozinho pedindo “imparcialidade” a juízes? Pq ele n pede isso p os ditadores comunistas e socialistas, que pintam e bordam pelo mundo e ele sequer dáum piado magro. Esse sujeito é o fim. Milhares de pessoas massacradas p Maduro e ele calado.
11. Esse papa não sabe de nada esse bosta então na opinião dele Lula é honesto vai lavar a sua boca podre e depois fala do nosso herói Sérgio moro seu merda
12. Não devemos levar a sério nada que saia desse ser desprezível. É um inútil. A sociedade de bem, trabalhadora agradece se vc puder parar de dar sua "opinião".
13. A oração do papa pro mês de Julho jáera planejada desde Janeiro, é impressionante como o pessoal se vicia em Twitter e começa a ver indireta em todo lugar, sem ao menos se informar, só pode se tratar de um tipo novo de retardo mental, Deus tenha piedade.
14. Tão falando mal do meu papaaaa! Ah, vai tomar no seu cu, maluco! Eu não gosto de muitas declarações do papa, essa declaração ambígua é muito estranha agora, o que se mostra na internet atual é que não se pode confiar em muitos sacerdotes católicos. Tem que desenhar, arrombado?pic.twitter.com/QxxLYw2pFn

1.2 Ao sujeito enunciador do Papa Francisco

15. Ostias para ateus e supostos satanistas?
16. Teu cu papa

17. Demônio
18. Seu papa corno kkkk para de defender os bandidos
19. Papa comunista
20. Papa comuna
21. Comunista
22. O papa é comunista
23. Foda-se, argentinos esquerdistas.
24. Papa COMUNISTAS FDP
25. O Papa é hipócrita. Lobo travestido de cordeiro
26. Comunista de merda ...
27. seráque deus sabe que vc é COMUNISTA hein papa????
28. "Papa Comunista
29. Vai cuidar dos pedófilos da sua igreja!
30. Papa comunista vermelho.
31. Papa COMUNISTA????
32. Hipócrita, defensor de bandidos.
33. Papa comunistas
34. Padreco bichona vai cheirar po com maradona
35. Papa vai cuidar dos padres comedores de criancinhas!
36. O papa do cão?
37. Papa patético
38. Excomungado
39. PAPA COMUNISTA ! PETISTA
40. Cuidado com este empregado de lucifer
41. Papa comunista..não sabe quem é o maior ladrão do Brasil.. defende Lula..
42. Vai tomar no teu cu papa comunista, tu envergonha Deus e a igreja
43. O EsquerdoPAPA ataca outra vez. Saudades de João Paulo II...
44. Só podia ser argentino o filho da puta
45. Vai limpar o cálice sagrado,idiota
46. Isto não é papa Isto é o antipapa Usurpador da cadeira de Pedro Mais globalista satanista discípulo de Lúcifer Apocalipse 13 11 eis a besta
47. A besta do apocalipse Discípulo de Lúcifer
48. Esse papa é visivelmente esquerdista hahahahhahahahaha
49. Sonhamos que os padres tbm deixem de ser cachaceiros e alguns pedófilos
50. Salve Papa Francisco na onde vc comprou estão em é da boa em defendendo Ladrão agora quem lacra não lucra em Melhor se reposicionar jádefende pedófilos agora ladrão kkkk
51. O senhor @Pontifex_pt deveria se preocupar com o "Clero come cu" que existe nessa igreja católica. Jáavisaram a ele que a idade média jápassou e pouco importa o que a igreja católica pensa?
52. O Papa poderia cuidar de sua igreja que jáé corrupta e pedófila o suficiente para ter milhoes de posts contra esses temas. Deixa politica e direito para quem de fato deve cuidar...
53. @Pontifex_es não é pop, e vermelho!!! Por isso a igreja católica vem perdendo frequentadores. Um Papa comunista e aqui no RJ, Brasil um sacerdote @arqrio propineiro! Ladrão! Que rouba de hospitais.
54. PAPA Comunista por favor o pior Papa da história , cuida dos assuntos da igreja e deixa o Bandido PILANTRA vagabundo do Lula la PRESO.

55. Estou deixando de ser católico por causa dessa merda de papa que não me representa como homem de Deus! Quem defende o comunismo tem que apodrecer atrás das grades!
56. Nojo deste Demônio vestido de Branco! O Anti-cristo! O mal! A Reencarnação da maldade! Saudades do Papa João Paulo II! #Fimdaigrejacatolica #Papaacaboucomnossareligiao #Papavaiqueimarnoinferno
57. I was catholic but because that pope Me anad my family abandoned the church . I believe in GOD however I do not have faith in this communist pope we are missing the real Pope John Paul II , God bless him.
58. As suas atitudes só mostram quão certas estão as profecias contidas no livro do Apocalipse. E, até mesmo as que foram feitas por São Malaquias. Certamente que você é o "Papa Negro" que está sucumbindo a Igreja. Você sabe a que eu me refiro.
59. Um Papa mau caráter, comprometido com as forças malignas das trevas, que está tentando destruir a Santa Igreja. O Senhor Bergolio não é digno de ser o sucessor de Pedro. Isso é uma verdadeira palhaçada.
60. Gostaria muito de ver os portões do Vaticano abertos para receber refugiados muçulmanos, assim poderiam expressar todo seu "amor" pela igreja católica. Seu hipócrita de m****
61. Va ensinar a Bíblia, francisco, e pare de enganar as pessoas, pessoas essas, de bem...papado enganador, o dia do fim dessa seita esta chegando ao fim...
62. O papa não é comunista, mas a pessoa que administra @Pontifex_pt com certeza é.
63. Papa não dá conta nem de resolver os problemas dos "padres" molestadores de coroinha, e quer resolver os problemas do brasil!
64. Papa comunista infiltrado na igreja católica é inimigo do mundo, se ele não tem caráter e defende bandido não é a voz de Cristo, jornalistas sempre foram cooptado pelos comunistas para propagar mentiras, serem conhecidos no mundo não diz que não sejam mentirosos
65. Vergonha de sua carta ao Ladrão Lula, que roubou o povo brasileiro, vergonha desse seu vídeo tendencioso...vergonha de ter hoje um papa na igreja católica capaz de virar as costas aos brasileiros de bem tomando o partido de bandidos...que decepção!!!!
66. Não preciso de papa babaca, lixo.
67. Tá falando daquele comunista q assumiu cadeira no Vaticano e q chamam de papa?
68. Grande merda sua ameba! Esse papa nao representa a igreja catolica!
69. Vc é uma vergonha pro catolicismo, seu papa comunista!
70. Hey papa .. you smoke weeds today? Ir forget read the book of Levítico 12:8 ?
71. O papa q se foda e o lula continue preso !!!
72. Papa de merda, comunista, safado e sem vergonha!! Pra lambar as bolas de ditadores, ele sabe bem! A foto abaixo ilustra muito bem quem este canalha é de verdade!pic.twitter.com/UjteTkyssP
73. Vc é um palhaço!!!seu ridículo!!!
74. Vai a merda papa , abaixo de Deus somos todos iguais ,cuida do seu pais, e se preocupar com as crianças e os inocente que estão sendo mortas no mundo ,deixa que os ladrão o moro cuida
75. Anche il Papa dovrebbe essere esentato. È molto brutto vedere un prete comunista, la politica che predica l'antitesi della vita. The Pope should be exempt as well. It is very ugly to see a communist priest, the policy that preaches the antithesis of life.pic.twitter.com/WyoURxPO47

76. Padre comunista é comum de ver, agora um papa comunista é de lascar !! Não tem meu respeito @Pontifex_pt
77. Papa vagabundo de esquerda simpático a ditadores sanguinários, pilantra incapaz.
78. @Pontifex vai arder no fogo do inferno defendendo um Bandido que roubou o sonho de uma geração de crianças pobres.
79. Papa militante esquerdopata ativista globalista comunista ...
80. Esse papa é comunista
81. Não acredito, até o Papa é corrupto, em que planeta ele mora? 500 bilhões de desvio e esse cidadão a favor dos corrupTos, fim de mundo.
82. 500 bilhões! 500 bilhões ! Papa maldito!
83. O mais comunista, de longe
84. Tá explicado porque esse papa é o mais comunista de todos.
85. Vai cuidar da igreja e esquece o resto ! Ninguém precisa de palpite de comunista aqui não
86. Com vocês o chefe da maior organização criminosa e assassina da história da humanidade. Disparado em primeiro lugar.
87. Infelizmente ele apóia o comunismo
88. Vossa santidade deveria ser útil. É tão inútil à humanidade quanto o porco de nove dedos que está preso
89. Comunista vagabundo!! Si un juez tiene que ser imparcial, porque defendes Venezuela!! Que vergüenza un Papa comunista..deberia ser excomulgado
90. Profeta do Diabo. Comunista.
91. Papa esquerdopata!!!!!!
92. Tomara que me leia. Argentino, vai dar palpite no teu país. Aliás é bom cuidar a comunista Cristina Kirchner está colocando um poste pra afundar de vez teu país. Velho puxa saco de corruptos.
93. Papa argentino e comunista fazer o que papae um ser humano como qualquer outro
94. Papa comunista
95. SEMPRE SOUBE QUE ESSE PAPA ERA COMUNISTA!!!! #LulaNaCadeia
96. Habemus Hypocritae
97. Vc não é Deus e nunca será um ser humano normal. Papa comunista o Brasil não precisa e nem pediu sua opinião. Tira a batina e vira político logo é melhor. Assuma a sua verdadeira face. #reformadeltrilhaojá
98. HIJO DE UNA PUTISIMA MADRE..... GILIPOLLA.... VETE A LA PUTA CUBA QUE TE PARIÓ... TU NO ERES PAPA....ERES EL ANTI-CRISTO... COMUNISTA DE MIERDA. HACIENDO VIDEOS APOIANDO EL MAYOR LADRON DE TODOS LOS TIEMPOS.... PAPA EXCOMUNGADO!!! CABRON
99. Papa ecumenista e comunista que defende e vitimiza bandidos .
100. Comunista.
101. Papa comunista.destruindo a igreja de dentro de seu seio.apoiador do assassino Maduro.Cala-se com as perseguições ao cristãos no mundo ,diga-se China e países islâmicos.Covarde.
102. Papa comunista
103. Acho que esse papa e Lula não tem diferença nenhuma, dois desonestos
104. Chega de Papa comunista. Queremos nos defender do Islã e do comunismo.
105. Quem convida as FARC, via campesina e mst p partic d conferência global dos movimentos sociais promovido pelo vaticano em 2016, o q ele é? Comunista é apelido! Quem defende invasões de prop privada e diz ser repr d Cristo aqui na terra, engana a quem?

106. Papa ativista comunista.
107. Esse lixo apoia até Maduro!!
108. Toma vergonha na cara, comunista de merda!!
109. Papa comunista nao me representa como catolico!
110. Esse papa, juntamente da CNBB e da teologia da libertação, está destruindo a igreja Católica. São os representantes do mal instalados dentro da Igreja para destruí-la por dentro.
111. não suporto mais ver esse papa comunista que não gosta de pobres, ama Maduro
112. BERGOGLIO eres un Comunista simplemente PROFESO!!
113. V.Ex.^a é comunista, Papa?
114. Papa tá usando droga
115. Igreja de corruptos, nunca terão meu respeito. Vai vender terreno no céu. Pedófilos
116. Papa, como todo o respeito, vá tomar no meio do seu cu! Vá cuidar do monte de padres pedófilos espalhados mundo afora.
117. Esse papudo vai queimar no mármore do inferno
118. Deverias cuidar da igreja q tá uma porcaria seu babaca..
119. Tu não representa nossa igreja católica, tu es excomungado pela lei do Vaticano ,, lixo que apoia comunista assassino [pic.twitter.com/XkbrLyyMZL](https://twitter.com/XkbrLyyMZL)
120. Esse babaca só defende os corruptos daqui do Brasil, parabéns e envergonhe os católicos do Brasil
121. COMUNISTA SAFADO!!!
122. Papa comunista. Você não representa o meu Deus.
123. é um papa vagabundo
124. Tinha que ser argentino.
125. Seu comunista de merda, saudades do último papa de verdade, João Paulo II
126. Papa comunista
127. Esse papa não representa o nosso senhor Jesus Cristo, o indivíduo em uma como a dele não deveria defender bandidos é sim as pessoas de bem, xô satanás!
128. Igreja católica a grande prostituta descrita em Apocalipse.
129. Papa esquerda sabia que era, agora canalha é novidade.. tem vergonha não depois de velho defender bandido??
130. #PAPACOMUNISTA
131. Esse papa é igual o luladrão, só engana trouxa. Cara de pau.
132. papa comunista...
133. Olha só o estuprador defendendo corruptos... Nada de anormal.
134. Me desculpem, mas esse papa é o pior ser humano que já vi!! Ele é um comunista de primeira, defendendo corruptos, #FORAPAPA volta ao seu país de origem, eu não gosto de você e de nenhum padre etc!!
135. Q papa chato, vai toma no cu
136. Papa de MERDA!!!! Defensor de CORRUPTO que lesa, dentre outras tantas canalhices, 500 BILHÕES de reais que podiam estar sendo usados em hospitais, por exemplo, seu imundo!!! Pessoas morrem por causa de corrupção seu MERDA. Que o CAPETA te receba no inferno!
137. Papa Comunista?
138. Comunista X9
139. Sou católica. Papa comunista não me representa
140. Pra começar um papa marxista q já é uma bosta, e pra fder tudo ele é um jesuíta, coisa q ele não deveria a ser ser é papa...é uma mistura do diabo com o capeta..
141. Communist

142. Ridículo, hipócrita
143. Amém, esse papa é o anti Cristo
144. Daqui a pouco aparece católico templário de sofa, passando pano pra esse pontífice comunista.
145. Você é o Pior Papa que já existiu. Você devia ser excomungado! Que o Papa Bento XVI volte e você vá embora pra Argentina. Não queremos um papa comunista defensor de bandido!
146. Esse papa é comunista. Apoia Maduro.
147. Papa comunista defensor de bandido!
148. Papatetico
149. Papa marxista, o último Papa.
150. Sai daki demônio
151. papa comunista
152. Comunista, Mi madre es católica y para ella y miles de católicos, usted no los representa, defensor de bandidos.
153. Vai de retro sataná
154. Cocomunista
155. ESSE É O CHEFE DOS PEDÓFILOS E ESTUPRADORES DE CRIANÇAS
156. O Lula é corrupto e ladrão mesmo que um papa comunista diga que não
157. só podia ser argentino pra fazer tanta merda! Porra papa.
158. E as vítimas desses corruptos? Não significam nada ? Quantos seres humanos morrem nas filas esperando um atendimento que nunca vem por falta de recursos. Recursos esses que foram roubados pelo político. Defensor de genocida! LIXO
159. Seu excomungado
160. tb acho, sempre soube q esse papa era comunista!
161. Nojo! Esse papa ã representa a Igreja de Cristo. É um comunista, marxista, petista! Daqui a pouco vai falar que gayzismo é natural, que veado é gente, contrariando os mandamentos passados por Ele a Moisés, como diz a Bíblia em Levítico 20! Esse “papa” tem que sofrer impeachment!
162. Papa comunista.
163. Comunista safado
164. Um comunista a mais tentando enganar ainda mais o povo
165. Papa comunista, mais que isso quem defende ladrão passara a ser chamado de Ladrão! Tenha vergonha!
166. Anticristo! pic.twitter.com/jlQ99lOyr8
167. PAPA DE CÚ É ROLA
168. Porquê não te cala. Venezuelanos morrendo de fome e ficou caladinho. Deus estávendo suas manipulações comunista.
169. Vaffanculo
170. seu comunista
171. Por isso que tem O PT no final da arroba né papa comuna
172. C O M U N I S T A
173. Papa comunista
174. PAPA ESQUERDISTA PETRALHA VAI PRA CUBA
175. um pedófilo, corrupto, assassino acha q tem moral

2. Comentários de não engajamento direcionados a outros usuários

2.1 Ao discurso de outros usuários

176. Larga de ser burra filha. A carapuça serviu ? Ele não cita nomes! Ele tem uma agenda se vc não sabe. Retardada. Falar sobre justiça era o tema de julho vaca burrapic.twitter.com/TemrYBPaIG
177. Mas ele está defendendo um juiz que defende a verdade e não corruptos hipocritas..
178. Precisa ser ainda mais claro? Bolsominion é uma raça de te te burra mesmo! CLARO QUE FOI UMA DIRETA PARA MORO, DALLAGNOL, LAVA-JATO E VOCÊS, MINIONS TONTOS!
179. pra vc ver a parcialidade do bosta, cadê os das malas lotadas de dinheiro? cadê os dos áudios vazados? cadê o Aécio que mataria o primo antes de delatar? ahhhhh vão se catar seus cegos!
180. Credo, vc parece um lixo humano! Pelo dito, parece que nada entendeu sobre a msn, por isso está na lista dos habitantes fanáticos e míticos do pé-de-goiaba . Que Deus tenha misericórdia de ti, Tire o seu ódio e Desperte sua consciência p/ o Bem e a Verdade, querida...
181. Credo, você é um lixo humano... Infelizmente, o que escrevi a pouco para ti, depois desta, acho que até Deus vai desistir. Ódio acumulado dá nisto, mas cuidado com doenças psicossomáticas que consomem o corpo e a alma, querida@s.
182. Jumenta, o Papa não está defendendo ninguém não. Ele está pedindo que juizes sejam imparciais. Vc é contra uma justiça imparcial?
183. Mano vc ta zuando nékkkkkkkk Não pode alguém ser tão burro de ver um pt de português e achar que é do partido PQP KKKKKKK RI ALTO NO ÔNIBUS KKKKK
184. To chocada com a burrice e ela militando contra o papa q falou q juiz tem q ser imparcial kkkk TA NA CONSTITUIÇÃO isso, mó retardada do caralho
185. Os minions estão putos com o Papa, e o pontífice nem falou do marreco de Curitiba. Eles vestem a carapuça de pilantra no juizeco e ainda ficam xingando o Papa. ôôô boiada! O Papa tocou o berrante sem querer
186. Triste é ter UMA GADO dessa defendendo JUIZ LADRÃO, POLÍTICO MILICIANO SAFADO E UMA CORJA DE CORRUPTOS VESTIDOS DE SANTOS... Vai PASTAR, querida...
187. Quem roubou 500bilhoes Tá é louca rapariga puta Vai primeiro saber. No vai na onda dos outros não viu puta
188. Tu é muito LESADA @LuSarpori, não presta atenção a nada: 1) o PAPA não falou de roubos, bandidos, 2) 500 BILHÕES? só rindo da sua cara.
189. O papa não defendeu ninguém no vídeo sua sapa pau no cu maluca
190. Como pode ser burra assim meu deus? Ele está defendendo a neutralidade na justiça, e não a corrupção, qual o motivo do seu ódio? Juro que estou tentando entender seu comentário.
191. Ta dizendo que juiz tem q ser imparcial, bolsominion de mrda?
192. Vc não acha que a justiça tem que ser imparcial? Impressionante como vcs , eleitores do cramunhão, são burros e desonestos. Quer dizer que roubar para o lado de vcs tudo bem,né? Vcs são burros, desonestos, cafonas, rasos e vão se foder muito. A casa tá caindo, babaca.
193. Alguém NÃO entendeu o video. Eu traduzo pra ti, o Papa tá mandando o Moro pra merda mesmo, aquele juiz ladrão de merda!
194. Burrinha. Ele defendeu judiciário imparcial. Entende a diferença? Faz um esforço.
195. Hahauhauhauhahs Você tem de fato uma fala esquizofrênica. Ou só não é alfabetizada. Você desagrega na fala, não dá para entender o que você quer passar. Desculpa, não sabia dessa sua limitação. Tomara que possa superar isso

196. Vc pelo visto não leu a postagem do poste. Ele foi quem insinuou que o papa estava falando pro Moro. Cale a boca vc e aprenda a interpretar antes de sair dando coice, jumento.
197. que mentira ela falou, ô retardado?

2.2 Ao sujeito enunciador de outros usuários

198. o verdevaldo achando que o Papa iria defender esse putto kkk
199. Jesus Cristo pregou a verdade, ele é o mestre. Homens falham, inclusive o Papa. PT, Lula e demais integrantes da quadrilha são fariseus, invejosos, mentirosos, falam uma coisa e fazem outra. Víboras, hipócritas, Judas, falsos.. não praticam o que pregam! Ladrões, corruptos...
200. Táfoda hem, o pior é ver jumento chamando a direita de gado. É pro cu cair da bunda.
201. Tu defende o Lula, acho que não tem um exemplo melhor de gado do que vc, agora não sei como é que vc consegue raciocinar enquanto pasta. Aliás acho que támais pra jumenta, deveras não háesquerdistas provido de cérebro.
202. Ainda se diz cristã estáretardada mental. MEO DEOS . COMO PODE. UM papa falar em justiça e dizer que Jesus não faz acordo com a mentira e a injustiça só pode ser comunista apoiador de molusco e criminoso.
203. Cadê o dinheiro? Vai, sumir com um quarto do PIB nacional sem ninguém saber onde tá dinheiro é foda, principalmente que Lula foi preso por um triplex que nem 1 milhão devia valer, então cadê o resto? Você acredita em papai Noel Também? CADE O DINHEIRO, SUA GADO DO CARALHO
204. Lixos exploradores psicopatas comunistas. HIPÓCRITAS !!
205. Realmente , qualquer merda como vc vira. Mais uma mamador de pau de Lula.
206. Hahhahhahah os esquerdistas satanistas que enfiam crucifixo no C. estão aqui reverenciando o papa. #MoroHeróiNacional
207. Começo a concluir q só viveremos em paz na hora q o lula for para o inferno. Até láserámentira, injúria só para livrar esse vagabundo da cadeia.
208. Sai daee seu socialista escroto!
209. O papa Francisco hoje se tornou o queridinho da esquerda, que gut gut ... Seráque o papa sabe que a esquerda do Brasil enfia crucifixo no cu, esfrega N Senhora no pinto, chama Jesus de vagabundo e viado ? Eu conto ou vcs contam?
210. Ja vi esse mico antes ! É a cara da esquerda mentirosa, vagabunda e desinformada.
211. Verdevaldo é um asno
212. Falou o mamador de pau do Lula
213. Esquerdistas ateus desesperados!!! Usando até o Papa. Vão todos para o inferno!!
214. Khrushchev agradece a propagação do bom trabalho de Desinformatsya que fez. Comunista nojento
215. Para comunista nojento ter esse conceito não é nenhuma surpresa, Khrushchev fez um bom trabalho de Desinformatsya
216. Sai pra lácomunista canalha.
217. Vai a bosta Lula seu lixo
218. Sei de uma esse vídeo mostra como tem pessoas sujas pra usar até a igreja segura o bloqueei ai seu trouxa babaca fela da puta seu merda! Filho do capeta alma sebosa!
219. Sai fora seu comunista, respeite o papa seu ateu de merda
220. Na cara do jumento! Kkkkk boooa

221. TOMA NA CARA SUA RETARDADA. PARA aprender a interpretar o que te falam e não seguir amadeiras de piroca.
222. A realidade já tá visível pra todos a algum tempo, agora mais do que nunca. Mas com gado não dá pra discutir ou argumentar, pq gado não pensa, gado não entende a função de um juiz e chama de herói, o papa vem explicar e mesmo assim não entende...
223. Váa merda minion escroto!
224. Váa merda, cristã de goela!
225. Bostonarice acefálica degenerativa severa explica esse povo que esbanja vergonha diariamente
226. Você acha que terá? Defendendo milicianos, assassino e corruptos. Bando de gado sem nenhum pudor e vergonha.
227. Bando de gado defensores de milicianos, assassinos e corruptos. Não perdoam nem o Papa e ainda se dizem cristãos.
228. Para esses doidos Jesus defende armas, milicias, assassinatos, pobreza, mentira, etc. Bando de gado que fazem o papel do djabo.
229. Na cara do jumento! Kkkkk boooa
230. Quanta ignorância. Que 500 milhões sua anta? Burra demais #CadeiaParaMoro #LULALivre
231. noffa!!!! que macho!!! machocado!!!! babaca!
232. por detrás duma tela heim? qlqr bostinha vira gente
233. não somos obrigados a gostar de tudo, não eh um pacote fechado, ao contrario de vcs bolsogados que fazem malabarismos pra defender qualquer bosta do seu mitinho
234. Tomara que a burrice dos Bostominions não seja uma doença contagiosa!!!! <https://mobile.valor.com.br/brasil/6312235/nao-existe-caixa-preta-no-bndes-diz-paulo-rabello> ...
235. A bonequinha é tão imbecil que acha que uma pessoa que tenha um nível social melhor (q vcs imbecis chamam de ricos) não pode ser socialista. Babaca! Idiota!
236. Ficou irritadinha, boneca? Gentinha feito vc tem que toar bem láno fundo mesmo. Babaca! A imbecilidade é pré-requisito para fazer parte da turma de tontos. O mais interessante é que vcs sabem que são tontos. Burros d carga. Vá chupar prego pra ver se vira parafuso, otário! Vaza!
237. Ih, miga. Vc esqueceu de tomar seus remedinhos? Tá muita doida, rebeldinha, nervosinha, reacinha, fascistinha
238. enfia o comunismo no cu e respeita o papa
239. Nem no papa acreditam! Eles só acreditam em mamadeira de piroca, que a terra é plana e que bolsoAsno não é picareta miliciano preguiçoso. **ESSA GENTE É BURRA E MAU CARÁTER!**
240. enfia o comunismo no cu e respeita o papa
241. Sim, o certo é fazer arminha e matar geral, taokey kkkkkkkkkk bostao
242. Discutir com um Bolsominion é perder tempo. Além de não saberem interpretar, tem transtorno mental.
243. Essa mulher chegou no fundo do poço. Lixo. Triste e ver uma pessoa tão tonta falar mal de uma pessoa tão iluminada pra defender fascista. Mais o que é seu táguardado
244. Eita que os fascistas apoiadores do desMOROno estão vestindo a carapuça. A mensagem se enquadra bem para esses traidores o povo, políticos de toga, mal intencionados e manipuladores.
245. HAHHAHA 500 BILHOES. Vc é absurdamente retardada mental. Filha da puta.

283. Me arruma essas drogas que você usa pra ficar doidão e postar merda assim também
284. Vai se tratar sua retardada
285. Amebaaaaaaa
286. você é burra pra caralho.
287. FODA-SE
288. E você vai tomar no cu!
289. Sai capeta, táamarrado em nome de [Jesuspic.twitter.com/FTUGPAj2xu](https://www.twitter.com/FTUGPAj2xu)